



Convergência

Março • 2019 • ANO LIV

519

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010 - 8162





Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Pe. Ângelo Mezzari, rcj
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vitório, sj
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Irmão Lauro Daros, fms
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: crb@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73





Sumário

Editorial

MULHER: HARMONIA, POESIA, BELEZA 5

Mensagem do papa

A MUHER É A HARMONIA DO MUNDO 8

Mártires/Santos

IRMÃO EUGÊNIO CLÁUDIO ROHR: A BONDADDE
EM AÇÃO - *Irmão Canísio Puhl* 11

IR. TACIANO PEDRO: HOMEM DE DEUS, APÓSTOLO DOS
POBRES E DAS CRIANÇAS - *Reni Giaretta Oleksinski* 13

Informes

CARTA DOS PADRES SINODAIS AOS JOVENS 17

BEM-AVENTURADA CLÉLIA MERLONI 19
Ir. Vania Cristina de Oliveira

MUTIRÃO DAS NOVAS GERAÇÕES NO MATO GROSSO 27
Coordenação do Mutirão das NG's

PUXIRUM DAS NOVAS GERAÇÕES NOS CAMINHOS
DE MEDELLIN - *Ir. Katty, Ir. Gleide e Pe. Silas* 30

Artigos

NOVO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO: PARA ONDE O
PAÍS PODE IR? PISTAS DE DISCERNIMENTO 35
Robson Sávio Reis Souza

EXPERIÊNCIA DE DISCERNIMENTO COM A VRC 49
Irmã Helena T. Rech, sts

A IDENTIDADE DO PRESBÍTERO RELIGIOSO: UMA
IDENTIDADE PROBLEMÁTICA 64
Paulo Sérgio Carrarra, cssr





HOMICÍDIO JUVENIL: VIOLÊNCIA QUE ASSOLA A
JUVENTUDE BRASILEIRA

78

Davi Mendes Caixeta

O CARISMA-ESPIRITUALIDADE DE SÃO PEDRO NOLASCO
OITOCENTOS ANOS DE SERVIÇO À IGREJA E AO MUNDO

89

Fr. Lisaneos Prates, odem





MULHER: HARMONIA, POESIA, BELEZA

A Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) com gratidão reconhece a gentil presença da Mulher Religiosa em todo o Brasil levando a harmonia, a poesia e a beleza de Deus lá onde a vida mais clama. Papa Francisco, em sua mensagem, expressa que a mulher é harmonia, é poesia, é beleza. A ponto que “sem ela o mundo não seria tão bonito, não seria harmônico”. Afirma o Papa que “explorar uma mulher significa destruir a harmonia que Deus quis proporcionar ao mundo”.

A seção Mártires/Santos traz a biografia de dois Maristas, Irmão Eugênio Cláudio Rohr: a Bondade em Ação, e Ir. Taciano Pedro: Homem de Deus, Apóstolo dos Pobres e das Crianças. “O Irmão Cláudio foi mais uma estrela que brilhou no meio desta humanidade ferida. Foi uma vida que passou iluminando: sal da terra e luz do mundo”. “Irmão Taciano foi um bom e santo religioso marista moderno, anjo da guarda das crianças, pobres e abandonados. Viveu em profundidade as bem-aventuranças, características próprias de santidade”.

A seção Informe abre-se com a Carta dos Padres Sinodais aos Jovens, escrita na XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos: “A Igreja e o mundo precisam urgentemente de seu entusiasmo. Sejam companheiros de estrada dos mais frágeis, dos pobres, dos feridos pela vida”.

Irmã Vânia Cristina de Oliveira escreve a biografia da Bem-aventurada Madre Clélia Merloni, fundadora do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração (IASCJ). Expressa a autora: “O seu apostolado abraçava os pobres, os aflitos, os necessitados. Esse impulso misericordioso provinha da proximidade ao Sagrado Coração e do desejo de percorrer o itinerário dos primeiros enviados de Cristo. Ela procurou ajudar a todos reconhecendo a urgente necessidade material e, sobretudo, o drama da pobreza espiritual”.





A Equipe de Coordenação do Mutirão das Novas Gerações do Mato Grosso publica o relatório do Muritão que aconteceu de 21 a 23 de setembro de 2018, em Campo Novo dos Parecis. O Mutirão reuniu religiosos/as da etapa do juniorato até dez anos de votos perpétuos e foi marcado pelo entrosamento e partilha entre as diversas Congregações Religiosas presentes, como também pela reflexão do tema “*Saiamos depressa ao encontro da Vida*”. O pano de fundo da temática estava em comunhão com a Igreja, que celebra os 50 anos da Conferência de Medellín, que fez da “opção pelos pobres” a opção preferencial da Igreja latino-americana.

A coordenação das Novas Gerações Núcleo Manaus e a Equipe Estadual das Novas Gerações Região Norte publicam o relatório do Puxirum das Novas Gerações nos caminhos de Medellín, que aconteceu de 6 a 8 de setembro de 2018. O objetivo do Puxirum das Novas Gerações da VRC foi celebrar os 50 anos do Documento de Medellín. Por isso teve como lema: *Nos caminhos de Medellín*. E nesse caminho queríamos nos fazer próximos aos migrantes venezuelanos, realidade também dura e cruel em todas as suas dimensões, e assim eles nos proporcionaram uma vivência enriquecedora partilhando conosco suas dores, sonhos e riquezas culturais.

O primeiro texto da seção Artigos é sobre as eleições de 2018. Robson Sávio Reis Souza analisa o resultado das eleições de 2018 com o artigo “Novo cenário político brasileiro: para onde o país pode ir? Pistas de discernimento”. E agora?, pergunta-se o autor. “É importante refletir, à guisa de uma conclusão parcial e incompleta, que as eleições de 2018 fecharam um ciclo de ampliação de direitos e tentativa de consolidação de um estado de bem-estar social no Brasil, inaugurado com a Constituição Federal de 1988) e abriram um novo ciclo, que provavelmente será marcado pela voracidade no desmonte do estado social, restrição de direitos, controle e perseguição a movimentos e lideranças sociais, eclesiais e culturais e implementação de políticas que visarão o incremento da “economia que mata”.

Irmã Helena T. Rech, com o texto “Experiência de Discernimento com a Vida Consagrada” desenvolve com profundidade o conceito de discernimento. Ela explica: “Neste artigo compartilho com simplicidade um pouco daquilo que vivo, compreendo, aprendo no cotidiano, com leigos e leigas, em especial com a Vida Religiosa Consagrada, sobre a experiência espiritual do discernimento. Início com uma breve reflexão sobre o significado da palavra discernimento, a dimensão antropológica, eclesiológica, bíblica e teológica. Por fim, partilho um pouco minha experiência no âmbito da Vida Religiosa Consagrada.





Paulo Sérgio Carrara apresenta o artigo “A identidade do presbítero religioso: uma identidade problemática”. Carrara explica que “a identidade do presbítero religioso se torna problemática porque, primeiramente, une dois carismas distintos, que nasceram em contextos diferentes da história da Igreja. O carisma da vida religiosa consagrada não é presbiteral. Essa coexistência se tornou possível devido às vicissitudes da história e emergiu quando houve uma sacerdotalização do ministério presbiteral no início do segundo milênio. O Concílio Vaticano II recupera a perspectiva pneumatológico-ecclesial do primeiro milênio, na qual o episcopado é visto como “plenitude do sacerdócio”, sendo o presbiterado e o diaconado compreendidos a partir do episcopado. O concílio utiliza mais o termo presbítero do que o termo sacerdote e, em certo sentido, faz uma síntese entre os dois milênios, revalorizando, porém, a perspectiva do primeiro milênio. Nesse caso, a ordenação de religiosos se torna ainda mais problemática, uma vez que o presbítero religioso pertence a uma ordem ou congregação onde faz voto de obediência. Tal situação reclamando solução teológica”.

“Homicídio juvenil: violência que assola a juventude brasileira” é uma pesquisa de Davi Mendes Caixeta. Ele se pergunta: quem são esses jovens que padecem com a violência homicida? E esclarece: “Diante do catastrófico número de homicídios que extermina a população brasileira, buscamos compreender quem são essas pessoas vítimas de assassinatos, quem são esses jovens que perdem suas vidas. Não pretendemos tecer um perfil detalhado dos jovens brasileiros que sofrem com a violência homicida, mas destacamos algumas peculiaridades dos homicídios para ajudar a compreender quem são os jovens com maior suscetibilidade ao homicídio”.

“O Carisma-Espiritualidade de São Pedro Nolasco – oitocentos anos de serviço à Igreja e ao mundo”. Frei Lisaneos Prates oferece o contexto histórico e originalidade do carisma mercedário. “Nesta reflexão apresentaremos a base teológica que sustenta a ação carismático-espiritual iniciada por Pedro Nolasco nos idos do século XIII, em Barcelona, Espanha. Também levaremos em conta a atualidade do carisma-espiritualidade das mercês diante das atuais novas formas de escravidão no horizonte dos Oitocentos Anos de Fundação da Ordem das Mercês – 1218-2018”.

Irmão Lauro Daros – marista





A MULHER É A HARMONIA DO MUNDO

[HTTPS://W2.VATICAN.VA](https://w2.vatican.va)

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 07 de 16 de fevereiro de 2017

“Para entender uma mulher antes é necessário sonhá-la”: eis por que a mulher é “o grande dom de Deus”, capaz de “trazer harmonia à criação”. A ponto que, confidenciou o papa Francisco com um toque de ternura poética, “gosto de pensar que Deus criou a mulher para que todos nós tivéssemos uma mãe”. Foi um verdadeiro hino às mulheres o que o Pontífice propôs na missa. É a mulher, reconheceu Francisco, “que nos ensina a acariciar, a amar com ternura e que faz do mundo uma coisa bela”. E se “explorar as pessoas é um crime de lesa-humanidade, explorar uma mulher é mais do que um delito e um crime: significa destruir a harmonia que Deus quis dar ao mundo, é voltar para trás”.

Para a sua meditação, Francisco inspirou-se nas leituras hodiernas, tiradas do livro de Gênesis (2, 18-25) e do Evangelho de Marcos (7, 24-30). A liturgia “continua a narração da criação do mundo” disse imediatamente o Papa, realçando inclusive que “com a criação do homem parece que tudo terminou”, a ponto que “Deus repousa”. Contudo, “falta algo: o homem estava sozinho” e daquela “solidão o próprio Deus se deu conta: “Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele”, lê-se no livro de Gênesis.

Francisco prosseguiu repondo ponto por ponto o trecho do Gênesis: “Então o Senhor — continua a narração — ‘fez adormecer profunda-





mente o homem’: fez com que dormisse. Um homem sozinho, a solidão, agora o homem está adormecido, o sonho do homem: adormeceu”. E “artesanalmente — está escrito à letra — enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das costelas e fez uma mulher, e levou-a para junto do homem”. O homem, quando a viu, disse: “Eis agora aqui o osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se chamará mulher — atribuiu-lhe um nome — porque foi tirada do homem”. Em síntese, afirmou Francisco, para o homem “é algo diferente de tudo o que ele tinha, era o que lhe faltava para não estar sozinho: a mulher, descobriu-a, viu-a”. Mas “antes de a ver, sonhou com ela. Com efeito, disse o Papa, “para entender uma mulher antes é necessário sonhá-la; não é possível compreendê-la como todos os outros seres vivos: é algo diferente, é algo diverso”. Precisamente “assim Deus a fez: para ser sonhada, antes”.

Muitas vezes quando falamos das mulheres, falamos de maneira funcional: a mulher serve para fazer isto, para fazer, não! Primeiro, é para outra coisa: a mulher traz algo sem o qual o mundo não seria assim. A mulher “é algo diferente, é algo que traz uma riqueza que o homem, toda a criação e todos os animais não têm”. Também “Adão, antes de a ver, sonhou com ela: há algo de poesia, nesta narração”. E “depois o terceiro trecho, quando Adão diz ‘Eis agora aqui o osso de meus ossos e a carne de minha carne’: o destino de ambos”. Com efeito, lê-se no Gênesis: Por isso o homem deixa o seu pai e a sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne”. Sim, “uma só carne”.

“Adão não podia ser uma só carne com as aves, com o cão, com o gato, com todos os animais, com toda a criação: não, não! Só com a mulher, e isto é o destino, isto é o futuro, isto era o que faltava”. E “a mulher vem assim coroar a criação, mais ainda: traz harmonia à criação”. Por conseguinte, “quando não há a mulher, falta a harmonia”. Também “nós dizemos, falando: esta é uma sociedade com uma forte atitude masculina. Falta a mulher”. E talvez afirmemos inclusive que “a mulher serve para lavar os pratos, para fazer...”. Ao contrário, “não: a mulher serve para trazer harmonia; sem a mulher não há harmonia”. O homem e a mulher “não são iguais, um não é superior ao outro, não. É simplesmente que o homem não traz harmonia: é ela que traz aquela harmonia que nos ensina a acariciar, a amar com ternura e que faz do mundo uma coisa bonita”.

Portanto, “três trechos”. Em primeiro lugar, “o homem sozinho, a solidão do homem sem a mulher; segundo, o sonho: nunca se pode entender uma mulher sem a sonhar antes; terceiro, o destino: uma





só carne”. “Aconteceu-me há alguns meses — disse Francisco — numa das audiências, ao saudar as pessoas que se encontravam atrás das barreiras, ter encontrado um casal que celebrava o sexagésimo aniversário de matrimônio: não eram muito idosos porque se tinham casado ainda jovens, deveriam ter cerca de oitenta anos, mas estavam bem, sorridentes”. Ao vê-los o Papa perguntou-lhes qual dos dois teve “mais paciência” ao longo dos sessenta anos de casamento. E “eles, que olhavam para mim, trocaram os olhares — nunca esquecerei aqueles olhos — depois voltaram a olhar para mim e disseram-me, os dois juntos: “Estamos apaixonados”. Eis, acrescentou Francisco, “depois de sessenta anos, isto significa uma só carne e é isto que traz a mulher: a capacidade de se apaixonar. A harmonia ao mundo”.

“Muitas vezes — reconheceu o Papa — ouvimos dizer: “É necessário que nesta sociedade, nesta instituição, haja uma mulher para que faça isto, faça estas coisas”. Mas “a funcionalidade não é a finalidade da mulher: é verdade que a mulher deve fazer coisas e faz — como todos nós fazemos — coisas”. Porém, “a finalidade da mulher é criar harmonia e sem a mulher não há harmonia no mundo”. Sim, insisti o Pontífice, “explorar as pessoas é um crime de lesa-humanidade, é verdade, mas explorar uma mulher é mais do que isso: significa destruir a harmonia que Deus quis proporcionar ao mundo”. Significa realmente “destruir, não é apenas um delito, um crime: é uma destruição, significa voltar para trás, destruir a harmonia”.

“É este o grande dom de Deus: deu-nos a mulher” afirmou o Pontífice. E no trecho do Evangelho de Marcos, proposto hoje na liturgia, “ouvimos do que é capaz uma mulher” realçou Francisco, referindo-se à mulher cuja filha estava possuída por um espírito impuro. Uma mulher “corajosa” que “foi em frente sem recear, mas é mais do que isso, é mais: a mulher é harmonia, é poesia, é beleza. A ponto que “sem ela o mundo não seria tão bonito, não seria harmônico”.

Papa Francisco





IRMÃO EUGÊNIO CLÁUDIO ROHR: A BONDADE EM AÇÃO

IRMÃO CANÍSIO PUHL

“...Os santos surpreendem, desinstalam, porque a sua vida nos chama a sair da mediocridade tranquila e anestesiadora” (Gaudete et Exsultate, Papa Francisco, 138).

Irmão Eugênio Cláudio Rohr, nascido em Bom Princípio, RS, a 20 de julho de 1912, era o sétimo dos dez filhos do casal João Rohr Neto e Maria Catharina Schmitz.

Muitos Irmãos e Leigos o conheceram e com ele conviveram. Com certeza todos poderiam confirmar a sua fama de homem bom, trabalhador, alegre, responsável, obediente, sempre amigo e bom companheiro dos coirmãos, apóstolo dos mais necessitados.

Sua vida foi testemunho perene de amor a Deus e serviço aos carentes, o binômio a sintetizar sua preciosa existência, identificada com os valores do evangelho e as virtudes religiosas do Irmão Marista, segundo São Marcelino Champagnat.

Sua fama de santidade pode ser confirmada, hoje, pela Exortação Apostólica, *Gaudete et Exsultate*, do Papa Francisco (Paulus, 2018), na qual ele apresenta as características de santidade no mundo atual.

“... Irmão Cláudio observou com habitual naturalidade, transformada em virtude, o que São Paulo recomendava aos Coríntios: ‘A caridade é





paciente, benigna... não se ensoberbece... não busca seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. A caridade tudo desculpa... tudo suporta' (1Cor 13,4-8).

“Habituar-se a ver apenas os aspectos positivos nas coisas e nos eventos, e descobrir nas pessoas sempre o lado bom e positivo. Otimista inveterado, com raízes na Esperança teológica. ‘Se você não sabe nada de bom do outro, é melhor calar’ justificava-se ele com caridade e singeleza.”

Homem de responsabilidade incondicional no cumprimento assíduo do dever, de assumir o compromisso, o cargo ou a função com a máxima seriedade e empenho, até as últimas consequências, sem medir sacrifícios, sem calcular consequências, com dedicação integral. Esquecido de si, voltado ao próximo, em particular ao pobre, ao sofredor, sempre disposto a ajudar a quem a ele recorria. Não tinha jeito para dizer não. Haverá maior amor do que dar a vida por seu irmão?

“Para os coirmãos o Irmão Cláudio era um símbolo de caridade, edificação e convivência compreensiva e fraternal; para os parentes e as pessoas em geral constituía-se em ponto-de-referência, sinal verde que abre para o caminho do Bem, do Bem Absoluto, Deus, pelo exemplo de vida religiosa autêntica e de atitudes comportamentais coerentes; uma seta a indicar a estrada certa da Verdade, pela palavra amiga, oportuna e sábia, sempre brotada do coração e que atingia os corações. Autenticidade na Fé e coerência na Caridade! Dignidade na conduta, nobreza e convicção na linguagem motivada costumeiramente no sobrenatural.”

Marcado pela devoção filial à Virgem Santíssima e a São José, alimentou a sua vida espiritual no seguimento de Jesus: o Presépio (encarnação), a Cruz (redenção) e o Altar (adoração). Foram estes, realmente, os grandes amores do Irmão Cláudio que, em tudo isto, timbrava em imitar o Santo Fundador.

Deixemos falar as pessoas, religiosos/as e leigos/as que o conheceram, com ele conviveram nas instituições voltadas às pessoas mais carentes da sociedade: Escola Rural Protásio Vargas, Passo Fundo; Abrigo de menores, Florianópolis; Cooperativa da Viação Férrea do RS; e no Banco da Esperança, Santa Maria; espaços nos quais ele se dedicou às crianças, aos adolescentes, aos jovens necessitados e famílias carentes.

Alguns depoimentos sobre o Irmão:

Ele foi uma bênção de Deus para as pessoas que tiveram a ventura de receber os seus serviços. Podemos dizer que ele foi um pai para os em-





pregados, professores e alunos da Cooperativa. Era de caridade extrema, viveu o amor ao próximo. Pessoa bondosa, sincera e pura. Nas escolas era sempre aquela pessoa acolhedora e alegre, atendia com muito amor, carinho e atenção a todos que o procuravam, principalmente, os mais pobres e desamparados. Homem de fé e oração, e de ilimitada confiança em Deus. Numa carta à sobrinha, dizia: “rezar a Maria Santíssima é falar com ela”. Compreensão, amor e carinho para com os Irmãos da comunidade. Seu sorriso amável fazia superar as dificuldades. Seu modo de rezar era um exemplo que arrastava. Frugal e simples, grande amante da pobreza. Sentia-se feliz no convívio com os menores no Abrigo, eles viam nele um pai carinhoso e compreensivo. Iam a ele, com confiança e alegria, para os quais tinha uma palavra de conforto e estímulo. Sentia-se bem no meio dos meninos pobres, e eles muito a gosto na companhia dele. Um verdadeiro filho de Maria Santíssima, sendo a humildade e a simplicidade, a alegria e a caridade suas marcas, tendo como centro do cultivo da sua espiritualidade.

O Irmão Cláudio foi mais uma estrela que brilhou no meio desta humanidade ferida. Foi uma vida que passou iluminando: sal da terra e luz do mundo.

Considerando as características ou traços espirituais de santidade que o Papa Francisco apresenta na Exortação Apostólica, *Gaudete et Exsultate*, para o mundo atual (ser pobre no coração, semear a paz ao nosso redor, abraçar o caminho do evangelho, tolerância e mansidão, alegria, ardor, espírito orante, presença de Deus no dia a dia...), o Irmão Cláudio pelo testemunho de seu amor a Deus e ao próximo é um modelo de santidade a ser imitado.





IR. TACIANO PEDRO: HOMEM DE DEUS, APÓSTOLO DOS POBRES E DAS CRIANÇAS

RENÍ GIARETTA OLEKSINSKI

O Irmão Marista Taciano Pedro (Remígio Paulo Rizzotto), seguindo as pegadas da Conferência Geral dos Bispos da América Latina (Medellín-1968), profeticamente atendeu ao convite lançado anos mais tarde pelo Papa Francisco: a “cultura do encontro” como meta de trabalho pastoral com a “opção pelos pobres”. Nasceu em 25/01/1909, em Caxias do Sul-RS. Era o último de 12 filhos dos italianos Pietro Rizzotto e Giuseppina Andreazza.

Um irreparável acidente mudou a vida do menino Remígio. Aos 14 anos, foi atingido no olho direito pela explosão de um foguete (morteiro) enquanto socava a pólvora. Perdeu a vista. Entrou no Instituto dos Irmãos Maristas aos 20 anos.

Tinha apenas a formação primária. Com muitas dificuldades nos estudos, conseguiu a formação e titulação como professor do 1º Ciclo (turmas iniciais). Faleceu em 05/06/2006.

Ao longo da vida, por seu ser e agir, pelas convicções que firmou, pelos valores que viveu e procurou transmitir, revelou identidade humana, religiosa e espiritual sólida. O fundamento principal dessa identidade veio do ambiente familiar, cujas relações eram sadias e estimulantes para o crescimento pessoal. As condições humildes da família não foram empecilho para uma educação firme e equilibrada, que lhe permitiram construir sua vida e dedicar-se inteiramente à missão. A





família era profundamente cristã. Participava ativamente da vida da Igreja. O amor do Irmão Taciano às crianças é fruto de suas vivências de criança e de jovem, e na convivência com um grande número de sobrinhos, cativados pela alegria e criatividade do tio.

No cultivo de sua personalidade, estruturou um núcleo central que o levou à fidelidade a um projeto de vida. Pessoa de personalidade boa, sorriso aberto, sua alegria própria de alguém realizado na vocação, encantava a todos. Dedicado e zeloso em todos os afazeres, não recusava trabalho algum. Sempre prestimoso para com as pessoas e bem-humorado. Não se queixava de nada e de ninguém. E era consciente de suas limitações, simples, alegre e humilde. Vestia-se com extrema simplicidade. Era mestre em trabalhos manuais e sabia fazer muitas coisas úteis, mas priorizava a missão.

Diante das dificuldades (perda do olho, hanseníase, difamações) não se deixava abater. Encarava-as com espírito positivo e confiança em Nossa Senhora, a Boa Mãe, seu porto seguro. Detestava a passividade. Sabia quem era e tinha claro o caminho que projetava seguir quando pediu ao Provincial para dedicar-se às crianças e famílias pobres do bairro Pé-de-Erva (Getúlio Vargas, 1973).

Participava de missa diária e, aos domingos, de duas; o mesmo se dava com a reza do terço. A Eucaristia e o amor a Maria foram os seus dois grandes amores. Grande devoto também de São José. Homem de missão, inflamado por Jesus, levou-o às crianças, às famílias pobres e aos abandonados. Um homem de coração bondoso, fraterno, dedicado à evangelização dos pequenos de Jesus. Seu caminhar rápido o levava a todos os lugares carentes da presença de Deus.

Indicava ervas medicinais, cultivadas por ele na horta da comunidade marista. Preparava e dava remédios aos pobres, em benefício de muitas pessoas. Tinha grande preocupação com a saúde nas famílias, crianças e pobres. Era comovente observar como ele se compenetrava na preparação de um remédio a ser levado aos enfermos. Não tinha hora para prestar ajuda, pois via nessa missão um verdadeiro sacerdócio. Atuava em nome de Jesus pois, além de levar remédios caseiros, levava a bênção da oração. Não se ufanava das melhoras que os doentes sentiam. Discreto no falar e no agir, acreditando sempre na graça e no poder de Deus.

Em Getúlio Vargas, no bairro Pé-de-Erva, organizou uma comunidade eclesial de base ao longo de vários anos: a florescente Comunidade São Marcelino Champagnat. Reunia as famílias embaixo das árvores,





transmitia a Palavra de Deus e dava catequese. As crianças cresceram, constituíram o grupo de jovens e foram assumindo serviços na comunidade. Organizou as capelinhas domiciliares e procissões a Nossa Senhora. Com chuva ou sol, sempre a pé, nada o impedia de ser presença animadora e de servir. Posteriormente, as famílias pobres foram transferidas pela prefeitura municipal para um novo núcleo. O Irmão Taciano as acompanhou e lá organizou a nova Comunidade São José. Ele foi um missionário, um instrumento vivo de Deus.

Incansável, dedicado e catequista entusiasta, ensinava as crianças a amar a Jesus e a Maria. Preparava os formandos maristas e pessoas da comunidade para diversos serviços. Era como um menino, sempre correndo e brincando. Dizia: “É preciso estar em paz e rezar. Enquanto estou caminhando, olhando a natureza, até chegar aqui eu venho rezando o terço”. Assim ia catequizando através do exemplo, testemunho de vida e da simplicidade.

Irmão Taciano foi um bom e santo religioso marista moderno, anjo da guarda das crianças, pobres e abandonados. Foi um Champagnat para os nossos tempos, realizando, profeticamente, a “Igreja em saída” (EG) como pede o Papa Francisco. Não fez milagres, mas exerceu intenso amor ao próximo. Pela vida, vocação e missão, ele deixou um sabor agradável, sal da terra, por onde passou, e uma chama, luz do mundo, que ardeu e brilhou nos corações das pessoas e continuando até hoje. Viveu em profundidade as bem-aventuranças, características próprias de santidade.





CARTA DOS PADRE SINODAIS AOS JOVENS XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS

FONTE: VATICANNEWS.VA

A vocês, jovens do mundo, nós, Padres Sinodais, nos dirigimos com uma palavra de esperança, confiança e consolação. Nestes dias, nos reunimos para escutar a voz de Jesus, “o Cristo, eternamente jovem”, e reconhecer Nele as vozes dos jovens e seus gritos de exultação, lamentos e silêncios.

Sabemos de suas buscas interiores, das alegrias e das esperanças, das dores e angústias que fazem parte de sua inquietude. Agora, queremos que vocês escutem uma palavra nossa: desejamos ser colaboradores de sua alegria para que suas expectativas se transformem em ideais. Temos certeza de que com sua vontade de viver, vocês estão prontos a se empenhar para que seus sonhos tomem forma em sua existência e na história humana.

Que nossas fraquezas não os desanimem, que as fragilidades e pecados não sejam um obstáculo à sua confiança. A Igreja é sua mãe, não abandona vocês, está pronta para acompanhá-los em novos caminhos, nas sendas mais altas onde o vento do Espírito sopra mais forte, varrendo as névoas da indiferença, da superficialidade, do desânimo.

Quando o mundo, que Deus tanto amou a ponto de lhe doar seu Filho Jesus, é subordinado às coisas, ao sucesso imediato e ao prazer, pisoteando os mais fracos, ajudem-no a se reerguer e a dirigir seu olhar ao amor, à beleza, à verdade e à justiça.





18

CARTA DOS PADRE SINODAIS AOS JOVENS

Por um mês, nós caminhamos juntos, com alguns de vocês e muitos outros unidos a nós com a oração e o carinho. Desejamos continuar o caminho em todas as partes da terra onde o Senhor Jesus nos envia como discípulos missionários.

A Igreja e o mundo precisam urgentemente de seu entusiasmo. Sejam companheiros de estrada dos mais frágeis, dos pobres, dos feridos pela vida.

Vocês são o presente, sejam o futuro mais luminoso.

28 de outubro de 2018





BEM-AVENTURADA CLÉLIA MERLONI

IRMÃ VÂNIA CRISTINA DE OLIVEIRA¹

Aquela que teve como missão de vida fazer conhecido e amado o Sagrado Coração de Jesus!

No dia 3 de novembro de 2018, na Basílica São João de Latrão, às 11 horas, Itália-Roma, aconteceu a Missa de Beatificação de Madre Clélia Merloni, fundadora do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração (IASCJ), presidida pelo Cardeal Giovanni Angelo Becciu, Prefeito da Congregação das Causas dos Santos.

Após rezar o Angelus com os fiéis reunidos na Praça São Pedro, no dia 4 de novembro, o papa Francisco recordou a beatificação de Madre Clélia Merloni: “Uma mulher totalmente entregue à vontade de Deus, zelosa na caridade, paciente nas adversidades e heroica no perdão. Agradecemos a Deus pelo luminoso testemunho do Evangelho da nova Beata, e sigamos o seu exemplo de bondade e de misericórdia. Um aplauso à nova Beata”, disse Francisco.

A fase do processo de beatificação de Madre Clélia foi esperada pelas Apóstolas, seus admiradores e fiéis. Hoje, Madre Clélia é um exemplo de amor pelo mundo através das obras mantidas pelo IASCJ, presentes em 15 países, nos continentes europeu, americano, asiático e africano, com atuação nas áreas da educação, saúde, missões e promoção humana e espiritual.

1 Secretária Provincial da Província Brasileira Sagrado Coração de Jesus





20 Sobre a Beatificação

Em 1988 abriu-se a causa de beatificação de Madre Clélia Merloni. Após longo período de investigação da Congregação para as Causas dos Santos e pela junta médica de especialistas, Bispos e Cardeais, papa Francisco assinou, no dia 27 de janeiro de 2018, a aprovação do milagre de Madre Clélia Merloni. O milagre alcançado pelo médico Dr. Pedro Ângelo de Oliveira Filho, por intercessão de Madre Clélia, no Brasil, na cidade de Ribeirão Preto/SP.

O Milagre

A Congregação das Causas dos Santos, com a junta médica de especialistas, Bispos e Cardeais, aprovou o milagre, por intercessão de Madre Clélia, do médico Pedro Ângelo de Oliveira Filho, brasileiro, de Ribeirão Preto (SP).

O milagre, que passou por uma minuciosa análise, teve início em 14 de março de 1951, quando o médico brasileiro, Pedro Ângelo, foi, repentinamente, acometido por uma progressiva paralisia dos quatro membros; sendo hospitalizado, com urgência, na Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto, foi-lhe diagnosticado uma paralisia ascendente progressiva, chamada síndrome de Landry ou Guillain Barré. Em poucos dias, a paralisia piorou causando insuficiência respiratória aguda e atingindo a glote, o que lhe dificultava deglutir.

Devido ao péssimo diagnóstico, à gravidade da doença e aos remédios insuficientes da época, os médicos suspenderam o tratamento e, em 20 de março, informaram à família que o paciente não passaria daquela noite.

Diante desta grave situação, sua esposa, Angelina Oliva, pediu orações à Irmã Adelina Alves Barbosa. A religiosa propôs-lhe fazer uma novena a Madre Clélia, com uma foto e uma relíquia, que continha uma partícula do véu da Madre. Assim, a religiosa, a esposa, os filhos e outros parentes começaram a rezar com fervor. No entanto, a Irmã Adelina aproximou-se do paciente, deu-lhe de beber e colocou sobre seu peito a pequena relíquia.

Até então, o paciente não conseguia engolir nada, até que, momentos depois, perceberam que ele engoliu a água e não perdia mais a saliva. Todos ficaram maravilhados com a rápida melhora do paciente. No dia seguinte, o médico foi visitar Pedro Ângelo e, vendo que ele estava completamente curado, exclamou que era um milagre!





Após 25 anos do milagre, o doutor Pedro Ângelo faleceu, em 25 de setembro de 1976, por uma parada cardíaca.

Primeira e segunda exumação

Madre Clélia morreu em Roma, em 21 de novembro de 1930, e foi enterrada inicialmente no cemitério Campo Verano, que foi bombardeado durante a Segunda Guerra Mundial, quando muitas sepulturas foram destruídas e danificadas. Com o fim do conflito, foram iniciadas as buscas para encontrar, em meio à devastação, os restos mortais da fundadora do IASCJ. O caixão de madre Clélia foi encontrado ainda selado, sendo levado à presença da superiora geral para a abertura. Mesmo depois de 15 anos de sua morte, seu corpo ainda estava intacto.

Em 20 de maio de 1945, solenidade de Pentecostes, o corpo de Madre Clélia foi, então, carregado em procissão fúnebre para a igreja dedicada a Santa Margarida Maria Alacoque, na Casa Geral das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, em Roma, Itália, conforme previsto pelo Direito Canônico.

Em sua lápide, havia a inscrição “Madre Clélia Merloni, fundadora do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus. O Coração Divino foi a luz da sua existência. O pobre, o oprimido, o infeliz, o seu palpitar mais terno. Ela viveu a pureza, a simplicidade e a caridade”.

No dia 23 de abril p.p., a equipe do Vicariato, composta por médicos e membros da Igreja, juntamente com as Apóstolas do Conselho Geral do Instituto, realizaram a segunda exumação do corpo de Madre Clélia Merloni.

Durante a exumação do corpo de Madre Clélia, os peritos do Vaticano, encontraram seu corpo novamente incorrupto, após 72 anos da primeira abertura de seu caixão e 88 anos de sua morte. Fenômeno este considerado um sinal de santidade.

Um corpo incorrupto é preservado da deterioração que comumente afeta todo o organismo poucos dias após a morte, não possuindo razões científicas para o seu estado de conservação. Um fato importante a ser destacado é que não foram realizadas técnicas de preservação através de processos químicos ou naturais para a conservação do corpo. Fiéis e seguidores de Madre Clélia podem visitar seu corpo que se encontra na Capela da Casa Geral, Roma-Itália.





22 Da Itália para o mundo

BEM-AVENTURADA CLÉLIA MERLONI

Num ato de pioneirismo, fé, paixão e caridade, as Apóstolas chegaram ao Brasil em 1900 (São Paulo e Curitiba) e aos Estados Unidos, em 1902.

A chegada das Apóstolas proporcionou um período de maravilhosa expansão educacional e missionária para a Congregação, além da consolidação do seu carisma no mundo.

As Apóstolas, por meio de sua ação evangelizadora, dão continuidade ao sonho de Madre Clélia, que é de “levar um raio do amor e da ternura do Coração de Jesus a todas as pessoas”. Elas são chamadas a serem no mundo e para o mundo a presença do Coração terno e misericordioso de Jesus, que ama, acolhe e se põe a serviço do irmão que sofre.

Sobre Madre Clélia – Apóstola do Amor

Clélia Cleópatra Merloni nasceu em Forlì, na Itália, em 10 de março de 1861. Mulher inteligente, dotada de muitas qualidades, respondeu com generosidade ao chamado de Deus, escolhendo consagrar-se totalmente a Deus na Vida Consagrada.

Em 30 de maio de 1894, Madre Clélia fundou o Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, colocando a serviço dos mais necessitados e marginalizados todo o seu potencial carismático, suas energias, seu zelo apostólico e a considerável herança deixada por seu pai. Na virada do século XIX para o século XX, enviou as primeiras Apóstolas Missionárias às Américas e ao Exterior.

O Instituto cresceu rapidamente. Clélia abriu uma escola infantil, uma casa para idosos e um orfanato, tudo graças ao generoso apoio financeiro de seu pai. À medida que o número de Irmãs crescia, as obras se multiplicavam, também fora de Viareggio. Com a morte de seu pai, em San Remo, em 27 de junho de 1895, Clélia tornou-se a única beneficiária de seu patrimônio. Sua conversão do leito de morte foi o fruto das orações e sacrifícios de Clélia ao longo de muitos anos.

Infelizmente, a expansão resultante de suas obras foi abruptamente interrompida após três anos, quando o padre que administrou as finanças, depois de ter perdido muito dinheiro com a indevida administração de seus bens, fugiu para a França com os fundos restantes. A falência forçou as Apóstolas a abandonar suas inúmeras obras, também na cidade de Viareggio.





Pela Divina Providência, Madre Clélia teve a oportunidade de conhecer o Bispo de Piacenza, João Batista Scalabrini, que ajudou as Irmãs a saírem dessa delicada situação em que se encontravam. Em 1900, ela enviou as Apóstolas em missão, para ajudar os imigrantes italianos que se instalavam no Brasil, e dois anos depois para Boston (EUA).

Madre Clélia e 18 Apóstolas professaram votos na Catedral de Piacenza em 11 de junho de 1900. Apesar da alegria de sua consagração, bem como do sucesso ministerial que resultou da colaboração com o Bispo Scalabrini, a luta interna crescia entre as Irmãs. Dois grupos distintos se formaram na mesma congregação – aqueles que queriam permanecer com o carisma fundacional e aquelas que se inclinavam para o da congregação do Bispo. Além disso, Madre Clélia tornou-se vítima de calúnia após a falência e processos legais subsequentes. Não querendo acusar publicamente o sacerdote que anteriormente havia administrado mal e roubado o dinheiro da Congregação, ela culpava a si mesma, o que a levou a incompreensão.

Ela já não era consultada sobre questões relativas à governança da Congregação, o título do Instituto foi alterado e foram publicadas novas Constituições, às quais a Congregação para Religiosas impôs conformidade. Em 28 de fevereiro de 1904, pelo decreto do Vaticano, Madre Clélia perdeu o título de Superiora Geral com a aprovação da autoridade para a Madre Marcelina Viganó.

Depois de um ano, a Madre Clélia foi reintegrada, mas três investigações apostólicas seguiram, e Madre Clélia foi mais uma vez retirada do cargo com um decreto da Sagrada Congregação dos Religiosos, em 13 de setembro de 1911.

Numerosos pedidos da Madre Clélia para rever o seu caso ficaram sem resposta à medida que a discórdia na Congregação crescia e as Irmãs leais à Madre Clélia foram desligadas da Congregação. Sozinha e considerando-se um obstáculo para a paz da comunidade, Clélia decidiu deixar o Instituto que havia fundado em vez de vê-lo despejado por discórdia.

Exílio, êxodo e retorno

Em julho de 1916, ela começou um período muito difícil de exílio; Gênova, Turim, Roccagiovine e Marcellina foram os passos ao longo do caminho para o Calvário.





Seu nome tornou-se desconhecido para sucessivas gerações de Apóstolas; foi proibido a corresponder-se com ela ou enviar qualquer meio de apoio.

Em 16 de agosto de 1920, Madre Clélia escreveu ao Papa, implorando a sua reintegração na Congregação que ela havia fundado. Somente em 7 de março de 1928, Madre Clélia foi autorizado o seu retorno. Já envelhecida e bastante fraca, passou os últimos dois anos de sua vida em um quarto muito distante da comunidade, mas conjugado ao coro da capela. Esses anos foram marcados por uma intensa oração, uma terna caridade para com todos os que ela conheceu, e uma oferta plena ao Coração Eucarístico de Jesus para a salvação das almas.

Acima de tudo, seu espírito de perdão era uma marca de sua requintada caridade, purificada pelo fogo que brilhava como uma extraordinária pérola, especialmente quando ela era objeto de injustiça grave e calúnias infundadas.

O ideal de vida de Madre Clélia era a Santidade: “Quero ser santa”, dizia para cumprir plena e totalmente a vontade de Deus, junto com suas filhas religiosas. Neste seu percurso, teve que passar por tempos de purificação e enfrentar provações difíceis, como profundas humilhações, dores físicas, morais e espirituais. Porém, ela aceitou tudo com amor e por amor ao Sagrado Coração de Jesus, ao qual dedicara toda a sua vida.

Madre Clélia morreu em Roma em 21 de novembro de 1930. Seu corpo, depois de ser exumado em 1945 e encontrado incorrupto, agora repousa na Capela da Casa Geral das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, em Roma, Itália.

Ensinaamentos de Madre Clélia

Como Jesus, ela teve a coragem de morrer como o grão de trigo para gerar vida ao Instituto. Amando, agiu integralmente por um coração maior que o seu: o Sagrado Coração de Jesus, servindo e se sacrificando como Cristo.

Madre Clélia soube acolher a intensidade dessa presença única com a qual Cristo vem ao encontro do seu povo, permitindo a esta divina presença marcar os seus dias, preenchendo-os com confiante esperança, vivificando toda iniciativa, iluminando toda escuridão e curando todas as feridas.

A espiritualidade de Madre Clélia é fundada e solidificada no Mistério da Cruz, que atinge o ápice na Ressurreição: espiritualidade nascida





no Calvário, jorra do Lado aberto de Jesus Crucificado e se perpetua na glória da Ressurreição. Percorrendo o caminho do sofrimento, na experiência do abandono humano, Madre Clélia realiza em sua vida a experiência do abandono total em Deus. Esta vida intensa e íntima, vivida nas profundezas de seu ser, nos é transmitida como testemunho da presença da dor e do sofrimento que sempre a acompanharam.

Experimenta a agonia no horto, a subida ao Calvário e, até a última gota, bebe a taça que o Senhor lhe apresenta. Nos passos do Espo-so crucificado, deixa-se conduzir ao supremo holocausto: ela se faz vítima e vítima de amor, a fim de perpetuar o triunfo e a glória do Coração de Jesus. O mistério da cruz, encarnado na realidade de sua vida, transforma lentamente Clélia Merloni de discípula do Mestre Crucificado em Apóstola do seu Amor.

O espírito de reparação permeava todos os aspectos da vida da Madre Clélia: a aceitação do sofrimento, a oração, o relacionamento com as Irmãs e com todos aqueles que encontrava.

Contemplando o Coração de Cristo, ela atingia as fontes de Seu amor e estava pronta a testemunhá-lo em todos os lugares, com a palavra e com a vida. Deste modo, a Apóstola tornava-se uma reparadora, cuja primeira tarefa era restaurar o Reino de Deus no mundo através da própria vida.

Para Madre Clélia a oração era tão importante e quanto necessária: “A oração é para mim indispensável como o pão, o ar, a própria vida”. Convida maternalmente uma filha: “Filha, temos necessidade só de Deus, somente Ele conhece o segredo para confortar nosso coração abatido, e Nele somente encontraremos sempre o verdadeiro alívio para nossos males! A oração, algumas vezes, lhe parecerá dura, mas agora que você está com o coração ferido, sente necessidade deste bálsamo suave, que pode reter o sangue que dele jorra; não é assim? Abandone-se, portanto, confiante, a Jesus; a prece da dor, regada pelas lágrimas, é poderosa junto àquele Coração terno e amorosíssimo.”

Madre Clélia, ao longo de toda sua vida, foi um verdadeiro modelo na prática da humildade. Ela a praticou em circunstâncias concretas e nas atitudes considerando-se a última de todas, mesmo sendo a Fundadora.

A fé de Madre Clélia teve um caráter verdadeiramente singular; a sua era uma fé fortíssima, evangélica, que dá inspiração a uma multidão de outras virtudes. Esta fé, a Madre a conservou em todos os





momentos de sua vida; nenhuma dificuldade conseguia removê-la, antes a consolidava ainda mais, porque acreditava profundamente que Deus jamais a abandonaria.

A prontidão para pedir perdão a todos, assim que ela percebia suas falhas, era realmente admirável. Estava convencida de que apenas a humildade nos torna grandes diante de Deus e amava tanto essa virtude a ponto de obrigar-se por meio do voto de humildade a vivê-la, em especial a nunca se queixar íntima ou externamente de qualquer tratamento incorreto que ela tivesse recebido. Ela nunca deixou de ser fiel a este propósito.

Fazendo a leitura atenta dos escritos de Madre Clélia, percebemos, com o coração de filhas, uma sensibilidade acentuadamente maternal. Sensibilidade que nos leva a crer que a presença da Virgem Maria, na sua vida, foi significativa e marcante. Através dos seus escritos nos exorta: “Recorre a tua querida mãe Maria; dize-lhe que queres amar a Jesus e o queres amar muito: que te empreste seu materno coração, a fim de que com ele tu possas amá-lo sinceramente”. Com certeza, se nós discípulos e discípulas de Jesus, recorrermos a Maria, Ela nos ensinará a amar Jesus de um jeito novo. Madre Clélia compreendeu essa realidade e a abraçou em sua vida.

O seu apostolado abraçava os pobres, os aflitos, os necessitados. Esse impulso misericordioso provinha da proximidade ao Sagrado Coração e do desejo de percorrer o itinerário dos primeiros enviados de Cristo. Ela procurou ajudar a todos reconhecendo a urgente necessidade material e, sobretudo, o drama da pobreza espiritual.

Deixa-nos, entre inúmeros ensinamentos, este: “Confiai no Coração de Jesus e vereis milagres”.

Para saber mais, acesse: www.madreclelia.org | www.apostolas.org.br

Secretaria da causa de Canonização

Via Germano Sommeiller, 38

00185 Roma, Italia

E-mail: info@madreclelia.org

Facebook: ASCJ.Roma

Assessoria de Comunicação

E-mail: centraledecomunicazione@gmail.com





MUTIRÃO DAS NOVAS GERAÇÕES NO MATO GROSSO

EQUIPE DE COORDENAÇÃO DO MUTIRÃO DAS NG'S- MT

Nos dias 21 a 23 de setembro aconteceu o Mutirão Estadual (Mato Grosso) em Campo Novo dos Parecis (Centro Catequético da Paróquia São Cristóvão), promovido pelas Novas Gerações (NG) e CRB/MT. O Mutirão reuniu religiosos/as da etapa do juniorato até dez anos de votos perpétuos e foi marcado pelo entrosamento e partilha entre as diversas Congregações Religiosas presentes, como também pela reflexão do tema *“Saíamos depressa ao encontro da Vida”*. O pano de fundo da temática estava em comunhão com a Igreja, que celebra os 50 anos da Conferência de Medellín, que fez da “opção pelos pobres” a opção preferencial da Igreja latino-americana.

O Mutirão contou com a assessoria da Irmã Clotilde Prates de Azevedo, Apostolina, assessora da CRB Nacional e responsável pelo Setor Juventudes e Novas Gerações. Sua presença foi muito importante, pois nos ajudou a conhecer um pouco da história do projeto “Novas Gerações”, que tem como objetivo: “Oferecer caminhos para que se acolham as interpelações das Novas Gerações em seu dinamismo, exigências e potencialidade, em um processo interativo entre várias gerações, em vista de ressignificar a Vida Religiosa Consagrada”. Nesta memória histórica percebemos a presença das NG “em saída”, transmitindo alegria e vibrações em diversas realidades e rostos. Sentimos que não estamos sozinhos/as, mas acreditamos que tudo está interligado,





como nos diz o canto *“tudo está interligado como se fôssemos um... Tudo está interligado nesta casa comum...”* (CirineuKunh). Isso nos fortaleceu.

Tivemos como ícone do Mutirão “Maria que visita sua prima Izabel e que nos convida a empreender um caminho de saída”. Ela nos dá o exemplo de sermos sensíveis, flexíveis e atentos/as aos sinais de Deus em nossa vida. Como Religiosos/as das Novas Gerações também queremos fazer e experienciar esse movimento de ir ao encontro da Vida e firmar compromisso com a opção aos mais necessitados, os pobres e excluídos.

Em virtude desta adesão de estar e conhecer outras realidades, foi realizada uma visita aos Povos Originários da etnia Parecis na aldeia Quatro Cachoeiras. Fomos bem acolhidos/as pela família do cacique, que nos relatou sua história, tradição e cultura, nos impactando com seus sentimentos de gratidão e reflexões sobre a necessidade de se valorizar mais os Povos Originários. No Estado do Mato Grosso, temos 43 etnias dos Povos Originários espalhadas em diversas regiões e que ainda não são visitadas ou conhecidas pelas Novas Gerações. A estes lugares precisamos sair depressa, sem medo do diferente; isso exige abertura de escuta aos clamores e gritos destes povos e nos impulsiona a nos comprometer com firmeza pela defesa da vida, onde ela estiver sendo ameaçada.

Para nós foi essencial o contato com a natureza, pois sentimos o frescor da mata e percebemos o quanto faz diferença respirar o ar puro da natureza onde os Povos Originários, considerados os Guardiões da natureza, cuidam com muito carinho.

Somos jovens e acreditamos que juntos/as podemos seguir sendo vozes de profetismo, assumindo e testemunhando com ousadia os apelos de sair depressa ao encontro da Vida, sobretudo onde a Vida está ameaçada, assim como Maria fez.

A caminhada da Igreja precisa ser acompanhada de adequada compreensão da realidade para que possa dar respostas aos clamores de hoje. A reflexão teológica se coloca nesta linha de contribuição para que a Igreja possa agir/responder de forma adequada. A partir de “Medellín” nasceu a “teologia da libertação”, em sintonia com a busca concreta de libertação que permeava o empenho de tirar da miséria e promover as populações pobres do continente latino-americano. É nesse contexto que se situa a “opção pelos pobres”, que, a partir de Medellín, passou a ser uma característica marcante da Igreja latino-americana.

Somos convictos/as de que herdamos de “Medellín” o modo criativo de vivenciar o Concílio Vaticano II. Ao resgatar a memória da





Conferência de Medellín, que se tornou emblemática para a América Latina, damo-nos conta do esforço para colocar em prática a opção preferencial pelos mais pobres. Somos também questionados/as como NG's a rever os desafios em que a opção pelos pobres está inserida hoje. Não podemos perder o sentido da nossa consagração, porém, não podemos ficar apenas no simbolismo e na superficialidade.

Foram estes os ecos vividos nestes dias de partilhas, momentos de espiritualidade, confraternização e reflexão.

Manifestamos nossos sentimentos de gratidão à comunidade religiosa das Irmãs Capuchinhas de Madre Rubatto, aos Freis Capuchinhos e a toda comunidade e lideranças da Paróquia São Cristóvão, que se dedicaram com muito empenho para que pudéssemos vivenciar estes momentos significativos e marcantes.

Gratidão a todas as famílias religiosas que atenderam ao convite das Novas Gerações-MT, e pelo acompanhamento e assessoramento da CRB-MT e Nacional nas pessoas de Ir. Carol e Ir. Clotilde.





PUXIRUM DAS NOVAS GERAÇÕES NOS CAMINHOS DE MEDELLÍN

RELATO DA VIVÊNCIA DOS DIAS 06 A 08
DE SETEMBRO DE 2018

EQUIPE DE ORGANIZAÇÃO: IR. KATTY, IR. GLEIDE E PE. SILAS
PELA COORDENAÇÃO DAS NOVAS GERAÇÕES NÚCLEO MANAUS E
PELA EQUIPE ESTADUAL DAS NOVAS GERAÇÕES REGIÃO NORTE

Depois de meses de preparação e mudança de local, o Grupo das Novas Gerações da Vida Religiosa Consagrada da Regional Manaus realizou o Puxirum, que significa mutirão em Tupi. O Puxirum aconteceu no período de 6 a 8 de setembro de 2018 na Comunidade Santa Margarida de Cortona, pertencente à Área Missionária que leva o mesmo nome, localizada no bairro Alfredo Nascimento. O objetivo do Puxirum das Novas Gerações da VRC foi celebrar os 50 anos do Documento de Medellín. Por isso teve como lema: *Nos caminhos de Medellín*. E nesse caminho queríamos nos fazer próximos aos migrantes venezuelanos, realidade também dura e cruel em todas as suas dimensões, e assim eles nos proporcionaram uma vivência enriquecedora partilhando conosco suas dores, sonhos e riquezas culturais.

Contamos com a participação de nove religiosas: Débora (Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus), Katty (Adoradora do Sangue de Cristo), Gleide (Congregação de Nossa Senhora Cônegas de Santo Agostinho), Solange e Fernandes (Congregação





de Santa Teresinha), Maria Helena (Irmãs de Santa Doroteia da Frassinetti), Hortência (Franciscana Missionária de Maria), Maria Aluana (Missionárias da Imaculada) e um religioso: Pe. Silas (Jesuíta). Somaram conosco muitos leigos e leigas (da Venezuela e do Brasil); também as Irmãs Delires e Rosane (Filhas do Sagrado Coração de Jesus), Pe. Roque (Jesuíta, Pároco da Área Missionária), Pe. Justino (Salesiano, Assessor Convidado), Pe. Luis Modino e a Pastoral do Migrante. Nossa hospedagem foi solidária na casa das famílias da Comunidade.

A motivação para o Puxirum era fazer memória e refletir sobre o documento de Medellín. Assim, o primeiro dia de Puxirum foi dedicado ao estudo do Documento de Medellín, sendo assessor o Pe. Justino, Salesiano de Dom Bosco, indígena Tuiúca e que esteve presente no pré-Sínodo colaborando na elaboração do documento preparatório do Sínodo para a Amazônia. Mobilizados com as referências de Medellín, percorremos caminhos tortuosos e difíceis, porém com sinais de muita esperança e de uma Igreja viva Povo de Deus com os pobres e para os pobres.

À noite, chegaram os convidados, os venezuelanos indígenas Warao e não-indígenas, que compartilharam conosco sua cultura venezuelana. Em seguida servimos um jantar típico da Venezuela, preparado por jovens venezuelanos e por nossa amiga Sandra, colaboradora na cozinha. O cardápio: arroz, feijão preto, carne desfiada, salada, farofa e banana frita. Como no evangelho, realizou-se um verdadeiro milagre de partilha, em que se alimentaram umas 200 pessoas: homens, mulheres e muitas crianças.

No segundo dia, começamos cedo nossas atividades. Fomos com a Área Missionária Santa Margarida de Cortona e com os venezuelanos para o Conjunto Habitacional Viver Melhor (Programa Minha Casa Minha Vida) para participarmos do Grito dos Excluídos. Tempo bom para gritar pelos nossos direitos, pelo respeito à vida e à convivência pacífica e pelo cuidado com a nossa Casa Comum. Antes de sair para o Grito, deixamos tudo preparado para os serviços que iríamos prestar à tarde. No retorno do Grito, servimos uma sopa bem preparada e substanciosa.

No período da tarde, iniciamos as oficinas: recreação com as crianças, recreação com os jovens, escuta e orientação social e um momento de relaxamento com massagem. Durante à noite o Grupo Novas Gerações reuniu-se na casa das Irmãs Filhas do Sagrado Coração de Jesus para jantar e fazer uma partilha orante sobre como estávamos nos sentindo diante dos momentos vividos, partilhados e experimentados até aquele momento.





No terceiro dia continuamos com a manhã de oficinas e recreação. Neste dia contamos com a presença da Pastoral do Migrante e foi possível intermediar muitas solicitações de documentação, e também nos disponibilizamos a fazer os currículos de muitos que não tinham condições de ter acesso.

Com as doações recebidas, conseguimos fazer um kit higiene e distribuir para 200 venezuelanos. Os gritos (fome, emprego, roupas, calçados, saúde, dignidade...) que escutamos nesses dias foram intensos, carregados de muita dor, porém com esperanças de reconstruírem suas vidas no Brasil ou em outros lugares. E assim no período da tarde celebramos juntos em espanhol a Eucaristia da vida nova, carregada de simbolismos do que vivenciamos durante os três dias.

Alguns pontos da nossa avaliação: o que fica na cuia de nossas mãos?

- A interajuda; a perseverança do Grupo das Novas Gerações; o desejo de vivenciar a atividade; a partilha; a experiência de conviver com os migrantes e todos os envolvidos; a acolhida da Comunidade Santa Margarida de Cortona, do Pároco, dos venezuelanos, das famílias que nos hospedaram, da Congregação; a crença no possível: colocar os dons ao serviço; a insistência em fazer algo novo; a mística do sentido; o desejo de aprender; a partilha do aprendizado; a presença e disposição de todos que somaram conosco; a sensibilização mediante as necessidades do outro; o apoio da CRB Regional Manaus e Nacional para com as Novas Gerações da Vida Religiosa Consagrada; a gratidão dos venezuelanos; o desprendimento do TER.

Algumas expressões dos sentimentos de vivenciar o Puxirum das Novas Gerações.

“Tive a oportunidade de ver o quão importante é o encontro com as pessoas que nos enriquecem com suas experiências, suas alegrias e tristezas; tudo isso me leva a refletir sobre a minha vida e prática como cristã. É um estímulo para a minha Vida Religiosa Consagrada ter tido contato direto com a realidade dos migrantes Venezuelanos” (Ir. Maria Helena)

“Os momentos de partilhas orantes foram riquíssimos e estar próxima das crianças com a atividade recreativa. Eu senti o rosto de Deus naquelas





famílias. Só quem sente a dor do outro consegue fazer algo diferente... vou levar como reflexão para a minha vida” (Ir. Solange Bastos)

“Este nosso Puxirum foi um tempo de graça e de saída, olhamos a nossa realidade gritante, que vamos escutando e vendo nos meios de comunicação, com a chegada dos venezuelanos. Ir e fazer acontecer nosso Puxirum na Comunidade Santa Margarida de Cortona nos levou a muitos desafios, porém o apoio da CRB Nacional e de Manaus nos motivou a continuar. Deste encontro como vida religiosa acredito que nos fortaleceu e cresceu em nós esse desejo de ser a cada dia uma Igreja Povo de Deus em saída”. (Ir. Katty)

“O Puxirum das Novas Gerações foi uma oportunidade de percorrer os caminhos de Medellín junto às Novas Gerações da CRB e também junto aos mais pobres, ou seja, os Migrantes venezuelanos. Foram três dias de convivência, uma experiência significativa que me fez lembrar a minha opção inicial e preferencial para com os mais pobres, que me fortalece como religiosa consagrada. O sentimento que me invade é de gratidão por tudo que vivenciamos”. (Ir. Débora Bernardo)

“O Puxirum foi um momento marcado por muitas graças e como mesmo a palavra PUXIRUM diz: Mutirão. Mutirão de desconhecidos que se tornaram conhecidos por abraçar uns aos outros como irmãos e irmãs. E mesmo não falando a mesma língua, fomos nos entendendo e nos ajudando com o olhar e os gestos marcados pela mesma vontade: de fazer o bem, de fazer o Reino acontecer aqui. Para mim essa foi uma experiência que me ajudou a perceber como Deus nos mostra a sua presença no meio de nós. Só tenho de agradecer por essa graça”. (Ir. Maria Aluana)

“O Puxirum foi um verdadeiro aprendizado na prática de uma vida simples, pobre e permeada de alegria, apesar de tantas dificuldades vividas por aquele povo migrante. Leva-me a refletir o sentido de minha vida, com todos os cuidados e confortos que tenho na vida religiosa. Por que tanta infelicidade? O que eu faria na condição deles? São várias perguntas que nasceram durante o contato com os venezuelanos. Sinto-me impotente diante da situação deles. Com tudo isso, eu aprendi muito com o gesto de cada um deles. Foi um aprendizado que nunca deixarei sair da minha cuia. Agradeço à vida religiosa que nos insere e nos lança a fazer essas experiências”. (Ir. Hortência)

“A partir dessa vivência, algo mudou em cada um/uma de nós. Não somos mais as mesmas e os mesmos que retornam para casa. Agora, falando na primeira pessoa do singular, sinto-me envolvida por um





sentimento imenso de compaixão e sensibilidade com a vida de quem deixa tudo para trás em busca de sobrevivência numa Pátria desconhecida. Assim os Migrantes esperam de nós acolhida, escuta, orientação, solidariedade...” (Ir. Gleide)

Marcou-nos profundamente essa vivência partilhada e compartilhada. Entrosamo-nos de um jeito tão bom como se nos conhecêssemos há muito tempo. Não tínhamos dimensão de como aconteceriam as coisas que tínhamos no papel, mas, mesmo com todos os imprevistos, nos saímos bem, com apoio mútuo e atenção para com todos. Assim fluíram as atividades, e a nossa vivência fluiu na base da confiança, entrega total, amizade e amor para com aqueles e aquelas que compartilhavam suas histórias conosco.

Éramos nove do Grupo das Novas Gerações, mas nos triplicou cada pessoa que somou conosco nesse grande Puxirum da vida.

Dedico aqui toda a nossa gratidão e estima a Área Missionária Santa Margarida de Cortona, Pe. Roque, Irmãs Delires e Rosane, que animam essa área formada por leigos e leigas comprometidos com a vida. Gratidão aos venezuelanos pela participação, protagonismo e apoio nas atividades.



NOVO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO: PARA ONDE O PAÍS PODE IR? PISTAS DE DISCERNIMENTO

ROBSON SÁVIO REIS SOUZA¹

Antes de analisar o resultado das eleições de 2018 – que alterou profundamente as forças políticas nacionais, com a eleição de grupos políticos identificados com valores ultraconservadores e discursos reacionários – é preciso entender quais foram as principais variáveis do processo de deterioração político-institucional, geradoras dessa nova ordem social e política no país.

Não somente no Brasil, os grandes embates políticos contemporâneos se resumem na seguinte questão: a democracia pode conviver com o neoliberalismo? Ou até mesmo com o ultraliberalismo?

Dois projetos de sociedade estiveram no centro da disputa. De um lado, articularam-se partidos políticos identificados com grupos, movimentos e as lutas políticas emancipatórias, cujos programas focavam na continuidade do processo de construção de uma sociedade mais democrática, inclusiva e igualitária. Doutro, partidos que representam os interesses do poder econômico, em sua fase rentista e especulativa, concentrador de riqueza e renda. Nas palavras do papa Francisco, de “uma economia que mata”.² Entre esses dois espectros havia outros partidos políticos com variadas plataformas eleitorais.

1 Licenciado em Filosofia, doutor em Ciências Sociais e pós-doutor em Direitos Humanos. É professor da PUC Minas, onde coordena o Núcleo de Estudos Sociopolíticos (Nesp) e da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje). Membro da rede de assessores do Centro Nacional de Fé e Política Dom Helder Câmara (CEFEP/CNBB) e do Conselho Estadual de Direitos Humanos de Minas Gerais; associado da Sociedade Teologia e Ciências da Religião (Soter) e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

2 “A escolha do modelo de mercado é hoje a questão central para os cristãos. Os mercados não são todos iguais. Existe um mercado que reduz as desigualdades sociais e um que as exacerba. O primeiro é chamado civil, porque expande os espaços da civitas. O segundo é o mercado incivilizado que exclui e conserva as “periferias existenciais” ao longo do tempo.” (Stefano Zamagni, in *Vita Pastorale*, disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584388-uma-economia-que-mata>. Acesso em 07/nov/2018).



Em sociedades verdadeiramente democráticas, os governos estão a serviço dos interesses populares, atuando para o provimento e a consolidação de políticas públicas capazes de mitigar os efeitos avassaladores de uma economia que, cada vez mais, precede e domina a política.

Historicamente, o Brasil nunca foi um país inteiramente democrático. A violência multifacetada – gerada pela exclusão social, pela justiça seletiva, por uma elite de mentalidade escravocrata e pelo patriarcalismo indutor de múltiplas formas de opressão – sempre impediu a efetivação de direitos para todos, por um lado e, por outro, desequilibra as disputas sociopolíticas à medida que a maioria do povo é sistematicamente esmagada por essa ordem social elitista.

As relações de mando e obediência, características da hierarquização da sociedade brasileira, estão presentes no cotidiano das famílias, das igrejas, das relações de trabalho, nas escolas e em quase todos os espaços da vida, a definir uma cidadania marcada por privilégios de uns poucos e uma subcidadania – caracterizada pela não efetivação dos direitos – à maioria da população.

A criação e efetivação de direitos são recentes no Brasil. A Constituição Federal de 1988 e os governos seguintes deram alguns passos importantes para a construção de uma sociedade minimamente igualitária e justa. Mas, quando estávamos no caminho civilizatório, a sair de uma democracia meramente formal e de baixíssima intensidade para uma democracia de fato, veio, mais uma vez, de forma violenta e avassaladora, uma ruptura institucional, em 2016, com o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff.

Os históricos segmentos refratários e violentos da sociedade brasileira (as elites econômicas do empresariado, dos bancos e do agronegócio; os setores retrógrados da classe média, representados pela bancada da Bala, da Bíblia e do Boi no Congresso; a mídia empresarial antidemocrática e segmentos privilegiados do sistema de justiça se uniram para golpear a trajetória de construção gradual de uma sociedade verdadeiramente democrática. Isso no contexto de uma gravíssima crise econômica que se abateu sobre o país, fragilizando ainda mais o governo central – já desgastado pelo processo eleitoral belicoso de 2014 e as jornadas de junho de 2013.

O importante é perceber que por trás do conjunto de atores sociais e políticos conservadores que comandaram o processo de *impeachment* estão os interesses do poder econômico. Para aniquilar a democracia





de fato, esses segmentos são os mentores de um modelo de governança que retira do povo a soberania e a transfere para o deus-mercado.

O quadro mundial também deve ser considerado. A subalternidade da política à economia, característica do neoliberalismo, ajuda a explicar a crise de legitimidade das instituições públicas, a centralidade do deus-mercado e a fragilidade de governos populares.

Assim, podemos falar de um estado de exceção – uma exigência do neoliberalismo, que reconfigura as estruturas do poder e do Estado a partir de uma lógica de exceção, corroendo até mesmo os pressupostos da democracia liberal.

Trata-se de um estado de exceção porque convivemos com uma democracia sem povo, a serviço do mercado, e sustentada por medidas autoritárias dos três poderes amalgamados contra o povo e a Nação.

Portanto, a ruptura em 2016 se baseou numa ideologia segundo a qual o poder público, portanto o Estado, deve ser administrado como uma empresa. O Estado é pensado a partir de interesses privados; deixa de ter como base fundante o interesse público, respaldado na soberania popular, para se preocupar e garantir os interesses de uns poucos. O político, nesses termos, deixa de ser um representante eleito a mediar os vários e legítimos interesses e conflitos sociais, políticos e econômicos e passa a ser um mero gestor, ocupado e preocupado com a eficiência de toda uma estrutura pública que, no neoliberalismo, é direcionada a maximizar os interesses econômicos e financeiros dos detentores do poder econômico em detrimento dos direitos da maioria dos cidadãos.

No estado neoliberal, o espaço privado dos interesses dos poderosos é alargado e, ao mesmo tempo, o espaço público dos direitos dos cidadãos é encolhido. Nos termos do neoliberalismo é impossível uma democracia de fato. Só serve uma democracia tutelada pelos donos do capital ou por seus prepostos nos poderes do Estado.

Criminalização da política: a quem interessa?

A mídia empresarial e os segmentos conservadores e ultraliberais das elites nacionais investiram pesado, há algum tempo, para implantarem nas mentes e nos corações dos brasileiros que a política institucional (aquela que se desenvolve nos poderes públicos, nos partidos, a política eleitoral, etc.) é suja, pervertida e eivada de vícios e de corrupção.





Em associação com influenciadores de políticas neoliberais em postos-chave da sociedade, pagos por *think tanks* americanos³, a ação sistemática de criminalização da política surtiu efeitos: os cidadãos foram se enfurecendo com política, políticos e tudo o que era relacionado com o poder público e estatal. Muitos passaram a repetir expressões do tipo “todos os políticos são bandidos”; ou “não voto porque meu voto não vale nada”. Em redes sociais, *fake news* sobre o tema são abundantes.

Essa estratégia provoca, entre outros, um afastamento do cidadão de todas as instâncias de participação, inclusive do processo eleitoral e um desencanto gradual com a democracia, os direitos humanos e ideias de justiça e liberdade.

Observando os resultados de pleitos de 2014 e 2016, já se percebia o crescente afastamento do eleitor do processo de escolha dos representantes.

Nas eleições de 2018, foram recordes os indicadores de abstenção e votos nulos e brancos. Resultado: um candidato radical e de extrema-direita que teve pouco mais de 35% dos votos (do total do eleitorado) e cujo somatório de votos (57 milhões, pouco mais que 1/4 da população) foi eleito presidente do país.

O tsunami político de 2018

Muitos analistas políticos têm considerado que, com o advento do neoliberalismo a partir da década de 1980, iniciou-se um processo de implosão dos estados de bem-estar social. No Brasil, tardiamente, esse fenômeno ocorreu décadas depois: houve tentativas neoliberais durante os governos de FHC, mas sua concretização se deu com o golpe de 2016.

É importante considerarmos, mesmo que rapidamente, algumas das variáveis que deflagraram uma série de conflitos sociais, políticos e culturais no país. Partiremos dos eventos ocorridos em 2013, as chamadas “jornadas de junho”. Naquele momento, não somente no Brasil, mas em várias partes do mundo, uma série de atos de protesto questionavam, entre outros, a democracia representativa. Vozes de diversos segmentos sociais, com interesses diferentes, demandavam mudanças substantivas no modelo esgarçado de governança democrática, no qual os representantes eleitos não representam os interesses da maioria dos eleitores.

3 São grupos e instituições americanas que têm parceiros estratégicos no Brasil para a formação de influenciadores de lideranças políticas e sociais com ideologia neoliberal com o objetivo de atuarem na Academia, jornalismo (mídia), sistema de justiça (juízes, promotores, policiais) e junto ao neopentecostalismo (católico e, principalmente, evangélico).





Uma guinada à direita começava a se esboçar à medida que as classes médias e os setores conservadores e de ultradireita passaram a disputar as ruas (espaços tradicionalmente ocupados pelos movimentos sociais e grupos progressistas).

No mesmo período, sinais do refluxo da crise econômica global batiam às portas do nosso país. Como sabemos, o sistema político foi incapaz de incorporar as reivindicações dos diversos segmentos que saíram às ruas naquele ano.

Nesse contexto, é importante analisar o fato de parte da classe média brasileira, historicamente acostumada com privilégios e não com direitos, bandeou para um discurso e prática saudosistas: de uma sociedade estruturada no autoritarismo. Pedidos de intervenção militar e fechamento das instituições republicanas, por exemplo, começaram a pipocar em manifestações de rua, televisionadas para todo o país, e nas redes sociais.

A violência, que sempre determinou a “ordem” das relações sociais no Brasil, tornou-se o recurso utilizado em doses cavalares por setores da classe média que tentavam se reposicionar num cenário de disputas reais e simbólicas.

Nesse contexto, o governo de Dilma Rousseff e os movimentos sociais e populares, acuados, defendiam a democracia e a crença segundo a qual eleições regulares corrigiriam o refluxo autoritário defendido por segmentos sociais insatisfeitos com tudo o que tinha a ver com o *establishment*.

O processo eleitoral se iniciou radicalizado e nenhum programa de governo tratava de debater e pautar as reformas estruturais. E, sem reformas estruturais, os setores progressistas e democráticos se conformaram na defesa da democracia formal.

Uma competição viciada e desigual

As jornadas de 2013 capturadas pela direita, a não-aceitação do resultado das eleições de 2014 e o *impeachment* parlamentar-judiciário-midiático de 2016 foram alguns dos sinais de um movimento de marcha à ré da frágil democracia brasileira, liderado pelas elites e setores conservadores e reacionários nacionais, incluindo segmentos religiosos (tendo como principais atores deste campo os grupos neopentecostais do protestantismo e do catolicismo).





Como os segmentos que lideraram a ruptura democrática de 2016 não obtiveram êxito no primeiro turno das eleições (de 2018) – principalmente na disputa presidencial (dado que seus candidatos prediletos, Geraldo Alckmin, do PSDB, e Henrique Meirelles, do MDB, tiveram votação pífia) –, não houve nenhuma dificuldade de união desses grupos em torno da candidatura de extrema-direita ultraliberal. Afinal, Jair Bolsonaro, apesar do evidente desdém com a Constituição, a justiça, os direitos humanos, entre outros, carrega os principais predicados da coalizão que tomou o poder em 2016: diferentemente de candidatos de ultradireita europeia, por exemplo, que são antiliberais, o presidente eleito tem um discurso ultraliberal que agrada profundamente os segmentos reacionários e as elites brasileiras. Em nome de interesses privados, individualistas e até antinacionais, esses segmentos aderiram ao então candidato do Partido Social Liberal (PSL) já no primeiro turno das eleições.

Já no primeiro turno, as eleições se transformaram numa guerra. Mas, a desproporcionalidade da disputa eleitoral ficou evidente no final do primeiro turno. Observou-se uma imensa coalizão em torno da candidatura ultraconservadora, ultraliberal e de extrema direita, como os seguintes atores:

Elites econômicas: grandes empresários, o agronegócio e banqueiros que despejaram rios de dinheiro na campanha de Bolsonaro.

A expedição de notícias falsas em doses cavalares através de grupos de *Whatsapp* e a produção deliberada de conteúdos falsos espalhados em redes sociais, com recursos financeiros não contabilizados, segundo denúncia do jornal Folha de São Paulo,⁴ às vésperas do primeiro turno, tutelou a decisão do eleitor. As mensagens foram cuidadosamente pensadas para atingir o imaginário e o emocional de uma sociedade amedrontada e moralista: acusavam o candidato do PT, sem provas e sem nenhuma evidência empírica, de desrespeitar valores familiares, de práticas violentas, de alianças com “demônios” inexistentes. Guiado por um *tsunami de mensagens* desonestas e falsas, o eleitor não tinha instrumentos nem

⁴ No dia 18 de outubro de 2018 uma ampla reportagem do jornal “Folha de S. Paulo” afirmava que empresários simpáticos ao candidato Jair Bolsonaro teriam comprado “pacotes” de disparo em massa de mensagens contra o PT (fake News), o que caracteriza caixa dois de campanha. Conforme a legislação eleitoral em vigor, doações de empresas em campanhas são vetadas. Empresas com a rede de lojas de departamento Havan chegaram a gastar 12 milhões de reais na campanha do então presidencial, conforme reportagem da Folha. Até a entrega deste artigo, a justiça eleitoral, mais uma vez, deixou de atuar. Assim sendo, podemos afirmar que a maior fake News das eleições de 2018 foi a ameaça do então presidente do TSE, ministro Luiz Fux, segundo a qual o tribunal seria implacável contra as notícias falsas.





condições de averiguar os fatos. Formou opinião de última hora, baseado em mentiras deslavadas. Isso explica o movimento abrupto do eleitorado na semana do primeiro turno das eleições, que impulsionou várias candidaturas de ultradireita⁵ nas disputas pelo executivo, principalmente na disputa presidencial, e do legislativo (notadamente no Congresso).

Elites da burocracia estatal: juizes, promotores, policiais e outros funcionários públicos do alto escalão que atuam (no aparelho estatal) como se fossem prepostos e/ou parceiros das elites econômicas e ultraliberais.

Esses grupos da alta burocracia pública vêm agindo sistematicamente (por ações, conivências e omissões) para o atendimento das demandas dos setores do *establishment*. Segmentos do sistema de justiça – mais preocupados em perseguir e destruir biografias de políticos escolhidos a dedo –, não somente permitiram, mas foram coniventes com esse processo visivelmente maculado.

Militares, principalmente das Forças Armadas, voltaram a atuar politicamente, ao arrepio da Constituição. O discurso de Bolsonaro agradava setores poderosos das instituições de segurança pública (e privada) que apresentavam o capital do Exército como o único capaz de reverter a crise da insegurança pública brasileira.

Já comprometidos com todo o processo anterior de ruptura democrática e institucional, esses grupos de elites de burocratas estatais trataram de articular, no período pós-eleições, as condições jurídicas e institucionais para a consolidação de uma provável ordem autoritária que poderá emergir do pleito.

Participação de think tanks norte-americanos.

São instituições que financiam formadores de opinião ultraliberais na mídia, em espaços acadêmicos e junto a grupos religiosos neopentecostais dentro do protestantismo e do catolicismo. Essas instituições

⁵ Estamos nomeando como ultradireita a versão extrema do conservadorismo, que se expressa de forma reacionária. É formada por grupos que não aceitam a modernidade e buscam mobilizar e conquistar o aparato estatal pelo uso da força, saudosos de um passado nostálgico. São autoritários, reativos a todo tipo de diversidade e violentos; portanto, incompatíveis com a democracia. Combinam com o modo mais violento, excludente e opressor do capitalismo na contemporaneidade: o ultraliberalismo.





dos EUA investem há muito tempo na formação de uma ampla rede de influenciadores que atuam em universidades, imprensa, igrejas, clubes de serviço, empresas, ONG's, sociedades secretas, divulgando princípios ultraliberais e antidemocráticos, com impacto em amplos segmentos da vida social. Esses influenciadores criaram uma imensa rede de agentes políticos que são incapazes de defenderem valores democráticos; odeiam quaisquer políticas que visam a justiça e a igualdade e só exaltam os valores e interesses privados e individualistas. São contra um estado social e preferem entregar todo o patrimônio nacional aos estrangeiros desde que seus privilégios de classe sejam mantidos.

Dentro do cristianismo, uma verdadeira disputa foi deflagrada, fazendo com que os grupos ultraconservadores e moralistas ressuscitassem velhos discursos de uma “guerra santa”. O discurso moralista de base religiosa impulsionou principalmente os segmentos ultraconservadores da classe média, formadores de opinião, que, há muito, perderam todo o escrúpulo e não se incomodam nem um pouco em demonstrar sua mentalidade e práticas escravocratas e elitistas, em nome de Deus.

Ação da mídia empresarial

Há muito, os grupos midiáticos brasileiros se consolidaram como um instrumento de controle e manipulação da informação na tentativa de imposição de um pensamento único. De forma hermética, seus veículos de comunicação atuaram em uníssono para favorecer o lado da disputa que atendia aos interesses da coalização ultraliberal.

Assim, o segundo turno das eleições coroou um processo de desdém à Constituição e ao estado democrático e social. Ficou evidente que a desproporcionalidade na disputa eleitoral tornou o processo viciado e corrompido, com as bênçãos da justiça, pelo menos até o presente momento⁶.

Para consolidar a ruptura democrática e a imposição de um governo autoritário e das elites, a coalizão que se formou em torno do candidato de ultradireita usou (e continua usando depois das eleições) os armamentos de uma guerra híbrida⁷, sem escrúpulo e ao arrepio da lei. Assim, as eleições consolidaram o simulacro democrático.

6 Artigo escrito na primeira quinzena de novembro de 2018.

7 Trata-se de uma estratégia de disputa que combina elementos de uma guerra militar, com métodos irregulares e ilegais como fake News, guerra informacional, intervenções alheias ao processo democrático (como a ação de militares da ativa), entre outras estratégias de ataque ao adversário político.





Críticas ao Partido dos Trabalhadores

Não há como desconsiderar nesse processo de erosão da democracia brasileira os equívocos cometidos pelos setores da esquerda e, principalmente, pelo PT durante os 13 anos à frente do Executivo Federal, apesar dos muitos e importantes avanços democráticos e sociais conquistados nesse período.

Especificamente em relação à campanha eleitoral de 2018, o PT não foi eficiente na inteligência estratégica, nem na infraestrutura capaz de enfrentar a perversa campanha bolsonarista⁸ – que contou, segundo constam estudos preliminares, com estrategistas, planejadores, conhecimentos e tecnologias até militares de última geração: a chamada ciberguerra⁹.

Também há críticas ao PT em relação ao descolamento da burocracia e suas elites partidárias das bases da sociedade e, até mesmo, do sindicalismo. Segundo Frei Betto, com o tempo, o PT deixou de valorizar o trabalho da formiga e passou a entoar o canto da cigarra e o projeto de Brasil deu lugar ao (projeto) de poder.¹⁰

Os resultados das urnas

Do rescaldo da onda mudancista¹¹ do processo eleitoral surgiu um presidente de ultradireita e autoritário, “filho” da velha política que se apresentou como o “novo”, eleito com mais de 57 milhões de votos.

Governadores eleitos de estados importantes, como Minas Gerais e São Paulo, seguem a mesma cartilha do próximo chefe do Executivo

- 8 Mesmo antes de iniciar a disputa presidencial, o candidato do PSL já tinha mais de 18 milhões de seguidores nas mídias sociais, muitos deles cultivados com ódio; associação do PT como o único partido responsável pela corrupção; críticas à “imprensa comunista”; ao sistema de cotas e políticas de ações afirmativas; à comunidade LGBT; aos “vagabundos” do bolsa-família; aos “comunistas” infiltrados nas Universidades; com evocação por intervenção militar, culto à tortura e outras barbaridades.
- 9 Esse tipo de estratégia belicosa mescla recursos de inteligência artificial, pregação religiosa de base teocrática, disseminação de fake News em massa, promessas de purificação e limpeza da sociedade com a eliminação daqueles que são escolhidos como os “inimigos” [estrangeiros, imigrantes, venezuelanos, pobres, negros, petistas etc.], desmoralização do sistema e do Estado de Direito e, por fim, a criminalização da política.
- 10 “A fábula petista”. Artigo de Frei Betto disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/a-fabula-petista-por-frei-betto>. Acesso em 20nov2018.
- 11 “A onda mudancista de natureza antissistêmica foi consequência da profunda crise política, econômica, social moral que atingiu o sistema político e os partidos que dele faziam parte como protagonistas desde a Constituição de 1988. O PT, mesmo tendo sido tirado do poder por um golpe, fazia parte desse sistema, tendo governando o país por 13 anos e alguns meses. Em boa medida, tanto no primeiro quanto no segundo turno, foi apontado como o principal responsável pela crise do sistema.” (“Onda mudancista abala o sistema político”. Artigo do cientista político e professor Fundação Escola de Sociologia Política, Aldo Fornazieri, disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/colunistas/aldo-fornazieri/373505/Onda-mudancista-abala-sistema-pol%C3%ADtico.htm>. Acesso em 10nov2018).





Federal. Um Congresso ainda mais conservador que o eleito em 2014 (responsável pelo *impeachment* de Dilma Rousseff) surgiu das urnas, com o aumento expressivo das bancadas militar e neopentecostal. O perfil do “novo” Congresso brasileiro é: homens brancos, com curso superior, com alta renda econômica e de direita. Certamente, não coincide com o perfil mediano da sociedade brasileira.

Quanto ao Judiciário, as declarações do atual presidente do STF, Dias Toffoli, afirmando que a ditadura militar foi um “movimento” e que o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff foi totalmente constitucional, somado a declarações de ministros do STF, como Luiz Fux, que achou adequada a nomeação do juiz Sérgio Moro (que interferiu várias vezes no processo eleitoral) para ministro da justiça e segurança pública de Bolsonaro indicam um possível alinhamento dos três poderes a partir de 2019.

A “velha” noção de freios e contrapesos que deveria pautar uma república alicerçada em três poderes independentes parece concretizar o sonho deletério dos segmentos ultraconservadores da sociedade brasileira.

Há quem tenha esperança que o Poder Judiciário poderá ser o equilíbrio à onda conservadora e de direita no Executivo e Legislativo federais, à medida que garantirá a defesa dos direitos e garantias da Constituição de 1988. Vamos conferir.

É preciso registrar a votação expressiva que o nordeste brasileiro confiou aos partidos mais identificados com um projeto de nação, voltado aos interesses populares. Muito provavelmente, o nordeste se constituirá como um foco de resistência às políticas ultraliberais e será um contrapeso importantíssimo para o enfrentamento da onda ultraconservadora observada no sul, sudeste e centro-oeste brasileiros.

Certamente, o resultado eleitoral no nordeste está relacionado, também, à fidelização do eleitorado dessa região ao ex-presidente Lula - expurgado do processo eleitoral por uma condenação muito contestada por juristas e estudiosos do fenômeno político e que está sendo objeto de análise em tribunais internacionais de proteção aos direitos humanos.

Muito preocupante é o fato de a alienação eleitoral (abstenções, brancos e nulos) ter superado os 40 milhões de eleitores. Ou seja, quase um terço dos eleitores “lavaram as mãos” no processo eleitoral.





E agora?

É importante refletir, à guisa de uma conclusão parcial e incompleta, que as eleições de 2018 fecharam um ciclo de ampliação de direitos e tentativa de consolidação de um estado de bem-estar social no Brasil, inaugurado com a Constituição Federal de 1988) e abriram um novo ciclo, que provavelmente será marcado pela voracidade no desmonte do estado social, restrição de direitos, controle e perseguição a movimentos e lideranças sociais, eclesiais e culturais e implementação de políticas que visarão o incremento da “economia que mata”.

Também há que se reconhecer que os eleitores de Bolsonaro não são um grupo homogêneo. Há, pelos menos, três grandes agrupamentos: os que rejeitam tudo o que representa o atual *establishment* e não vislumbraram outra opção eleitoral; os antiesquerdistas e, principalmente, os antipetistas (e tudo o que, simbolicamente, representa o PT) e os que flertam, sem constrangimento e pudor, com práticas e governos fascistas.

No espectro político-institucional há imensos desafios para o campo democrático e popular pela frente. Entre os principais desafios, a formação de uma ampla aliança de centro-esquerda democrática; a refundação das esquerdas, principalmente do Partido dos Trabalhadores (principal força desse espectro político) – para enfrentar, com uma oposição consistente, um governo de viés nitidamente autoritário.

É preciso registrar que o governo Bolsonaro surge, também, como uma ameaça totalitária. Além de Bolsonaro personificar, em certa medida, os estereótipos que lembram Hitler, o mais assustador é que o núcleo do totalitarismo está nas instituições sociais e políticas quando (elas) se tornam homogêneas. E o alinhamento dos demais poderes da República a ideais autoritários do novo presidente podem indicar essa tenebrosa perspectiva.

Ademais, o ultraliberalismo é uma forma contemporânea do totalitarismo: tudo é pensado como se fosse uma empresa privada, inclusive o Estado. Elegem-se gestores como governantes e prima-se pela meritocracia. Ora, se o Estado e as instituições públicas são empresas, como será possível lidar com os conflitos, a diversidade e a exclusão social, por exemplo?

No campo religioso há que se destacar que os segmentos neopentecostais dentro do protestantismo e do catolicismo continuam ativos e usam sem constrangimento a estratégia de guerrilha para a defesa de uma cosmovisão fundamentada em valores conservadores e reacionários. Continuarão atacando os segmentos identificados com ações sociopolíticas transfor-





madoras e disputarão, cada vez mais, as narrativas sobre o significado do cristianismo em tempo de adensamento da exclusão, das *fakes News*, dos discursos de ódio e da violência – em nome da moral e dos bons costumes da família tradicional cristã. São visões de mundo e valores que não podem ser desprezados, porque significam, para esses segmentos, o fundamento de sua fé (por mais que se possa questionar e negar tais fundamentos).

No bojo da disputa eleitoral e, depois do pleito, grupos organizados por movimentos religiosos em redes sociais criaram canais para perseguir e difamar bispos, sacerdotes, religiosos e movimentos eclesiais identificados com uma perspectiva teológica social. Alguns desses grupos engrossam o coro de segmentos ultraconservadores do catolicismo nos ataques ao Papa Francisco.

Ainda dentro do catolicismo, durante o processo eleitoral, a cisão pela disputa em torno de um projeto de governo que se aproxima dos valores evangélicos ficou evidenciada. Não se trata, aqui, de uma disputa entre o bem e o mal, apesar de o maniqueísmo sustentar, historicamente, muitos discursos e práticas religiosas. Mas, é preciso compreender que essas disputas dividiram famílias, congregações religiosas, grupos eclesiais. E o pior dos mundos é negar a evidência.

Não há dúvida de que o “voto evangélico” impulsionou a vitória de Bolsonaro.

Sem dúvida, a diferença positiva que Bolsonaro obteve entre o eleitorado evangélico foi suficiente para compensar as derrotas entre as religiões Afro-brasileiras, os sem religião e os ateus e agnósticos. Os 11,6 milhões de votos que Bolsonaro obteve a mais do que Haddad dentre os evangélicos foi maior que a diferença total registrada entre os dois candidatos, no resultado final.¹²

Porém, não nos enganemos. Uma rápida olhada na tabela abaixo¹³ demonstra que Bolsonaro também teve maior votação entre o eleitorado católico. Foram quase 30 milhões de votos católicos para o candidato da extrema-direita:

12 Artigo de José Eustáquio Diniz Alves, intitulado “O voto evangélico garantiu a vitória de Jair Bolsonaro”, disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584304-o-voto-evangelico-garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro>. Acesso em 07nov2018.

13 Segundo o autor supracitado, “a pesquisa Datafolha, realizada no dia 25 de outubro, indicou uma intenção de voto de 56% para Bolsonaro e de 44% para Haddad (números muito próximos do resultado efetivo). Esta pesquisa também trouxe a intenção de voto, segundo as preferências eleitorais das várias denominações religiosas. Aplicando os percentuais encontrados na pesquisa ao número de votos válidos (104,8 milhões de votos) podemos estimar o número de votantes por segmento religioso, conforme apresentado nesta tabela.”





Distribuição do eleitorado por tipo de religião, com correção dos dados do Datafolha

Religião	Votos de Bolsonaro	Votos de Haddad	Diferença
Católica	29.795.232	29.630.786	164.446
Evangélica	21.595.284	10.042.504	11.552.780
Afro-brasileiras	312.975	755.887	-442.912
Espiritas	1.721.363	1.457.783	263.580
Outra religião	709.410	345.549	363.862
Sem religião	3.286.239	4.157.381	-871.142
Ateu e agnóstico	375.570	691.097	-315.527
Total de votos	57.796.074	47.080.987	10.715.087

Fonte: Pesquisa Datafolha divulgada 25 de outubro de 2018

Ademais, “culpar” os evangélicos pela eleição de Bolsonaro, além de equívoco, é desresponsabilizar o catolicismo pelos ventos ultraconservadores que varrem a sociedade brasileira nos últimos tempos.

Vaticinar essa responsabilidade ignora uma série de anseios e desejos que povoaram expressiva parcela da população e desconsidera uma campanha que utilizou na sua narrativa um conjunto de informações relacionadas a valores, os quais – é preciso sublinhar pelo pitoresco que representa – se consolidaram a partir de uma estrutura de difusão de mentiras.¹⁴

Não obstante vários clamores públicos, a CNBB foi bastante discreta em posicionamentos mais incisivos, mesmo durante a configuração da disputa no segundo turno. Como resumiu o Padre Luis Miguel Modino,

Nas eleições no Brasil, que tornaram o presidente de extrema-direita Jair Bolsonaro o futuro presidente, com uma vantagem de mais de dez milhões de votos, a religião desempenhou um papel importante no discurso de ambos os candidatos, e o apoio das grandes Igrejas Evangélicas Pentecostais, liderado pela Igreja Universal de Edir Macedo, tem sido um dos fatores, não o único, que derrubou a balança. Por parte da Igreja Católica, a postura oficial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB foi de neutralidade, com diferentes notas que deixaram claro os princípios que os católicos deveriam seguir.¹⁵

Posicionamentos mais claros foram emitidos por alguns poucos bispos¹⁶. Porém, há que se destacar que vários setores da Igreja compro-

14 Artigo de Alexandre Brasil Fonseca intitulado “Foram os evangélicos que elegeram Bolsonaro?”, disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/584446-foam-os-evangelicos-que-elegeram-bolsonaro>. Acesso em 07nov2018.

15 “En Brasil, con Bolsonaro, ganó la economía que mata”. Artigo de Luis Miguel Modino, publicado em Periodista Digital, disponível em <http://blogs.periodistadigital.com/luis-miguel-modino.php/2018/10/29/en-brasil-con-bolsonaro-gano-la-economia>. Acesso em 07nov2018.

16 Como Dom André de Witte, bispo de Ruy Barbosa (BA) e presidente da Comissão Pastoral da Terra; Dom Limacêdo Antônio da Silva, bispo auxiliar de Recife (PE); Dom Antônio Fernando Saburido, arcebispo de Olinda e Recife (PE); Dom Reginaldo Andriotti, de Osasco (SP); Dom Silvio Guterres





metidos com questões sociopolíticas, como a própria Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), emitiram comunicados mais contundentes.

Mas, como constata o Pe. Modino, os tempos futuros serão sombrios e há muitas incertezas, inclusive no posicionamento institucional da Igreja Católica no Brasil em relação ao novo governo que se inicia em 2019:

Se as perspectivas não mudam, preveem-se momentos sombrios a curto prazo, momentos de incerteza, inclusive para a própria Igreja católica, atacada pelo futuro presidente e seus aliados nos últimos meses, especialmente a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a Comissão Pastoral da Terra e o Conselho Indigenista Missionário. Diante desta situação, a Igreja Católica é desafiada a ter uma atitude profética que defenda os direitos dos mais pobres contra essa economia que mata. “Não fiquemos derrotados antes do tempo. Creio que devemos continuar criando as condições para que nosso povo seja sujeito de cidadania”, disse-me um bispo pouco depois de conhecer os resultados das eleições. Ao menos, é uma luz de esperança e uma razão válida para continuar acreditando na Utopia do Reino.¹⁷

Agora, será preciso enfrentar a nova realidade que se descortina como uma espécie de véu da morte de uma fatídica sexta-feira da Paixão.

Mas, como cristãos – profetas da esperança e da fé –, que lutam por um Reino que começa aqui e agora, sabemos que a vida não termina na sexta-feira santa. Ela começa no domingo da Ressurreição.

Resistência, coragem, fé e profetismo!

Questões:

- Como você e sua comunidade religiosa perceberam o processo eleitoral e o resultado das eleições de 2018?
- Como as congregações religiosas podem atuar numa perspectiva de defesa dos direitos das minorias e dos segmentos sociais vulneráveis num contexto de recrudescimento das políticas neoliberais no Brasil?
- Qual deve ser a relação da vida religiosa consagrada com os movimentos sociais e os setores populares e democráticos num possível cenário de ataque aos direitos, radicalização de múltiplas formas de violência e desconstrução da democracia por governos ultraliberais?

Dutra, de Vacaria (RS); Dom João Inácio Muller, de Lorena (SP); Dom Francisco Biasin, de Volta Redonda e Dom Roberto Francisco Ferrería Paz, de Campos (RJ).

17 En Brasil, con Bolsonaro, ganó la economía que mata”. Artigo de Luis Miguel Modino, publicado em Periodista Digital, disponível em <http://blogs.periodistadigital.com/luis-miguel-modino.php/2018/10/29/en-brasil-con-bolsonaro-gano-la-economia>. Acesso em 07nov2018.





EXPERIÊNCIA DE DISCERNIMENTO COM A VIDA CONSAGRADA

IR. HELENA T. RECH, STS¹

Palavra Inicial

Há vários anos venho dedicando minha vida como Teóloga junto com a Vida Consagrada no Brasil.

Tudo começou quando, ainda jovem, assumi a formação inicial em minha Congregação, e era solicitada para assessorar o postulinter, o novinter, depois o juninter. Leigos de duas paróquias pediram-me que eu desse um curso de Teologia. Com eles trabalhei sete anos. Que experiência linda! O grupos de quase quarenta pessoas era perseverante, nunca faltava ninguém. E foram chegando convites de comunidades religiosas, congregações, dioceses, padres, pastorais... Hoje, contemplando esses quase 40 anos dedicados a tanta gente, posso afirmar com imensa alegria: que aprendizado! Um verdadeiro doutorado na vida cotidiana e no cotidiano de tantas vidas.

¹ Ir. Helena T. Rech, Religiosa da Congregação das Servas da SSma. Trindade, Teóloga com mestrado e doutorado em Espiritualidade, pela PUC/RJ, publicou livros e vários artigos. Membro do Conselho Editorial da CRB Nacional e assessora e co-fundadora do PROFOLIDER. Fez parte da Diretoria da CRB Nacional da Regional São Paulo. Há mais de 35 anos atua como assessora de retiros, capítulos e cursos na Vida Consagrada, bem como na formação de grupos leigos específicos e lideranças pastorais. Na Congregação foi por doze anos Conselheira Geral, duas vezes Coordenadores Geral, dez anos acompanhou a formação inicial e o juniorato. Por treze anos foi diretora da Casa de Retiros Ermida. Atualmente reside em São Paulo. Contato: irhelenasts@gmail.com.





Com assessorias, tenho dedicado com alegria meu tempo ao acompanhamento espiritual, unindo, em alguns casos, à terapia floral, como ajuda para a integração pessoal. Cresceu bastante a busca por assessorias e venho dedicando-me quase em tempo integral a este ministério em todo o Brasil. Para mim é um grande prendizado e um incentivo a me atualizar continuamente, de modo especial na área de Espiritualidade, minha paixão e o sentido de minha vida.

Neste artigo compartilho com simplicidade um pouco daquilo que vivo, compreendo, aprendo no cotidiano, com leigos e leigas, em especial com a Vida Religiosa Consagrada, sobre a experiência espiritual do discernimento. Início com uma breve reflexão sobre o significado da palavra discernimento, a dimensão antropológica, eclesiológica, bíblica e teológica. Por fim, partilho um pouco minha experiência no âmbito da Vida Religiosa Consagrada.

Significado da palavra discernimento

A palavra discernimento tem sua origem no verbo grego dokimazô = colocar à prova, examinar, estimar. A palavra sugere a ideia de verificar através da ação a qualidade e o valor de alguma coisa ou também a ideia de pôr à prova². Outro termo grego usado é “diakrinô” (de Krinô) = separar, selecionar, interpretar, julgar, criticar, eleger depois de exame sério³.

Na língua portuguesa, a palavra discernimento vem do latim discernere, significando: definir as coisas nos seus próprios limites, examinar a fundo, interpretar adequadamente.

O discernimento consistirá, pois, em averiguar criticamente qual o juízo evangélico, religioso, moral e ético que merecem nossas ações internas, nossas atitudes, pensamentos, diante de acontecimentos, de situações, das pessoas, de nós mesmos/as e diante do Deus da vida. O discernimento exige conversão, decisão e resposta fiel à vontade do Pai.

A conversão possibilita ao ser humano um novo recomeçar. Auto-compreender-se diante de Deus e diante dos outros (Mt 18, 23-35). O discernimento leva também a um processo de decisão por Deus. Decisão que afeta o ser humano em sua totalidade; desde sua interioridade até sua práxis cotidiana e relações.

2 Cf.: Lc 12, 56; Rm 2, 18; 12, 2; 1 Cor 3, 13; 11, 28; Gl 6, 4; Pd 1, 10; 1 Ts 5, 21; 1 Jo 4, 1.

3 Cf. Mt 16, 3; 1 Cor 6, 5; 11, 29. 31; 12, 10; 14, 29; Hb 5, 14.





Dimensão antropológica do discernimento

Falar em discernimento espiritual significa falar do ser humano. É tocar no âmbito da liberdade e das muitas decisões⁴ do dia a dia. A capacidade de escolher e de decidir é um traço fundamental da condição humana.

Existem opções rotineiras, quase automáticas, outras mais densas e difíceis. Para estas, o discernimento consistirá em buscar a vontade do Pai, como Jesus fez (Jo 4, 34; Lc 22, 42). Deixar-se alcançar e conquistar por Ele. Buscar seu projeto, encontrando nos rastros humanos suas pegadas divinas⁵.

O discernimento dar-se-á entre as tensões e ambiguidades próprias da existência humana⁶ e de cada época. O tempo atual vem carregado de desafios, de luzes e tantas noites escuras, de sombras e tantas perguntas sem respostas.

Portanto, é a pessoa concreta com suas ambiguidades e, em seu contexto existencial, social, psicológico, político que entra no processo de discernimento.

A antropologia teológica de Paulo fala do “corpo psíquico” e do “corpo espiritual” entendidos como o ser humano inteiro (1 Cor 15, 44-49). Portanto, a raiz do discernimento espiritual é o ser humano concreto e situado. O coração humano será o “lugar” teológico do discernimento espiritual.

O discernimento na perspectiva do Novo Testamento

Tomarei apenas alguns aspectos do NT. De modo especial na literatura paulina e na Comunidade Primitiva

O processo de discernimento não nos leva a decisões ou escolhas definitivas, que se perpetuam sem nada mudar. Leva-nos a viver em discernimento, como necessidade de viver lúcida e conscientemente, sem nos deixar iludir; pois a nossa liberdade é possibilidade para o agir de Deus.

4 Cf. AZEVEDO, M. de C., Oração na vida, desafio e dom, Loyola, 1987, 199-266.

5 Ver para uma primeira etapa de discernimento espiritual, segundo os EE de S. Inácio de Loyola: FIORITO, M. A., Discernimento e luta espiritual, Loyola, 1990.

6 Se nossa liberdade é a possibilidade do agir de Deus, o teólogo J.B. LIBÂNIO, levanta as seguintes questões: “*como explicar esta ação de Deus profundamente libertante em relação com as patologias psíquicas da pessoa? Será que a ação de Deus é terapêutica e liberta-nos dos entraves à nossa liberdade? O psicológico não é nada mais do que o ontológico consciente. Se ação de Deus afeta o ontológico, deverá ter efeito sobre o psicológico. E como explicar a existência de santos, que, conforme a análise de psicólogos, eram marcados por fortes patologias? ... as patologias não interferem como negação de liberdade, mas simplesmente como condicionamentos da maneira de responder*”, p. 94.





Em nossa interioridade nos deparamos, como Paulo, com tantas contradições: “Realmente não consigo entender o que faço: pois não pratico o que quero, mas o que detesto... Com efeito, não faço o bem que eu quero, mas pratico o mal que eu não quero” (Rm 7, 15ss.; cf. 2 Cor 12, 7).

A Palavra de Deus é lugar privilegiado para todo o discernimento espiritual. Confrontando-nos com ela conheceremos quem é Deus, quem somos nós e como deve ser nossa relação com Ele e com os irmãos e irmãs. Assim, a vida cristã é uma vida pautada segundo o Espírito, tanto como pessoas individualizadas, quanto como comunidade de discípulos e discípulas de Jesus. Vejamos como é sentida e percebida a presença do Espírito na comunidade primitiva.

A presença do Espírito na comunidade primitiva

A comunidade primitiva experimenta profundamente a presença do Espírito em sua vida diária. O início da atividade dos apóstolos é marcado pela experiência do Espírito, descrita nos Atos como vinda de um “sopro impetuoso de vendaval” que encheu toda a casa e como línguas de fogo e eles começaram a falar uma nova linguagem, entendida por todas as pessoas e culturas (At 2, 1-13). Sua presença é sentida e perpassa toda a vida da comunidade cristã.

O livro dos Atos mostra a presença palpável do Espírito na comunidade primitiva: a pregação de Pedro se realiza na força do Espírito (At 2, 38). A comunidade perseguida persevera na oração, na fração do pão, entrega-se corajosamente à obra da evangelização (At 4, 31). Diante dos tribunais os apóstolos testemunham sem temor a Jesus Cristo (At 5, 32). Estevão, sob a ação do Espírito, oferece a própria vida (At 6, 5. 10; 7, 51. 55). Pedro e João impõem as mãos sobre os samaritanos (At 8, 15-17). Não se compra o direito de comunicar o Espírito Santo (At 8, 18-19). Ele é dom gratuito e permanente na comunidade.

Todo o NT é marcado pela presença do Espírito e do discernimento. Mas, na teologia paulina, o discernimento adquire uma importância relevante e considerável.

O discernimento na literatura paulina

O discernimento “dos espíritos” ou de “inspirações” é trabalhado de modo particular na teologia de Paulo. Para ele, o discernimento é parte imprescindível na busca da autenticidade cristã.





Paulo vive profunda experiência escatológica. Pois, o definitivo já entrou na história e ilumina todos os caminhos da existência humana. O discernimento é para ele a participação e aplicação histórica concreta do juízo de Deus através da fé em Jesus Cristo e do seu Espírito. Paulo vê no discernimento a virtude do tempo da Igreja, situado entre o fato da Morte e Ressurreição de Jesus (1 Cor 10, 11). O cristão não pode conformar-se com este mundo (Rm 12, 1-2), deve superá-lo através do discernimento constante, na busca para descobrir a vontade de Deus e seu projeto. Por exemplo: diante do escândalo das assembléias eucarísticas de Corinto, Paulo pede discernimento sério a cada um, pois “quem come e bebe sem discernir o Corpo, come e bebe a própria condenação (1 Cor 11,29).

Aos cristãos de Éfeso ensina-lhes que o cristão deve ser o portador da luz (Ef 5, 8-10) no mundo submerso nas trevas. É necessário ser consciente das obras das trevas (Ef 5, 11-14) para discernir e conhecer o que agrada ao Senhor e caminhar como filhos e filhas da luz (Ef 5, 15-21).

Da teologia paulina podem-se extrair alguns critérios para o “discernimento dos espíritos”, que constantemente atuam em nós. Estes critérios apontados por Paulo poderão nos ajudar a clarear se determinada inspiração ou apelo vem de Deus ou se é fruto apenas de nosso querer e prazer. Os critérios de discernimento apresentados por Paulo são:

- a) **reconhecer os frutos:** tanto o Espírito de Deus, quanto o mau espírito podem ser reconhecidos pelos frutos que produzem. Os frutos do bom Espírito são: amor, alegria, paz, bondade, fidelidade, compaixão, mansidão, autodomínio; os frutos do espírito do mal se manifestam assim: fornicação, libertinagem, impureza, violência, vingança, egoísmo, orgulho e muitos outros. (Gl 5, 14-22; Ef 5, 8-10; Rm 7, 4-5. 19-20).
- b) **criar a comunhão eclesial:** os verdadeiros dons e carismas são os que edificam a Igreja e a comunidade (1 Cor 12, 7). São dons fecundos, criadores de comunhão e transmitem especialmente a paz, o ânimo, a coragem, a confiança, o amor e a fé. Estes dons são dados para a edificação da comunidade, especialmente os dons da profecia e da palavra (1 Cor 14, 4. 12. 26s.).
- c) **encontrar a força na fraqueza:** o Espírito se manifesta com poder, operando milagres, infundindo segurança a quem anuncia



a Palavra, dando força na perseguição (1 Ts 1, 4-5; 2 Cor 12, 12); um dos sinais mais autênticos da presença do Espírito é quando se percebe a força do Deus na fragilidade humana (2 Cor 2, 4; 12, 9).

- d) acolher a imediatez de Deus:** a certeza e a segurança do chamado de Deus na docilidade eclesial. De um lado, a imediatez da presença de Deus dá a certeza de sua vocação (Rm 1,1; Gl 1,15; Fl 3, 12); de outro, este chamado deve ser confirmado, autenticado pela comunidade eclesial (Gl 1, 18).
- e) viver na luz e na paz:** os dons do Espírito, o fato de seguir suas moções, produz na pessoa: paz, alegria, luz, coragem (1 Cor 14,33). “O desejo da carne é a morte, ao passo que o desejo do Espírito é vida e paz” (Rm 8, 6; 14, 17-18).
- f) criar comunhão fraterna:** esta é o critério mais importante que revela a presença do Espírito que, na Trindade, é o laço de comunhão do Pai e do Filho (1 Cor 13). Andar no Espírito é respeitar, valorizar e amar os carismas, os dons das outras pessoas (1 Cor 12) para criar a comunhão e a fraternidade.
- g) proclamar Jesus como o Senhor:** o critério supremo do discernimento é a pessoa de Jesus (1 Cor 12,3). Aderir a Ele não é apenas proferir uma fórmula proclamando “Jesus é o Senhor” mas, professar que Ele é Senhor é proclamar sua divindade, aderir à sua pessoa pela fé e no amor, comprometer-se com seu projeto, sobretudo fazer dele realmente o “Senhor da vida”. Isso só é possível no Espírito.
- h) confrontar-se com a Palavra de Deus:** a Palavra é critério que desvela o valor, o sentido e a vocação do ser humano, bem como o projeto e a vontade do Pai sobre o ser humano. Isto não significa que o discernimento seja fácil. Somos pessoas condicionadas, temos diversos mecanismos internos que se interpõem aos apelos do Espírito Santo. Além disso, somos pessoas situadas num espaço sócio-cultural-político que nos afeta e marca nossa vida e nossas decisões. A Palavra é luz e critério, quando escutada com ouvidos de discípulo, de discípula despertos a cada manhã por seu amor (Is 50, 4b). Ter ouvidos de discípulo/a, permitir que o Pai nos desperte cada manhã (Is 50, 4b) é fundamental para ter linguagem de discípulo/a (Is 50, 4a) e ser seguidor e seguidora consciente de seu Filho Jesus, numa vida discernida e a Ele consagrada pela unção do Espírito (Is 61,1-3).



A dimensão Eclesiológica do discernimento⁷

A história passa por um momento de mudanças qualitativas. A Igreja situada dentro da história está sendo afetada por essas mudanças. Tanto ela, quanto cada cristão defronta-se com problemas radicais, como, por exemplo: o triunfo do sistema econômico, tecnológico e burocrático; a crise de sentido e de paradigmas; o impacto da mídia; o aumento assustador da miséria; os desastres ecológicos provocados pela destruição da natureza, pelo uso indiscriminado de produtos tóxicos.

A Igreja vive em tempos de discernimento. Um discernimento que articula dialeticamente tradição – novidade, carisma – instituição e assume com responsabilidade o processo hermenêutico, respeitando as diversas funções e carismas (1 Cor 12, 4-11) de seus membros. Como sublinha Paulo: existem os profetas (1 Cor 12, 10b) que irão ajudar no discernimento interpretando o momento atual, captando os sinais de Deus Trindade; existem os doutores (1 Cor 12, 8) que trazem seu ensinamento, sua Teologia para aprofundar, iluminar e questionar a práxis; existem os pastores que, identificados com o povo, reconhecem sua voz e são reconhecidos por eles e estão presentes para dar a vida (Jo 10, 11. 14. 16); existem os inquietos (como Francisco de Assis) com a lentidão nas mudanças; os que, conduzidos pelo Espírito, criam novas formas de vida e comunhão; os místicos⁸ e tantos outros que, dentro do processo de discernimento, ajudarão a Igreja a encontrar sua verdadeira identidade, sua face sempre nova e renovada pelo Espírito que Jesus enviou. Pois o Espírito “unifica-a na comunhão e no mistério. Dota-a e dirige-a mediante os diversos dons hierárquicos e carismáticos. E adorna-a com seus frutos (Ef 4, 11-12; 1 Cor 12, 4; Gl 5, 22). Pela força do Evangelho, ele rejuvenesce a Igreja, renova-a perpetuamente e leva-a à união consumada com seu Esposo (Ap 22, 17)”.

O Espírito Santo, o unificador da pluralidade trinitária, manifesta-se, na Igreja, através dos diferentes dons, carismas e serviços (1 Cor 12, 7-11), congregando-a como corpo (1 Cor 12, 12-13). Corpo este que sempre se renova e cresce no dinamismo do Espírito. Neste corpo, que é a Igreja, o Espírito Santo é criatividade e irrupção do novo, Ele é princípio da diferença e da comunhão das diferentes culturas, povos,

7 Cf. J. PAULO II, *O Espírito na Igreja e no mundo*. (Dominum et Vivificantem), Paulinas, 1986; LIBÂNIO, J.B., *Discernimento Espiritual*, 114-118; COMBLIN, J. *O Espírito Santo e a Libertação*, 104-153

8 Não só místicos clássicos que marcaram a história da Igreja, como S. João da Cruz, Santa Tereza, Santo Inácio... mas os místicos e profetas atuais como D. Helder, Me. Tereza de Calcutá, D. Pedro Casaldáliga, Papa Francisco, D. Paulo Evaristo, e tantos anônimos das comunidades de base, membros ocultos de nossas comunidades religiosas.





individualidades. Nessa diferenciação o Espírito é laço de unidade, pois, “quer judeus e gregos, escravos e livres, todos bebemos de um só Espírito!” (1 Cor 12, 13).

Ao longo da história, o Espírito suscita, na Igreja e no mundo, místicos e profetas, pessoas com dons e carismas especiais capazes de ler os sinais de Deus na história. Conhecemos muitas destas pessoas. Dentre elas, pessoalmente admiro e destaco São João da Cruz, São Francisco de Assis, Santa Teresa de Ávila e Santo Inácio de Loyola, por suas vidas, pela mística, desafios, sofrimentos enfrentados... e escolhas profundamente sintonizadas com a vontade do Pai, na fidelidade ao projeto de Jesus, guiados/as pela Santa Ruah.

Experiência de discernimento segundo Inácio de Loyola⁹

Diante da riqueza deixada por tantos místicos e autores espirituais que tratam do discernimento, Santo Inácio de Loyola ocupa um lugar relevante, tanto por sua experiência pessoal das diversas “moções”¹⁰ espirituais que viveu a partir de sua conversão, como pela herança deixada no livro dos Exercícios Espirituais (EE). Um verdadeiro itinerário espiritual de discernimento em vista de uma escolha de vida para a maior glória de Deus (EE 169–189) e para em tudo “amar e servir”.

Discernimento, dom e carisma

O discernimento espiritual não é dom de Inácio de Loyola à Igreja, mas dom do Espírito Santo à Igreja e um carisma especial dado a Inácio de Loyola. O inquieto, ambicioso e apaixonado, Inácio, de modo simples, vai descobrindo em si mesmo o toque da graça na trama da vida diária. Experimentava grandes movimentos dentro de si: umas vezes não encontrava gosto pela oração, pela Eucaristia, sentia-se “desolado”; outras vezes, provava uma grande paz, alegria, ânimo, sentia-se “consolado”.

9 Farta literatura nos é oferecida sobre o discernimento em Inácio de Loyola, tanto em livros como artigos. A título de informação: Exercício Espiritual de Santo Inácio (EE), Loyola, 1985; Autobiografia de Santo Inácio de Loyola, Loyola, 1987; Id., A dinâmica do discernimento individual inaciano, Col. Inaciana, 10, Loyola, s.d.; LIBÂNIO, J. B., Discernimento espiritual - reflexões teológico-espirituais, Loyola, 1977, 123–189;

10 Entende-se por “moções”, movimentos espirituais, interiores. Cf. EE, 182 e nota 1.





Esta experiência espiritual que marcou o início de seu itinerário de conversão lentamente vai descobrindo o processo de discernimento. Os Exercícios Espirituais de Inácio possuem uma pedagogia própria que ajuda a fazer uma experiência de Deus e a entrar num processo de discernimento. Alguns elementos desta pedagogia dos EE:

- a) alcançar a liberdade interior – o processo de conhecimento da vontade de Deus exige liberdade interior. Inácio usa a expressão ordenar os afetos ou não se deixar dominar por afeição desordenada (EE 21 e nota), liberdade espiritual frente às criaturas, libertação das amarras interiores. Para chegar a essa liberdade e purificar o amor, é preciso buscar o “magis”, em tudo amando e servindo a Deus e buscando sua vontade (EE 5);
- b) escutar a Palavra e comprometer-se – Deus se comunica através da Palavra que liberta; as pessoas respondem comprometendo-se com ela. Por isso, Santo Inácio aconselha ao exercitante pedir a graça que mais deseja alcançar e sugere pedir a graça de não ser surdo ao chamamento de Deus (EE 91);
- c) abertura para a mudança – somente Deus é o Absoluto e Imutável; todo o resto (EE 23) é relativo, diante do qual devemos ter uma atitude de indiferença¹¹. Usar as coisas criadas tanto quanto elas nos aproximam de Deus e de seu projeto;
- d) experiência de consolação e desolação – as moções provocam em nós consolação e desolação espirituais. Inácio denomina consolação (EE 336) a um estado interior no qual a pessoa experimenta luz, fé, alegria, coragem e se inflama de amor por seu Criador. A desolação (EE 318) é o contrário da consolação. É obscuridade, perturbação, inquietação provocada pelas várias tentações, tibieza;
- e) a dinâmica de uma escolha ou eleição – para Santo Inácio a finalidade do discernimento das moções interiores é chegar a uma escolha ou eleição, segundo a vontade de Deus. Esta escolha se dará através do discernimento dos movimentos interiores de consolação e desolação, de ações do bom Espírito e do espírito do mal. Para este discernimento Inácio propõe uma metodologia de três tempos (cf. EE 175, 176, 165).

Percebe-se, aqui, que o discernimento verdadeiro e responsável supõe experiência de Deus, liberdade interior em relação ao objeto da decisão. Sem essa liberdade e oração não atingimos o discernimento nem acolheremos o dom de Deus.

¹¹ A “indiferença inaciana” = uma atitude de opção fundamental a Deus, deixando no segundo plano o restante.





De modo particular e singular, a Vida Religiosa Consagrada (VRC) é interpelada a discernir, em sua vivência e compromisso, os sinais de Deus e a ação do Espírito no contexto em que vive.

AVRC tem a mesma estrutura da Igreja, enquanto carisma e instituição. Nela se percebe mais intensamente uma tensão entre a dimensão carismática e a institucionalização. Pode haver uma tensão ilusória de eliminar-se uma ou outra dimensão. Onde há tensões faz-se necessário o discernimento. O discernimento é importante para que a VRC não se acomode e se torne ‘rotina’ ou ‘repetição de normas’ do passado, mas viva a fidelidade criativa e dinâmica do carisma fundacional, em obediência ao dom do Espírito, os apelos missionários na história.

Especialmente em Rm 12 e 1 Cor 12, Paulo elabora o significado destas aptidões particulares de serviço à vida e o crescimento do corpo comunitário. Ele emprega quatro expressões para designar os dons recebidos para o serviço da comunidade: “dons do Espírito” (1 Cor 12, 1; 14, 1); “carismas” (1 Cor 12,4); “ministérios” (1 Cor 12,5; 2 Cor 9, 12) e “operações” (1 Cor 12, 6).

Para Paulo a “caridade” é o critério máximo para discernir o crescimento, os dons e carismas no serviço à comunidade: “Se eu falasse... tivesse... conhecesse... possuísse... distribuísse, se eu não tivesse caridade, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que retine, eu nada seria, isso de nada me adiantaria” (1 Cor 13,1-3). Os “carismas” são dádivas trinitárias, que o apóstolo atribui de preferência ao Espírito Santo (1 Cor 12, 4-6), mas que é gratuidade comum e livre do Pai (1 Cor, 14-28) e do Filho (Ef 4, 11).

O carisma de cada Congregação ou comunidade não é dom privado, não pode ser provocado, nem comprado. São dons (charis) do Espírito Santo, cujo destino é público-social, para o crescimento dinâmico do corpo eclesial em qualquer lugar ou tempo.

Sobre carismas, retomando a teologia paulina, especialmente na carta aos Coríntios, afirma-se que os carismas são para o bem comum, para a edificação da Igreja e o tempo do Espírito, para formar o ser humano maduro para a missão, segundo os frutos do Espírito.

Na constituição apostólica “Evangélica Testificatio” o carisma dos fundadores e das fundadoras se revela como experiência do Espírito, transmitida aos discípulos e discípulas para ser vivida, testemunhada





e desenvolvida no Corpo de Cristo em constante crescimento¹². E para a fidelidade, amadurecimento e testemunho de um Carisma, o discernimento comunitário e institucional faz-se necessário como constante busca de fidelidade ao dom do Espírito, ao chamado do Pai e ao projeto de Jesus.

Assim, “O Carisma é sempre algo novo, imprevisível, próprio, relacionado com uma situação histórica única, e não teria significado fora dessa circunstância”¹³.

Por isso, a VRC deve viver em constante discernimento dos “sinais dos tempos”, pois a vivência do carisma é uma ousadia e ele sempre é surpreendente e inovador. Discernimento não é algo feito de uma vez por todas, mas é um processo, uma atitude permanente.

Para que ocorra um constante, dinâmico e fecundo crescimento, nestes e noutros tantos aspectos, é necessário que Religiosas, Religiosos e comunidades vivam em discernimento a exemplo de seus fundadores: deixar-se alcançar pelo Espírito de Jesus, sendo fiéis às suas inspirações, abertas e abertos às necessidades eclesiais, sociais, políticas e aos desafios do tempo atual.

Experiência de discernimento vivenciado com Congregações Religiosas

As maiores experiências vivenciadas em meu ministério teológico-espiritual são na orientação de retiros, formação, acompanhamento espiritual e, desde a década de 1980, assessoria de Capítulos Gerais e Provinciais. O primeiro que assessoriei foi um Capítulo Geral. Já na primeira reunião com a Coordenadora Geral e seu Conselho percebi que havia divisões, conflitos e várias junioristas deixando a Instituição. Meus sentimentos foram de pequenez e impotência diante da complexidade do que vi, percebi e escutei. Recursos bíblicos teológicos? Sim. Mas o mais importante para mim foi a experiência da escuta interior de Deus e escuta da realidade do grupo que eu acompanhava. A teologia me ajudou como um instrumento, mas a espiritualidade e o diálogo com pessoas experientes foram significativos no processo. A oração contemplativa, o amor da Trindade me fortalecia, iluminava, inspirava. Acompanhei a Congregação durante todo o ano capitular

¹² Ver também a Encíclica *Lumen Gentium*, n. 44

¹³ COMBLIN, J., “Algumas interpelações aos religiosos depois de Santo Domingo”, *Convergência*, 264, jul/ago. 1993, 327-328.





com reuniões, oração de discernimento com todas as Irmãs, subsídios para reflexão a cada dois meses, com retorno para mim e a realização de Assembleia Pré-capitular no meio do ano. Antes do Capítulo, três dias de retiro e Discernimento. E os frutos do Espírito se manifestaram e fizeram-se sentir ao longo do processo e na realização do Capítulo.

Este foi o primeiro Capítulo Geral que assessoriei. Muitos outros foram acontecendo. Em janeiro deste ano, concluía a assessoria de um Capítulo Geral, vivenciado num processo profundo de discernimento, mudanças e comunhão... o novo do Espírito aconteceu. O Espírito nos conduziu! No processo houve desafios, mas todas se dispuseram a fazer caminho de forma orante e participativa. Deixar-se tocar pelo Espírito. Seu sopro divino e sua leveza fizeram-se visíveis no dia da eleição. No primeiro escrutínio a Madre Geral foi eleita por unanimidade e as quatro Conselheiras também eleitas num só escrutínio.

Anseios das congregações que geram esta demanda

Houve um tempo em que a demanda das congregações era buscar especialistas para uma “análise de conjuntura” e, com certeza, não era só necessidade para as instituições, mas ajuda significativa.

Porem, a VRC avançou num processo de aprofundar suas “raízes” e chegar à seiva profunda da espiritualidade, carisma e missionariedade para responder aos desafios atuais. Discernir com lucidez e maturidade os “sinais dos tempos”.

A demanda por espiritualidade, formação continuada, retiros, discernimento, cresceu significativamente. Se respondesse a todas as solicitações, restaria pouco tempo para o cultivo pessoal, com minha congregação e comunidade. Vejo essa demanda como algo positivo, um kairós do Espírito, consciência de que não é só o “fazer”, mas o “ser” integrado que é missionário e transformador. Há uma busca de interioridade, olhar com o olhar de Deus, deixar-se ‘tocar’ pela realidade e modelar pela Trindade que habita nosso coração.

Percebo e sinto que a demanda pelo discernimento espiritual nas congregações, especialmente feminina, tem sido de modo geral:

- Desafio do envelhecimento das religiosas e poucas vocacionadas.
- Discernir as ‘obras’ e a missão de fronteira e além-fronteira junto aos empobrecidos, refugiados, migrantes.





- Desafios da vida em comunidade e relações – busca de integração.
- Aprofundar e atualizar a espiritualidade, carisma e missão diante dos grandes desafios do mundo, da sociedade, da Igreja e da pobreza.
- Ser um VRC em saída, em travessia, simples, despojada, inserida.

Estes são alguns aspectos que visualizo de modo geral, mas muitos outros estão presentes na vida das congregações femininas e masculinas.

Indicações para o processo de discernimento Congregacional

- A consciência de que não é uma simples reunião de estudos, avaliação daquilo que foi realizado, ou planejamento de atividades para a próxima Gestão. É um acontecimento eclesial, é a possibilidade de um kairós congregacional. Novo tempo.
- Fazer-se uma pergunta fundamental: o que Deus está querendo de nós, neste momento histórico, eclesial, sócio-cultural dentro de nosso carisma-missão no mundo atual?
- Envolver todos os membros da Congregação ou Província no processo de discernimento num clima de escuta interior, abertura, diálogo, verdade e liberdade.
- Atitude de humildade e de esperança. Humildade pelo reconhecimento de nossa fragilidade e incapacidade e pela possibilidade de engano; esperança pela certeza do dom do Espírito prometido por Jesus, presente em cada pessoa, na comunidade.
- Experiência amorosa de Deus, chave para uma decisão verdadeiramente livre e feliz. Esta experiência é o princípio gerador de todo o discernimento cristão. Ela afeta todas as dimensões da pessoa: inteligência, afetividade, consciência, liberdade, projetos, o próprio dinamismo da vida pessoal e comunitária.

Desafios para fazer com que o discernimento aconteça

Já descrevemos acima os elementos bíblicos teológicos para fazer um verdadeiro discernimento. Não vamos repeti-lo aqui. Para ilustrar trago um texto breve do Pe. Adroaldo Palaoro, SJ:





Discernimento espiritual, leitura dos “sinais dos tempos”, lucidez crítico-profética e audácia evangélica são condições indispensáveis para qualquer tomada de decisão e ação, num dado momento da vida. É ter capacidade de “estar à escuta”, de aprender da história, de converter-se continuamente, de discernir os novos sinais dos tempos.

Desafios fazem parte no nosso itinerário humano e espiritual. Quem não os encontra no seu cotidiano? Todas as Instituições, comunidades, Igrejas, grupos, pessoas, sabemos que são parte da dinâmica da vida; considero os desafios como “trampolim” para um salto sincronizado com a vontade do Pai. Desafios são possibilidades que, acolhidas, rezadas e discernidas no coração e na comunidade, são novos caminhos de vida e missão, graça e crescimento.

Conheço e lido com diferentes desafios nas assessorias com aVRC no tocante ao processo de discernimento: a divisão interna do grupo, em que um lado não abre mão do que pensa, deseja e quer; o fechamento pessoal ou grupal é um desafio que impede o diálogo maduro e a busca do bem comum; a fixação no tradicional e a não abertura ao novo, às novas travessias; a falta de disponibilidade pessoal para a itinerância missionária; pessoas “agarradas” aos cargos e lugares, obstáculo para o grupo congregacional avançar e responder criativamente aos novos sinais dos tempos; a incapacidade da “escuta” interior, de uma oração profunda e transformadora; em eleições capitulares, “campanhas partidárias” por uma equipe ou pessoa, não a um olhar discernido a partir do todo e do bem da congregação ou província. Isso é muito triste. Esses são alguns dos muitos desafios. Você é convidada/o e completar esta lista.

Uma palavra final em aberto

A experiência de Deus como experiência no Espírito requer de nós uma atitude constante de discernimento. Discernimento não é análise sobre Deus ou sobre sua presença na vida, mas é experiência no Espírito que permite ver com lucidez os rastros de sua presença no mundo, na Igreja, na comunidade, na vida pessoal. Ele é quem faz “novas todas as coisas” (Ef 4, 24; Ap 21, 5).

A experiência pneumatológica é uma experiência que nos envolve e mergulha no próprio movimento trinitário de íntima comunhão e de êxodo; experiência do amor-interioridade e experiência do amor-serviço.





Os frutos, quando se faz a experiência de um verdadeiro processo de discernimento comunitário e apostólico, são dons gratuitos da Trindade amada, que Inácio denomina consolações.

Somos envolvidas/os da “consolação” divina, isto é, de sentimentos de alegria, gratidão, coragem, paz e doação. Na comunidade experimenta-se a comunhão, a partilha, o respeito mútuo. Cresce o desejo do diálogo, acolhem-se as diferenças e elas são integradas para o crescimento da comunidade e no serviço missionário. A convivência acontece com leveza, liberdade, criatividade e alegria. A oração pessoal e comunitária ganha novo sentido, profundidade e criatividade. As decisões são rezadas, compartilhadas e assumidas pelo grupo. A energia circula, o amor cresce e a vontade de Deus acontece.

O verdadeiro discernimento nos dá um novo olhar, nos capacita para interpretar, acolher e realizar a vontade de Deus no momento histórico-concreto de nossas vidas e comunidades.

É preciso um olhar amplo, aquele olhar que alcança o horizonte, que vê os detalhes das maravilhas de Deus, suas surpresas; um coração enamorado, feliz, livre, aberto que se deixa interpelar e tocar; vida peregrina, disponível para onde o Amado quer nos enviar.

Paulo nos aconselha: “Discerni tudo e ficai com o que é bom” (1 Tes. 5,21), pois “o desejo do Espírito é vida e paz” (Rm 8, 6; 14, 17-18).

Para refletir na comunidade:

- O que você destaca deste texto como importante e necessário para um verdadeiro discernimento pessoal ou comunitário?
- Partilhe: qual sua experiência pessoal de discernimento?
- Como acontece em sua Congregação a experiência de discernimento quando se faz necessário? Como é a participação de seus membros?





A IDENTIDADE DO PRESBÍTERO RELIGIOSO: UMA IDENTIDADE PROBLEMÁTICA

PAULO SÉRGIO CARRARA, CSSR¹

A questão teológica da identidade do presbítero religioso foi tratada em duas edições da Revista Convergência por Francisco Taborda. No número 35 da Revista, o teólogo escreveu o artigo: *O religioso presbítero: uma questão disputada*. Já no número 44, nove anos depois, o mesmo assunto apareceu sob o título: *Religiosos ordenados. Tentativa de solução a partir do “princípio da economia”*. Este último traz uma nova reflexão do teólogo, que também se encontra no seu livro sobre o ministério ordenado: *A Igreja e seus ministros. Uma teologia do ministério ordenado*. A identidade problemática do presbítero religioso volta neste artigo. A perspectiva de Taborda será retomada aqui, à qual acrescentaremos a dimensão mais pastoral do exercício do ministério presbiteral por parte dos religiosos. Esse artigo nasceu de uma palestra no Encontro dos Presbíteros Religiosos promovido pela CRB nacional em Belo Horizonte, em 2018.

O ministério presbiteral

O Espírito Santo suscita na Igreja uma variedade de serviços necessários à pregação e à vivência do Evangelho. Segundo o apóstolo

1 Missionário redentorista, doutor em Teologia pela FAJE. Professor nessa mesma Faculdade e no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), em Belo Horizonte. Membro do Grupo de pesquisa Estudos em Cristologia da FAJE. Endereço: Rua Capitão Leonídio Soares, 751 – Planalto CEP: 31.720-590 – Belo Horizonte, MG. E-mail: pecarraracsrr@gmail.com





Paulo, o Espírito faz surgir os guardiães (cf. At 20,28), responsáveis pelo cuidado da comunidade na qual realizam sua missão, a *ekklésia*, assembleia de Deus. Suscitados pelo Espírito, os ministérios na Igreja atuam sempre em nome de Cristo (cf. Mt 10,40). O serviço dos presbíteros pertence à dimensão eclesial e carismática da Igreja povo de Deus. O Novo Testamento descreve a diversidade de ministérios existentes na Igreja primitiva. Todos nascem em vista da construção da Igreja. O ministério presbiteral se refere sempre à estrutura da Igreja local. Ele preside a construção dessa Igreja, pondo-se a serviço do *Espírito, do Evangelho e da Eucaristia*. Também possui a função de ser vínculo entre as várias Igrejas locais, sinalizando a comunhão entre elas. Numa comunidade de iguais, na qual todos celebram a eucaristia, há, no entanto, diversidade de carismas (cf. 1 Cor 12). Na multiplicidade de carismas, a ação do Espírito faz emergir o da presidência (cf. 1 Cor 12, 28), cuja função específica se encontra no cuidado com os outros carismas em vista da construção da unidade da Igreja.

A ordenação, através do sinal sacramental da imposição das mãos e da prece de ordenação, confere um carisma (cf. 2 Tm 1, 6), cuja função específica é reger a Igreja local, sustentando-a na comunhão que se fundamenta na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo (LG 4). “Os presbíteros reúnem, em nome do Bispo, a família de Deus, como fraternidade animada por um só objetivo, e levam-na por Cristo no Espírito a Deus Pai” (PO 6). Enquanto ministro da unidade e responsável pela direção da comunidade, ele preside a eucaristia, sacramento que visibiliza a essência da Igreja. O presbítero está *na comunidade*, ou seja, é um irmão entre os irmãos, tem o sacerdócio comum dos fiéis, mas, por seu ministério, está também *diante da comunidade*. Seu ministério nasce na comunidade e ele representa a Igreja. O Espírito o torna representante de Cristo como guia da comunidade, o que, tradicionalmente, a teologia expressou afirmando que ele age *in persona Christi*. O *in persona Christi* não se compreende, no entanto, sem o *in persona Ecclesiae*, uma vez que o presbítero exerce seu ministério inserido na fé e comunhão da Igreja, povo santificado por Deus; nela o ministro ordenado tem a incumbência de representar Cristo-cabeça, chefe e esposo da Igreja.

O Concílio Vaticano II apresenta o episcopado como ministério fundamental na Igreja e plenitude do sacramento da ordem. O bispo mantém a unidade da fé na fidelidade ao testemunho apostólico, garantindo, assim, a identidade apostólica da Igreja num território determinado, que chamamos *diocese*, na qual se faz presente a Igreja universal. O bispo





deve respeitar a multiplicidade dos dons e incentivar o surgimento de novos carismas. Deve, ainda, representar sua Igreja junto às outras Igrejas locais, mantendo a comunhão com toda a Igreja. O presbítero se define como membro do “senado do bispo” e o assiste na presidência da Igreja local, presidindo uma pequena parcela dessa Igreja, uma comunidade eucarística. O presbítero pertence ao presbitério, ou seja, a um colégio que ajuda o bispo em sua solicitude para com a Igreja local. Só o bispo ordena, mas todos impõem as mãos sobre a cabeça dos que serão instituídos presbíteros. O presbítero age em comunhão com o bispo e o presbitério². O presbítero é coadjutor do bispo, cuja função sacerdotal se resume no anúncio da Palavra, na santificação pelos sacramentos e no governo pastoral da comunidade (LG 21). A função ministerial não se restringe, portanto, à presidência do culto eucarístico, sua primeira tarefa é anunciar o Evangelho (LG 25).

A vida religiosa consagrada

Todas as vocações cristãs se definem como seguimento de Cristo. Pelo batismo, os cristãos são todos seguidores de Jesus Cristo. Afirma o Papa Francisco:

O primeiro sacramento, que sela para sempre a nossa identidade, e do qual deveríamos ser sempre orgulhosos, é o batismo. Através dele e com a *unção do Espírito Santo*, (os fiéis) “são consagrados para serem edifício espiritual e sacerdócio santo” (LG 10). A nossa primeira e fundamental consagração funda as suas raízes no nosso batismo. Ninguém foi batizado sacerdote nem bispo. Batizaram-nos leigos e é o sinal indelével que jamais poderá ser cancelado. Faz-nos bem recordar que a Igreja não é uma elite de sacerdotes, consagrados, bispos, mas que todos formamos o Santo Povo fiel de Deus³.

Cada cristão batizado se sente chamado a viver o seguimento de Jesus de maneira plena. No entanto, nem todos foram chamados a seguir a Cristo da mesma forma. O seguimento se diversifica em vocações e serviços (cf. Lc 9, 49-50). Embora o seguimento seja para todos, algumas pessoas e grupos receberam um chamado particular, como deduzimos dos evangelhos. Os discípulos, por exemplo, foram chamados a partilhar a materialidade da vida de Jesus, vivendo com e como Jesus. A vida religiosa surge na

2 TABORDA, Francisco. *A Igreja e seus ministros. Uma teologia do ministério ordenado*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 139-199.

3 FRANCISCO. Carta do Papa Francisco ao cardeal Marc Ouellet, presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html





Igreja como uma forma possível de seguimento de Jesus. Assim como o ministério presbiteral, ela é um carisma suscitado pelo Espírito Santo. Ela nasce num momento histórico determinado, inspirada nos “ditos sobre o seguimento”, que passaram a expressar uma vocação particular na Igreja. Em Mc 3,13-14 e em outros textos sobre o seguimento, a vida religiosa encontra sua inspiração fundamental. O texto fala da experiência de um chamado totalmente gratuito para “estar com Jesus”, acolhendo e convivendo com outros e, como consequência, anunciando o Evangelho. Três elementos caracterizam a identidade da vida religiosa: chamado, comunhão pessoal com Jesus e com os irmãos, envio em missão.

O Concílio Vaticano II define a vida religiosa como “seguimento de Cristo” (LG 44; PC 1; 2; 5). A mesma definição aparece na exortação apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata* (VC 1; 14; 18). “Jesus mesmo, chamando algumas pessoas a abandonar tudo para segui-lo, inaugurou este gênero de vida que, sob a ação do Espírito Santo, se desenvolverá gradativamente através dos séculos, nas várias formas de vida consagrada” (VC 29). A vida religiosa nada mais é do que atuação plena da adesão incondicional a Cristo exigida de toda forma de “seguimento” que deriva do batismo. O específico da vida religiosa, no entanto, encontra-se no seguimento de Cristo na *mesma forma de sua vida*, o que significa viver de uma certa maneira, a maneira de viver do próprio Cristo. Mas em que consiste essa maneira de viver? É aquela “que o Filho de Deus abraçou, quando veio ao mundo para fazer a vontade do Pai e que propôs aos discípulos que o seguiam” (LG 44). A vida religiosa encontra seu fundamento último na pessoa de Jesus e no seu modo histórico de viver para Deus e para os homens.

A profissão religiosa dos votos de pobreza, castidade e obediência aprofunda a consagração batismal, que cria, pelo Espírito, a comunhão com Cristo. Na vida religiosa, essa comunhão se radicaliza através da profissão dos conselhos evangélicos, como fruto de um dom particular que Deus faz no Espírito. A vida religiosa se configura como um dom especial do Espírito que cria possibilidades novas de serviço ao Evangelho, como vemos na história da Igreja. Os cristãos leigos expressam sua vocação cristã em meio às atividades do mundo, levando o Evangelho e suas exigências aos diversos setores da vida social onde vivem e atuam. Os presbíteros, por sua vez, presidem a vida da comunidade cristã em nome de Cristo, servindo a todos como bom pastor. Os consagrados expressam sua vocação cristã buscando se conformar a Cristo virgem, pobre e obediente.





O Espírito suscita os carismas. E a vida religiosa consagrada surge como mais um carisma do Espírito. Um carisma que necessita do testemunho dos outros carismas e vocações para viver integralmente a adesão ao mistério de Cristo e da Igreja, nas suas múltiplas dimensões (VC 29-35). O Papa Francisco afirma que a vida consagrada é chamada a encarnar a Boa-Nova no seguimento de Cristo, o Crucificado ressuscitado, e fazer seu o “modo de ir e de agir de Jesus como Verbo encarnado diante do Pai e diante dos irmãos”. Assumir, concretamente, o seu estilo de vida, adotar as suas atitudes interiores, deixar-se invadir pelo seu espírito, assimilar a sua lógica surpreendente e a sua escala de valores, compartilhar os seus riscos e as suas esperanças: “guiados pela certeza humilde e feliz de quem foi encontrado, alcançado e transformado pela Verdade que é Cristo, e não pode deixar de anunciá-la”⁴.

Ministério presbiteral e vida religiosa consagrada: interfaces históricas

Segundo Taborda, no primeiro milênio da história da Igreja foi predominante uma concepção mais pneumatológico-eclesial do ministério ordenado, cujos elementos cruciais se encontram na imposição das mãos com a prece de ordenação e a pertença do candidato a uma comunidade concreta, na qual exercerá o seu ministério. A ordenação tem sempre em vista uma Igreja local, o que vetava, inclusive, as ordenações absolutas. O Espírito Santo, nesse caso, suscita o ministério episcopal através da comunidade local, cabendo aos bispos vizinhos a legitimação da escolha pelo discernimento das qualidades do candidato, as quais permitem conferir-lhe o Espírito pela oração e imposição das mãos. Nesse período da história, o exercício do ministério episcopal e presbiteral não se compreende fora da comunidade cristã na qual atua o Espírito. Por isso era comum a ordenação de *invitus* e *coatus*, ou seja, homens convidados, às vezes coagidos, devido às suas qualidades e virtudes, a assumir esses ministérios de presidência da comunidade e dos carismas.

No segundo milênio surgiu uma concepção mais cristológico-individualista do ministério ordenado, quando se generalizou no Ocidente a ordenação absoluta. As razões histórico-sociológicas para essa mudança radical são complexas, mas dependem do conceito de *potestas*, tirado do direito romano. O conceito de *potestas* como poder pessoal e intransferível

4 FRANCISCO. Alegrai-vos. Carta circular aos consagrados e às consagradas. Do Magistério do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 21-22.





vel do ministro levou à privatização do ministério. O Concílio de Trento reforçou a concepção ministerial do segundo milênio, centrando-se nos *poderes sacramentais*, como reação à insistência dos reformadores no serviço da pregação. O candidato recebe do próprio Cristo a vocação sacerdotal. A oração e imposição das mãos do bispo lhe conferem o “poder de ordem” e o capacita para desempenhar as ações de Cristo pelos sacramentos. A comunidade eclesial desaparece do horizonte, porque o acento recai sobre o fato jurídico da ordenação válida. Como o “poder de ordem” não exige uma comunidade para que seja exercido, as ordenações absolutas se tornam teologicamente justificadas. O indivíduo é ordenado para administrar os sacramentos, sobretudo da eucaristia e da confissão. A missão propriamente evangelizadora perde força.

No primeiro milênio o carisma da vida religiosa consagrada conserva sua originalidade e os religiosos normalmente não são ordenados. Monges e eremitas eram ocasionalmente escolhidos para exercer o ministério episcopal em Igrejas locais desejosas ou necessitadas de um bispo considerado santo. Nos mosteiros, alguns monges recebiam a ordenação para o serviço litúrgico. Ordenações absolutas, proibidas pelo Concílio de Calcedônia aconteciam excepcionalmente, quando, por exemplo, um monge ou eremita recebia a ordenação como reconhecimento de sua santidade. O certo é que, salvas essas exceções, no primeiro milênio os religiosos não eram ordenados. A vida religiosa não nasceu clerical. São Bento (+ 547), um dos precursores da vida religiosa no Ocidente, não foi presbítero, ao menos não há provas de que tenha sido ordenado. São Francisco (+ 1226), já no século XIII, talvez tenha sido ordenado diácono, mas se trata também de uma hipótese ainda não comprovada.

No segundo milênio, o carisma da vida religiosa e do ministério presbiteral, já bastante clericalizado, passam a coexistir sem problemas maiores no Ocidente. O século XII assiste à quase normatização da existência na Igreja de presbíteros religiosos. As fraternidades mendicantes, nascidas não-clericais, distanciam-se da inspiração original e se tornam clericais, o mesmo acontecendo com as ordens monásticas. A concepção cristológico-individualista do ministério ordenado acaba provocando essa mudança. A celebração da eucaristia assume o *status* de “boa obra” que edifica os presbíteros e aumenta o seu mérito. Essa clericalização faz crescer também o prestígio dos presbíteros. A multiplicação das missas penitenciais e das missas pelas almas corrobora o fenômeno da sacerdotalização da vida religiosa. A partir de então, a





vida religiosa, embora não perca sua intuição original, ficará associada ao ministério presbiteral, mesmo que, na modernidade, nasçam ainda congregações não clericais. A maioria delas, no entanto, serão clericais, até porque a pregação e as missões se tornaram parte de muitos carismas fundacionais. E a pregação, desde o século XII, faz parte da missão dos clérigos ordenados. E os presbíteros religiosos terão o privilégio da não pertença obrigatória a um presbitério. Sua missão será mais universal, para que possam evangelizar em circunstâncias variadas, de acordo com necessidades específicas da Igreja⁵.

A identidade problemática do presbítero religioso

A identidade do presbítero religioso se torna problemática porque, primeiramente, une dois carismas distintos, que nasceram em contextos diferentes da histórica da Igreja. O carisma da vida religiosa consagrada não é presbiteral. Essa coexistência se tornou possível devido às vicissitudes da história e emergiu quando houve uma sacerdotalização do ministério presbiteral no início do segundo milênio. O Concílio Vaticano II recupera a perspectiva pneumatológico-ecclesial do primeiro milênio, na qual o episcopado é visto como “plenitude do sacerdócio”, sendo o presbiterado e o diaconado compreendidos a partir do episcopado. O concílio utiliza mais o termo presbítero do que o termo sacerdote e, em certo sentido, faz uma síntese entre os dois milênios, revalorizando, porém, a perspectiva do primeiro milênio. Nesse caso, a ordenação de religiosos se torna ainda mais problemática, uma vez que o presbítero religioso pertence a uma ordem ou congregação onde faz voto de obediência. Tal situação reclamando solução teológica.

Taborda sugere uma saída para a situação teologicamente problemática da ordenação dos religiosos pelo *princípio da economia* ou *da misericórdia*, estimado pelas Igrejas irmãs do Oriente e menos frequente na Igreja Latina. O termo *economia* significa a administração de tudo o que se refere à casa. Em termos teológicos, diz respeito ao projeto salvífico de Deus ou ao modo de ele administrar a sua casa” (cf. Ef 1,9-10; 3,2-3). Deus age com benevolência para salvar o ser humano, sem levar em conta seu pecado, mas revelando sua misericórdia através da encarnação de Jesus. A Igreja, enquanto continuadora de Jesus, segue o seu exemplo, agindo com benevolência no plano pastoral. Ela evita, assim, o excesso de severidade e rigor na observância das normas da fé e dos costumes.

⁵ TABORDA, Francisco. O religioso presbítero: uma questão disputada. *Convergência*, Brasília, n. 35, p. 42 - 52, 2000.





O *princípio da economia* significa, portanto, o abrandamento da lei pela consideração das circunstâncias concretas em que são aplicadas. Não se nega o valor da lei enquanto portadora de um valor, apenas se busca torná-la mais apta a responder aos problemas reais das pessoas e da Igreja. O princípio faz referência, portanto, à sabedoria, à misericórdia, à bondade necessárias para a construção da Igreja, o que nem sempre é possível a partir da norma objetiva que soa demasiado severa. Esse princípio era comum entre os padres da Igreja. Não se trata, portanto, de banalizar a norma, mas de atrair mais pessoas para a verdade a partir da misericórdia e benignidade. É mais ou menos a proposta do Papa Francisco no capítulo VIII da *Amoris Laetitia*, quando resgata a *doutrina das circunstâncias atenuantes*, de longa tradição da Igreja. Em outros termos, ele está resgatando o *princípio da economia*.

Quando aparecem as ordens mendicantes, o presbítero religioso se tornou uma força a mais para a evangelização. Num momento de decadência do clero e de novos desafios, o crescimento das cidades, por exemplo, as novas ordens, com seus religiosos ordenados, conseguiram ajudar na evangelização, combatendo heresias e ajudando o povo a superar a ignorância e a superstição. O século XVI marca o começo do aparecimento de novas congregações religiosas mais clericais, com irmãos leigos colaboradores. Os religiosos presbíteros, a partir dos carismas próprios de suas congregações, incrementaram significativamente a vida espiritual e missionária da Igreja, mesmo num contexto de sacerdotalização e privatização do ministério presbiteral. Os religiosos missionários se empenharam com ardor na missão evangelizadora da Igreja. Eles tinham o privilégio da isenção e estavam diretamente ligados ao Papa, num trabalho mais universal e menos local, uma vez que as congregações se espalharam pelos continentes. O encontro entre esses dois carismas específicos suscitados pelo Espírito – vida religiosa e ministério ordenado – se mostrou valioso para a Igreja. Para o bem da Igreja e dos fiéis, foi bom ordenar religiosos, o que fugiu à norma mais usual no primeiro milênio de não ordenar religiosos.

O rito atualizado da ordenação contempla o princípio da economia quando o bispo ordenante pergunta ao candidato: “Prometes respeito e obediência ao bispo diocesano e ao teu legítimo superior”? Nesse caso, o presbítero religioso exercerá o seu ministério como membro do presbitério do local para onde for enviado pelo seu legítimo superior. Segundo a teologia do ministério presbiteral do Vaticano II, deverá pertencer a um presbitério, mas estará dispensado de pertencer a um presbitério determinado, segundo





o princípio da economia. Seria mais lógico, de acordo com a norma da oração – *lex orandi lex credendi* – que todo presbítero pertencesse ao presbitério do bispo ordenante, que suplica na prece de ordenação: “Concede também à nossa fraqueza estes auxílios que, quanto mais frágeis somos, tanto mais de muitos precisamos”. Na verdade, ele não terá esse auxílio, no caso dos presbíteros religiosos, pois serão liberados para uma missão mais universal nas suas ordens e congregações, onde estarão sujeitos aos seus legítimos superiores e pertencerão aos presbitérios dos lugares para onde forem enviados. O princípio da economia permite – e até aconselha – essa liberação, para o maior bem da Igreja. Por outro lado, os bispos auxiliares e eméritos também ordenam e dizem a mesma coisa, embora não tenham presbitério, o que mais uma vez prova a consistência teológica do princípio⁶.

O exercício ministerial do presbítero religioso: dimensões prático-eclesiais

Uma vez teologicamente explicada a saída teológica para identidade problemática do presbítero religioso pelo princípio da economia, resta-nos apresentar algumas dimensões mais pastorais e eclesiais do exercício do ministério presbiteral por parte de religiosos. Maurizio Costa nos alerta para alguns riscos e perigos. Há, por exemplo, equívocos na própria linguagem. Ainda se fala, por exemplo, de “inserção dos religiosos na diocese”. Essa linguagem expressa certo dualismo eclesiológico: “Nós (religiosos) – vocês (diocesanos)”, como se a vida religiosa consagrada e a vida da Igreja particular fossem realidades independentes que, num segundo momento, entrariam em relação. A contraposição entre presbíteros religiosos e presbíteros diocesanos (seculares) teologicamente não se sustenta. Antigamente, os presbíteros diocesanos se sentiam inferiores aos presbíteros religiosos, esses, em muitos lugares, foram mais numerosos. Hoje, com o crescimento das dioceses e do número dos presbíteros diocesanos, a situação se inverteu em muitos lugares e os religiosos se sentem inferiorizados, reduzidos a uma espécie de “solidão eclesial”. Até mesmo bispos tendem a ver os presbíteros religiosos como suplência para a falta de presbíteros diocesanos, ignorando a contribuição que poderia vir da especificidade do carisma da vida religiosa, mais alicerçada na dimensão do ser do que na do fazer. Outros suportam a presença dos religiosos devido à

6 TABORDA, A Igreja e seus ministros, p. 210-220.





sua história e patrimônio construído na Igreja particular (paróquias, colégios, centros de pastoral). É comum ouvir, inclusive, que alguns bispos não gostam de religiosos. Um confrade afirmou ter ouvido, certa vez, de um bispo: “você, religioso, cuidado com bispo”! E se tratava de um bispo religioso. A relação entre bispos e religiosos pode se tornar conflituosa, mas muitas vezes se revela pacífica e positiva.

A solução para o problema vem da eclesiologia, pois todos os carismas suscitados pelo Espírito existem na Igreja povo de Deus, mistério de comunhão, como afirma o Concílio (LG 9). Os carismas pertencem à Igreja e existem para a edificação do Reino de Deus. Até mesmo a hierarquia que existe entre os ministérios e os carismas se compreende como um serviço à Igreja sacramento do Reino de Deus. O Espírito Santo anima a Igreja, tornando-a una na variedade dos serviços (LG 18). Unidade e pluralidade emergem como dimensões inseparáveis da Igreja, que não apenas tolera a pluralidade devido à diversidade de culturas, mas a assume como exigência postulada pela presença do Espírito. Aliás, faz bem aos bispos e aos presbíteros, responsáveis pela presidência de uma pequena parcela do povo de Deus, questionarem-se sobre suas posturas frente aos carismas, os dons, as funções e os serviços que o Espírito suscita sempre para o bem do povo de Deus.

A pluralidade se revela não uma ameaça, mas verdadeira riqueza que promove a necessária complementariedade. Nenhum ministério engloba todos os dons requeridos para a construção da Igreja. E todos eles brotam sempre do mistério de Deus, maior e mais importante que os serviços, provisórios na Igreja que caminha na história rumo ao Reino definitivo. O exemplo de Santa Teresinha evidencia que o mais essencial se encontra na caridade. Desejando ter todos os carismas e impossibilitada pela vida contemplativa monástica, descobre na caridade a síntese dos carismas e, alegremente, conclui: “No coração da Igreja, minha mãe, serei tudo, serei o amor”. A caridade concentra todos os carismas (cf. 1 Cor 13). Sabemos que, no fundo, para os seguidores de Jesus, o que conta, na realidade, é o suceder-se de ações pró ou contra a caridade. Evangelizar, em última instância, nada mais é do que fazer crescer o amor e a fraternidade entre as pessoas. Esse simples ideal se situa acima das teologias, projetos e estratégias pastorais.

O Papa Francisco não se cansa de nos alertar sobre isso, criticando certo pelagianismo que se insinua ainda em nosso meio e que nos faz substituir o mistério de Deus que se manifesta em nossa vida como graça pelo “esforço pessoal”, caracterizado por uma vontade sem hu-





mildade, daqueles que se sentem “superiores aos outros por cumprir determinadas normas” ou, ainda, por serem fiéis “a um certo estilo católico” (49). Nesse caso, “complicamos o Evangelho e tornamo-nos escravos de um esquema” (59), porque o pelagianismo

nos leva a ter confiança nas estruturas, nas organizações, nos planejamentos perfeitos por serem abstratos. Muitas vezes, também nos leva a assumir um estilo de controle, de dureza, de normatividade. A norma dá ao pelagiano a segurança de se sentir superior, de ter uma orientação precisa. Nisso, ele encontra sua força, não na leveza do sopro do Espírito (GE 49-59).

Os presbíteros religiosos, uma vez que professam os votos numa congregação, sobretudo se é de direito pontifício, encontram-se numa eclesialidade mais universal, podendo exercer seu ministério em qualquer lugar do mundo onde sua congregação estiver presente. Por outro lado, se obedecem ao Papa como seu supremo superior (CIC 590), exercem essa mesma obediência na Igreja particular, ao bispo diocesano, em razão de sua autoridade pastoral. Na ordenação, os presbíteros religiosos prometem obediência ao legítimo superior e ao bispo diocesano. Já os presbíteros diocesanos, embora exerçam seu ministério na e para a Igreja, o que evidencia a dimensão logicamente universal de seu ministério, exercem-no preferentemente no território da Igreja particular à qual pertencem. Aqui, mais uma vez, entra o critério da comunhão na diversidade dos carismas, enraizada na própria comunhão entre a Igreja particular e a Igreja universal. A integração entre o clero religioso e o clero diocesano, que pertencem a um mesmo presbitério, realiza também a justa harmonia entre a Igreja particular e a Igreja universal.

Existe, portanto, na Igreja particular um pluralismo na forma de pertença ao presbitério, que depende das variedades concretas do exercício ministerial. Nesse sentido, estaria equivocado o bispo que considerasse membros do seu presbitério somente os padres diocesanos. Quanto aos religiosos, também estariam enganados se se comportassem como meros hóspedes na Igreja particular, desvinculando-se dos projetos pastorais diocesanos como se não dissessem respeito a eles⁷. Os projetos pastorais congregacionais precisam se harmonizar com os projetos diocesanos, o que hoje não parece difícil, porque, embora as congregações queiram garantir o específico de seu carisma, esse é

7 COSTA, Maurizio. Tra identità e formazione. La spiritualità sacerdotale. Roma: Edizioni ADP, 1999, p. 187-196.





sempre reinterpretado à luz das orientações do magistério da Igreja e das conferências episcopais. À luz da eclesiologia de comunhão, as diferentes formas de realizar a missão constitui riqueza e não limite. Tal postura não compromete a justa autonomia das congregações religiosas no tocante à vida interna da comunidade religiosa e aos direitos adquiridos em suas obras e paróquias, mas essas não existem em abstrato, mas nas Igrejas particulares, único lugar onde se expressam os carismas congregacionais.

Visões parciais da Igreja particular, do ministério presbiteral e da vida religiosa consagrada limitam e ferem a comunhão entre os cristãos e os diversos carismas, gerando dualismos pastorais contraproducentes. Segundo Maurizio Costa, tais dualismos provocam o surgimento do fenômeno da “Igreja paralela”. Da parte dos presbíteros religiosos pode haver ignorância e menosprezo pela complementariedade entre o carisma do fundador e os outros carismas existentes na comunidade. O carisma de uma congregação jamais abarca todas as necessidades do povo de Deus. Uma congregação que reconhece a riqueza dos carismas não cede à tentação de privatizar suas obras e atividades pastorais, em detrimento da necessária inserção na vida da Igreja particular presidida pelo bispo, a qual caminha segundo planos pastorais nascidos em assembleias diocesanas. Os presbíteros religiosos devem participar da elaboração desses planos e de sua execução, em comunhão com o bispo e todo o povo de Deus. Embora os presbíteros religiosos vivam seu ministério de maneira mais universal, é na mútua partilha dos dons e carismas próprios da Igreja particular que vão expressar seu carisma específico. As relações dos presbíteros religiosos com a comunidade eclesial e a diocese são sempre mediadas pelo bispo. Muitas vezes surgem inevitáveis tensões na relação dos presbíteros religiosos com os bispos, mas o diálogo franco e aberto, envolvendo também o superior religioso dos presbíteros, ajuda a criar harmonia e comunhão, inclusive nas questões jurídicas e canônicas.

Já do ponto de vista dos padres diocesanos, os riscos que alimentam a visão da “Igreja paralela” também são inúmeros. Um deles é o esquecimento de que o primeiro serviço que presbíteros religiosos prestam à diocese brota da própria vida religiosa consagrada, que continua no mundo o seguimento de Cristo a partir do modo de vida de Cristo pobre, casto e obediente. O testemunho próprio da vida religiosa vem antes do apostolado. A vida comunitária e fraterna na partilha e na oração são, por si só, um testemunho necessário à vida da Igreja.





Exatamente aí se encontra o carisma da vida religiosa. Sem o reconhecimento desse primeiro aspecto mais testemunhal da vida religiosa, os presbíteros diocesanos correm o risco de instrumentalizar a presença dos religiosos, reduzindo-a ao serviço apostólico e paroquial, sem levar em conta os carismas específicos das congregações⁸.

Outro risco grave é a visão clerical do serviço presbiteral, que faz do presbítero o portador de um carisma que está acima dos outros carismas e ao qual todos devem se sujeitar de maneira sempre cordial e obediente. O clericalismo tem sido apontado pelo Papa Francisco como origem de vários tipos de abuso. E o que é o clericalismo? “Onde quer que o serviço espiritual se transforme em domínio, onde quer que a tarefa sacramental de representar a Cristo se perverta, tornando-se exercício de poder pessoal para situar-se acima dos outros, ocupar o primeiro lugar, obter vantagens e celebrar a si mesmo [...], aí está presente o clericalismo”⁹. No fundo, se trata de uma visão da cristandade, que evidenciava o binômio sacerdócio-laicato. O Vaticano II, os documentos do magistério, do CELAM e da CNBB alargaram muito os horizontes da teologia dos ministérios, reconhecendo a legitimidade, riqueza e necessidade dos diversos carismas para a construção da Igreja. A pastoral de uma diocese se atua através de um pluralismo de serviços, de carismas, de ministérios igualmente dignos e necessários para a Igreja. Nessa compreensão de Igreja, a contribuição específica dos religiosos presbíteros encontra apoio e sustento, evitando, assim, os possíveis desvios.

Questões:

- Sentimos que nossos carismas específicos são valorizados na Igrejas particulares onde atuamos e procuramos assimilar a riqueza dos carismas presentes nessas Igrejas, evitando, assim, os riscos da “Igreja paralela” e do clericalismo?
- Nossa relação com os bispos é cordial, fraterna, comunicativa e dialogal? Sentimo-nos acolhidos por eles e parte de seus presbitérios?
- Conseguimos harmonizar nossos projetos missionários-pastorais com os projetos pastorais das dioceses onde estamos?

8 COSTA, *Tra identità e formazione*, p. 197-201.

9 GRESHAKE, Gilbert. *Ser sacerdote hoy*. Teología, praxis pastoral y espiritualidade. Salamanca: Sígueme, 2010, p. 426.





Bibliografia

- COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, decretos, declarações. Petrópolis:Vozes, 1968.
- CONGREGAÇÃO PARA OS INTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. Ano da vida consagrada. Alegrai-vos. Carta circular aos consagrados e às consagradas. Do Magistério do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2014.
- COSTA. Maurizio. Tra identità e formazionte. La spiritualità sacerdotale. Roma: Edizioni ADP, 1999.
- FRANCISCO. Carta do Papa Francisco ao cardeal Marc Ouellet, presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html
- FRANCISCO. Amoris Laetitia. Exortação apostólica sobre o amor na família. São Paulo: Paulus, 2016.
- FRANCISCO. Gaudete et Exultate (GE). Sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.
- GRESHAKE, Gisbert. Ser sacerdote hoy. Teologia, praxis pastoral y espiritualidade. Salamanca: Sígueme, 2010.
- JOÃO PAULO II. Vita consecrata. Exortação Apostólica pós-sinodal. São Paulo: Paulinas, 1996.
- TABORDA, Francisco. O religioso presbítero: uma questão disputada. Convergência, Brasília, n. 35, p. 42-52, 2000.
- TABORDA, Francisco. Religiosos ordenados. Tentativa de solução a partir do “princípio da economia”. Convergência, Brasília, n. 44, p. 665-675, 2009.
- TABORDA, Francisco. A Igreja e seus ministros. Uma teologia do ministério ordenado. São Paulo: Paulus, 2011.





HOMICÍDIO JUVENIL: VIOLÊNCIA QUE ASSOLA A JUVENTUDE BRASILEIRA

DAVI MENDES CAIXETA¹

A violência está ligada ao uso abusivo da força, quando uma pessoa ou um grupo coage alguém a ter determinada atitude, a dominação de um sobre o outro. Nesse sentido, a violência lembra o uso da força de maneira ilegítima, por parte de governos tirânicos e autoritários, com a intenção de dominar todo um povo. Mas também essa palavra muitas vezes é compreendida como um tipo de agressão ainda mais extrema, quando, através da força ou da técnica, uma pessoa ou todo um grupo social perde a própria vida. Pensamos nos casos de mortalidade em que o direito à vida é categoricamente violado, as vítimas da violência são colocadas numa situação de perigo, são destituídas de suas vidas.

Diante dessa pluralidade de sentidos que essa palavra possui, precisamos indagar: que tipo de violência estamos mencionando no presente artigo? Primeiramente, queremos explicitar a violência que assola diversos jovens no Brasil. Em segundo lugar, com o intuito de discutir um grande problema que permeia o contexto juvenil brasileiro, analisamos mais especificamente as situações de violência relacionadas ao homicídio juvenil. Queremos, com esse texto, trazer à tona o problema da juventude brasileira que é assassinada ou exterminada nas mais diversas regiões do país.

¹ Especialização em Juventude no Mundo Contemporâneo pela FAJE (2018), Mestrado em filosofia pela PUC-SP (2018), Bacharel em Filosofia pela FAJE (2014), Bacharel em Direito pela USP (2007). E-mail: davicaixeta@gmail.com





Tomamos como fonte dessa pesquisa as informações apresentadas pelo *Mapa da Violência 2014: Os jovens do Brasil*², que traz um panorama da evolução da violência dirigida contra a juventude brasileira, compreendendo pessoas de 15 a 29 anos, no período entre 1980 e 2012. Anteriormente, foi lançado o *Mapa da violência 2013*, com estatísticas e análises sobre a mortalidade juvenil, tendo como base os jovens entre 15 e 24 anos. No entanto, foi necessário atualizar os estudos, adequando o estudo ao conceito de juventude estabelecido pelo Estatuto da Juventude, a partir de 2013.

Em ambos os documentos, são destacadas três causas diferentes de morte violenta de jovens: homicídio, suicídio e mortes em acidentes de transportes³. Tanto no documento de 2013, como no de 2014, os homicídios são apontados como a principal causa de morte de jovens no Brasil. O *Mapa da Violência 2013*, analisando a faixa etária entre 15 e 24 anos, afirma que os homicídios de jovens brasileiros, em 2011, foram de 27.471 mortos, equivalentes a 52,63% do total, dos quais 71,44% negros (pretos e pardos) e 93,03% do sexo masculino⁴. Nesse mesmo sentido, o *Mapa da Violência de 2014* aponta que, em 2012, os homicídios de jovens brasileiros, entre 15 e 29 anos, chegaram a 30.072, equivalentes a 53,37% do total de homicídios desse ano, dos quais 77% eram negros (pretos e pardos) e 93,3% do sexo masculino⁵. Apesar de o primeiro estudo ter como base a juventude entre 15 e 24 anos no ano de 2011, e o outro estudo jovens entre 15 e 29 anos no ano de 2012, os dois documentos chamam a atenção para o grande número de homicídios que assolam a juventude brasileira.

No ano de 2012, estimava-se que havia 194 milhões de habitantes no Brasil, sendo que a população de jovens (entre 15 e 29 anos) era de 52,2 milhões, representando 26,9% do total. Nesse mesmo ano, houve 56.377 homicídios no país, com uma taxa de homicídios de 29 vítimas para cada 100 mil pessoas. Desses, 30.072 eram jovens entre 15 e 29 anos, correspondendo a uma taxa de homicídio juvenil de 57,6 vítimas para cada 100 mil. Essa grande quantidade de jovens assassinados significa um forte impacto tanto para a realidade da juventude brasileira como também para a realidade de todo o país: “os 30.072 homicídios de jovens [...] significam 53,4% do total de homicídios do país, indicando que a

2 Documento de autoria de Julio Jacobo Waiselsz, em parceria com a Secretaria-Geral da Presidência da República, a Secretaria Nacional de Juventude e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

3 Os números sobre esses eventos de violência são fornecidos pelo Governo Federal, por meio do Subsistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), ligado ao Ministério da Saúde.

4 Waiselsz, 2013, p. 9.

5 Waiselsz, 2014, p. 9.





vitimização juvenil alcança proporções extremamente preocupantes”⁶. O elevado número de jovens assassinados coloca o problema do homicídio juvenil não somente como uma questão de segurança pública, mas, sobretudo, provoca uma reflexão sobre problemas de saúde pública, desafios envolvendo violações dos direitos humanos.

Onde têm ocorrido os homicídios juvenis?

Quando nos deparamos com o problema do homicídio juvenil, precisamos analisar cuidadosamente essas estatísticas, levando em conta o tamanho e a diversidade de um país como o Brasil. É necessário considerar se a violência homicida é recorrente em todos os Estados e Regiões ou se está localizada em determinados pontos geográficos. Ademais, analisamos se os homicídios de jovens estão presentes somente nas grandes cidades, como as capitais brasileiras, ou se também chegam às cidades menores.

O *Mapa da Violência 2014* oferece um estudo comparativo do número de homicídios juvenis para cada região do país e também para cada unidade federativa⁷. De maneira geral, de 2002 para 2012, a quantidade de homicídios contra jovens cresceu de forma considerável em todas as regiões do Brasil, salvo a região Sudeste. As regiões que mais se destacaram no aumento da taxa de homicídio juvenil foram o Norte e o Nordeste. Na região Nordeste, em 2002, a taxa de homicídio juvenil era de 43,2 para cada 100 mil, passando para 79,5 em 2012. Na região Norte, em 2002, a taxa era de 38,8 para cada 100 mil, alcançando a taxa de 67,9 em 2012. A redução da taxa de homicídio juvenil somente ocorreu no Sudeste, que era de 76 para cada 100 mil, em 2002, caindo para 40,1 em 2012⁸.

No entanto, é necessária uma análise mais detalhada desse problema no contexto de cada região do país. De 2002 para 2012, na região Nordeste, os estados que tiveram um assustador aumento em suas taxas de homicídio juvenil foram Rio Grande do Norte (+293,6%), Bahia (+249%), Maranhão (+184,1%), Ceará (+176,4%), Paraíba (+160,6%) e Alagoas (+110,9%). Já Pernambuco teve uma diminuição da taxa de homicídios, de 111,3 jovens mortos para cada 100 mil pessoas, em 2002, para 73,8 em 2012, correspondendo a uma redução de 33,6% de jovens assassinados⁹.

6 Waiselfisz, 2014, p. 48.

7 Waiselfisz, 2014, p. 43.

8 Waiselfisz, 2014, p. 43.

9 Waiselfisz, 2014, p. 43.





Na região Norte, entre 2002 e 2012, Amazonas, Pará e Tocantins tiveram um grande crescimento da taxa de homicídio juvenil. No Pará a taxa aumentou 140,9%, no Amazonas 98,7%, e em Tocantins 82,6%¹⁰. No decorrer dessa mesma década, Acre, Rondônia e Roraima tiveram uma diminuição dessas taxas, sendo que no Acre a redução foi de 9,8%, em Rondônia 22,6% e em Roraima 26,8%¹¹. Nesse mesmo período, na região Centro-Oeste, Goiás dobrou sua taxa de homicídio juvenil, passando de uma taxa de 42,5 jovens mortos para cada 100 mil, em 2002, para 87,5 em 2012. Já o estado de Mato Grosso do Sul teve uma redução, passando de 52,5 jovens mortos para cada 100 mil, em 2002, para 42,3, em 2012¹².

Na região Sudeste, a diminuição da violência homicida não ocorreu igualmente em todos os estados. Somente São Paulo e Rio de Janeiro passaram por significativa redução das taxas de homicídio juvenil. No caso do Rio de Janeiro, a taxa de homicídio juvenil foi reduzida de 117 mortos para cada 100 mil, em 2002, para 56,5, em 2012. Em São Paulo, a taxa diminuiu de 80,2 mortos para cada 100 mil, em 2002, para 24,9, em 2012. Porém, em Minas Gerais, houve um aumento da taxa de homicídio juvenil, passando de 31,7 mortos para cada 100 mil, em 2002, para 47,9, em 2012. No caso do Espírito Santo, já havia uma taxa elevada de homicídio juvenil. Em 2002, essa taxa era de 101,6 jovens mortos para cada 100 mil, havendo uma oscilação no decorrer dessa década, chegando em 2012 com uma taxa de 101,7¹³.

As diferentes taxas de homicídio juvenil indicam uma mudança significativa do local em que ocorreram as maiores quantidades de jovens assassinados no país. Em 2002, as maiores taxas estavam nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e Pernambuco, três da região Sudeste e um da região Nordeste. Em 2012, as seis maiores taxas do país se localizavam em Alagoas, Espírito Santo, Ceará, Goiás, Bahia e Paraíba¹⁴. De 2002 para 2012, vinte unidades federativas apresentaram aumento em suas respectivas taxas de homicídio juvenil, enquanto que somente sete estados tiveram redução. Essas mudanças mostram que a violência homicida deixou de se localizar em determinados estados que antes eram tradicionalmente conhecidos como violentos, para se alastrar para outras regiões do país.

10 Waiselfisz, 2014, p. 45.

11 Waiselfisz, 2014, p. 45.

12 Waiselfisz, 2014, p. 43.

13 Waiselfisz, 2014, p. 34.

14 Waiselfisz, 2014, p. 47.





Outro aspecto importante na análise do homicídio de jovens brasileiros diz respeito ao tipo de local em que aconteceram: capitais dos estados, grandes metrópoles, cidades de médio e pequeno porte. Em 2012, as capitais com maiores taxas de homicídio juvenil foram Maceió (taxa de 218,1 vítimas para cada 100 mil), João Pessoa (taxa de 177,8), Fortaleza (taxa de 176,6), Vitória (taxa de 140,7) e Salvador (taxa de 138,5)¹⁵. Na região Nordeste do país, salvo Teresina, cuja taxa de homicídio juvenil foi de 76, as capitais ultrapassaram a trágica barreira dos 100 homicídios para cada 100 mil, sendo que Maceió superou a taxa de 200 jovens mortos para cada 100 mil¹⁶.

Nas grandes cidades brasileiras, tanto aquelas marcadas pelas altas taxas de homicídios como aquelas que vêm reduzindo suas taxas, os eventos de violência homicida não se deram de forma uniforme. Se tomarmos como exemplo a cidade de São Paulo, em 2016, a maioria dos homicídios, levando em conta a população total, aconteceu em regiões periféricas já marcadas pela violência. Os distritos policiais em que foram registrados mais homicídios foram Jaçanã, Jardim Herculano, Campo Limpo, Jaraguá e Jardim Noemia. Essa realidade se torna muito diferente se tomarmos distritos como Aclimação, Itaim Bibi, Pinheiros, com índices muito baixos de homicídios¹⁷.

Além disso, importante comparar as taxas de homicídios entre as capitais dos estados e as cidades do interior. Em 2002, a taxa de homicídio do país era de 28,5 mortos para 1100 habitantes, sendo que as capitais brasileiras tinham uma taxa média de 45,5 e o interior uma taxa média de 16,1. Em 2012, a taxa de homicídios do país era de 29 pessoas assassinadas para cada 1100 pessoas, sendo que a taxa das capitais foi reduzida para 38,5 e a taxa do interior elevada para 22,5¹⁸. A distribuição dos homicídios para além das capitais dos estados tem se revelado uma fonte importante para a análise dos fatores que incidem na produção e reprodução da violência homicida de jovens.

De acordo com as estatísticas apresentadas pelos documentos de 2014 e de 2013, existem dois processos concomitantes na dinâmica da violência homicida no Brasil: a interiorização e a disseminação da violência homicida, sobretudo do homicídio juvenil¹⁹. Esses dois processos indicam que a violência contra a juventude não está apenas

15 Waiselfisz, 2014, p. 58.

16 Waiselfisz, 2014, p. 58.

17 Secretaria de Estado da Segurança Pública de São Paulo (<http://www.ssp.sp.gov.br>).

18 Waiselfisz, 2014, p. 65.

19 Waiselfisz, 2014, p. 64.





em certos lugares do país, mas ocorre nos diversos estados e regiões, tanto capitais como cidades do interior. Ademais, esses dois processos sugerem que há um “deslocamento dos polos dinâmicos e uma nova geografia da violência homicida no país”²⁰. A interiorização e a disseminação da violência homicida colocam esse problema como algo que continua assolando o Brasil, sobretudo a juventude.

Quem são esses jovens que padecem com a violência homicida?

Diante do catastrófico número de homicídios que extermina a população brasileira, buscamos compreender quem são essas pessoas vítimas de assassinatos, quem são esses jovens que perdem suas vidas. Não pretendemos tecer um perfil detalhado dos jovens brasileiros que sofrem com a violência homicida, mas destacamos algumas peculiaridades dos homicídios para ajudar a compreender quem são os jovens com maior suscetibilidade ao homicídio.

O *Mapa da Violência 2014* chama a atenção para a estrutura etária dos homicídios. No ano de 2012, com relação à faixa dos 10 aos 14 anos de idade, o número total de homicídios foi de 743, com uma taxa de homicídios de 4,3 para cada 100 mil pessoas. A quantidade total de homicídios aumenta assustadoramente para 9.295 mortos, quando se observa a faixa etária dos 15 aos 19 anos, com uma taxa de homicídio de 53,8 para cada 100 mil pessoas. A situação dos homicídios ganha mais perplexidade quando se toma a faixa dos 20 aos 24 anos de idade, em que o número total de homicídios foi de 11.744, sendo a taxa de homicídios de 66,9 para cada 100 mil pessoas. Esse número apresenta um pequeno decréscimo na faixa etária dos 25 aos 29 anos, com número de 9.658 homicídios, taxa de 55,5 para cada 100 mil pessoas²¹. Destacamos que, dentre todas as idades, a maior quantidade de assassinatos foi com pessoas de 20 anos de idade, totalizando 2.473 homicídios. Esses números mostram que a incidência de homicídios se dá de maneira diferente para cada faixa etária e confirma que a categoria social mais atingida pelos homicídios são os jovens, especialmente entre 20 e 24 anos²².

20 Waiselfisz, 2014, p. 64.

21 Waiselfisz, 2014, p. 69.

22 Waiselfisz, 2014, p. 69.





Outro fator que chama a atenção é que as mortes por homicídio são predominantemente masculinas, tanto no total da população assassinada como dentre os jovens mortos. Em 2012, 91,6% das vítimas de homicídio na população total pertenciam ao sexo masculino. Ao analisarmos a população jovem entre 15 e 29 anos, nesse mesmo ano, os jovens homens representavam 93,3% das vítimas²³. As taxas de homicídio de jovens mulheres, em 2002, era de 7 vítimas para cada 100 mil pessoas. Em 2012, essa taxa teve um pequeno aumento para 7,7. Já a situação dos jovens homens é bastante diferente, com um número bem mais elevado. Em 2002, a taxa de homicídios de jovens homens era de 105,4 vítimas para cada 100 mil pessoas, aumentando para 107,5, no ano de 2012.

Ao tomarmos as categorias de raça/cor da população brasileira, segundo o IBGE, durante a década de 2002 até 2012, o número de homicídios é bastante variado para os diversos grupos da população jovem segundo a raça/cor. Em 2002, o número de homicídios da população jovem branca foi de 10.072, da população jovem preta 2.598, da população jovem parda 14.902, da população jovem amarela 46 e da população jovem indígena 34. Em 2012, o número de homicídios da população jovem branca foi de 6.823 (diminuição de 32,3%), da população jovem preta 2.524 (diminuição de 2,8%), da população jovem parda 20.636 (aumento de 38,5%), da população jovem amarela 24 (diminuição de 47,8%), da população jovem indígena 65 (aumento de 91,5%)²⁴. Houve uma significativa queda, entre 2002 e 2012, do número de homicídios relacionados às populações jovens branca e amarela, mas um aumento considerável dos homicídios que atingem as populações jovens parda e indígena. Tendo em vista que, no Brasil, durante essa década, o número de homicídios juvenil aumentou 8,7%, pode-se deduzir que as principais vítimas desses homicídios foram os jovens negros (englobando a população juvenil parda e preta).

O grande número de jovens assassinados escandaliza qualquer pessoa, mostrando que o problema do homicídio juvenil no Brasil não pode ser considerado dentro da normalidade. De acordo com os dados apontados nesse artigo, é possível explicitar algumas características das pessoas que mais são assoladas pela violência homicida: na maior parte são os jovens, predominantemente homens, principalmente negros. Além de a violência homicida estar se espalhando para diversas regiões do país, essa violência também tem constituído um alvo principal dos assassinatos, principalmente o extermínio da juventude, periférica, pobre, negra.

23 Waiselfisz, 2014, p. 70.

24 Waiselfisz, 2014, p. 152.





Problemáticas diante da violência homicida contra a juventude brasileira

Diante dessa angustiante realidade, é possível afirmar que o Brasil enfrenta um grave problema com relação ao homicídio juvenil. Os jovens têm sido exterminados, não somente nas capitais e nas grandes cidades, mas também em diversas regiões do interior do país, nas cidades fronteiriças, nas zonas marcadas pela violência. Diante dos números apresentados, não apenas no *Mapa da Violência 2014*, mas também em outras estatísticas organizadas pelo poder público e por outras instituições sociais, compreende-se que há um verdadeiro genocídio em curso no Brasil:

Está em curso no Brasil um verdadeiro genocídio. A violência tem se tornado um flagelo para toda a sociedade, difundindo o sofrimento, generalizando o medo e produzindo danos profundos na economia. Entretanto, os efeitos mais graves de nossa barbárie cotidiana não se distribuem aleatoriamente. Como tudo no Brasil, também a vitimização letal se distribui de forma desigual: são sobretudo os jovens pobres e negros, do sexo masculino, entre 15 e 24 anos, que têm pago com a vida o preço de nossa insensatez coletiva. O problema alcançou um ponto tão grave que já há um *déficit* de jovens do sexo masculino na estrutura demográfica brasileira. Um *déficit* que só se verifica nas sociedades que estão em guerra. Portanto, apesar de não estarmos em guerra, experimentamos as consequências típicas de uma guerra. Nesse caso, uma guerra fratricida e autofágica, na qual meninos sem perspectiva e esperança, recrutados pelo tráfico de armas e drogas (e por outras dinâmicas criminais), matam seus irmãos, condenando-se, também eles, a uma provável morte violenta e precoce, no círculo vicioso da tragédia.²⁵

Inquietante a comparação entre os dados sobre homicídio juvenil no país e o caso de alguns países que enfrentam situações de guerra. No caso do Brasil, há uma guerra contra a juventude, pessoas colocadas como uma espécie de inimigas, que devem ser exterminadas. Não se trata de uma guerra convencional, mas de uma guerra em que as vítimas são os próprios jovens, assassinados pelos mais diversos motivos, em circunstâncias que revelam a precarização da vida de muitas dessas pessoas. Conforme propõe Malaguti, ao estudar o tráfico de drogas e a violência contra jovens periféricos no Rio de Janeiro, o inimigo nessa guerra brasileira é representado pela pessoa do jovem traficante armado, inimigo público número um²⁶.

25 Soares, 2004, p. 130-131.

26 Malaguti, 2003, p. 35.



[...] na transição do autoritarismo, da ditadura para a abertura democrática (1978–1988), houve uma transferência do “inimigo interno” do terrorista para o traficante. Todo o sistema de controle social (incluindo aí suas instituições ideológicas, como os meios de comunicação de massa) convergiu para a confecção de um novo estereótipo. O inimigo, antes circunscrito a um pequeno grupo, se multiplicou nos bairros pobres, na figura do jovem traficante.²⁷

Esse problema se agrava bastante quando consideramos que há um descaso ou indiferença com relação ao problema do extermínio de jovens brasileiros: “no Brasil, a violação de direitos trivializou-se, a agressão é quase um capricho, a violência compara-se a frivolidades, o homicídio rotinizou-se”²⁸. Mesmo que muitas pessoas, muitos governantes e autoridades saibam desses problemas, parece que houve uma banalização da violência, uma indiferença com relação aos jovens que são assassinados a cada dia no país. Um desdobramento dessa indiferença é a invisibilidade com relação a essas pessoas vítimas da violência homicida. “Indiferença gera invisibilidade”²⁹. Como muitos dos jovens assassinados são pobres, negros, moradores das periferias, em condições de vida bastante precárias, essas pessoas não recebem suficiente atenção para seus problemas sociais, para tais situações de exclusão e de extermínio. O genocídio de jovens ou é invisibilizado ou é colocado na indiferença, já que várias dessas pessoas são vistas como inimigas públicas.

Alguns pesquisadores sobre o homicídio juvenil, em especial o mexicano José Manuel Valenzuela, têm usado o termo juvenicídio, com o objetivo de explicitar melhor os contextos com grande número de assassinato de jovens. Inspirados pelo sentido de feminicídio, os crimes de ódio baseado no gênero que resulta no assassinato de mulheres, o juvenicídio é uma terminologia relativamente nova e significa o “assassinato sistemático de pessoas jovens”³⁰. De certa forma, a grande quantidade de jovens mortos por homicídio, aumentando e assustando a cada ano, revela que esses assassinados não ocorrem de maneira aleatória nem por mera casualidade, mas tantas mortes estão sistematizadas em um processo de degradação social, em que as políticas públicas e a conjuntura socioeconômica favorecem ou ignoram a precariedade da vida das juventudes, deixando tantas vidas

27 Malaguti, 2003, p. 40.

28 Soares, 2004, p. 157.

29 Soares, 2004, p. 136.

30 Perondi, 2017.





em situações de violência homicida. Esse fenômeno tem impactado fortemente diversos países da América Latina, onde muitos jovens têm seu direito à vida ameaçado e categoricamente transgredido pela violência, sendo o Brasil como um dos países com números e taxas mais elevados de homicídio juvenil.

Mas que sociedade é essa que extermina seus jovens? Que tipo de país coloca a própria juventude como inimiga pública? Como uma situação tão incompreensível pôde se desenvolver e perpetuar no Brasil? A quantidade absurda de homicídios contra a juventude brasileira revela as contradições existentes no Brasil. Por um lado, muitas instituições do país têm afirmado o direito das juventudes, inclusive o direito à vida, como é o caso da Constituição Federal e do Estatuto da Juventude. Por outro lado, as taxas elevadas de homicídios apontam para a grande precariedade das condições de vida da juventude, para violações aos direitos humanos e para falta de garantias ao direito à vida.

Diante da guerra e do genocídio contra a juventude brasileira, como fica o direito fundamental à vida? Será que a sociedade ou as autoridades públicas têm desconsiderado o problema do extermínio de jovens, que vem aumentando década após década, até chegar a índices alarmantes de mortalidade juvenil? Com o crescimento do número de jovens assassinados e das taxas de homicídio, tanto com relação à população brasileira em geral, como em relação à juventude, algumas políticas públicas criadas para garantir os direitos da juventude têm sido implementadas.

Em 2014, o Governo Federal publicou o “Plano Juventude Viva”, sob a coordenação da Secretaria Nacional de Juventude, com o propósito de reunir ações de prevenção para reduzir a vulnerabilidade de jovens, entre 15 e 29 anos, especialmente de jovens negros, em situações de violência física e simbólica, a partir da criação de oportunidades de inclusão social, ampliação dos direitos da juventude, desconstrução da cultura da violência³¹. No entanto, muitas dessas políticas públicas têm tido um resultado bastante tímido, uma vez que a juventude brasileira continua sendo assolada pela violência, inclusive pelo homicídio. O próprio “Plano Juventude Viva” enfrentou diversos problemas, como o desinteresse por parte de poderes públicos, e uma proposta de reformulação foi realizada somente em 2017.

Não podemos ser nem negligentes, nem cegos, nem indiferentes quanto ao contexto absurdo dos homicídios de jovens. Pouca estruturação

31 Plano Juventude Viva, 2014, p. 7.





e articulação de políticas públicas para a juventude, indiferença com relação aos jovens que são constantemente ameaçados pelos homicídios, invisibilidade do extermínio da juventude brasileira, tudo isso mostra a complexidade do problema da violência homicida no país que assola tantos jovens. Precisamos encarar o problema do juvenicídio no Brasil. Não se trata de um problema localizado ou eventual, mas generalizado em diversas regiões. São assassinatos contra diversos jovens, nas grandes cidades e no interior do país, que priorizam os negros, pobres, em situação de exclusão, como os principais alvos.

Há tantos jovens que são exterminados. Poucos ganham atenção por parte da sociedade e das autoridades. Há tantas situações de violência homicida, mas que não são vistas como uma fatal agressão aos direitos humanos, no máximo são tratadas como problemas de segurança pública. Tudo isso faz com que a guerra e o extermínio de jovens que há no Brasil sejam ainda mais cruéis e aterrorizadores.

Bibliografia

BATISTA, Vera Malaguti. *Difíceis ganhos fáceis*. Drogas e Juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

PERONDI, Maurício. “O juvenicídio, a ilusão das facilidades e o falso projeto de futuro”. In. *Revista IHU On-Line*. Maio de 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/567744-o-juvenicidio-a-ilusao-das-facilidades-e-o-falso-projeto-de-futuro-entrevista-especial-com-mauricio-perondi>. Acesso em 10 out 2017.

Plano Juventude Viva. Brasília, 2014. Disponível em: <http://www.juventude.gov.br/juventudeviva/o-plano>. Acesso em 10 out. 2017.

SOARES, Luiz Eduardo. “Juventude e violência no Brasil contemporâneo”. In. NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2014: Os jovens do Brasil*. 2014.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2013: Homicídios e Juventude no Brasil*. 2013.





O CARISMA-ESPIRITUALIDADE DE SÃO PEDRO NOLASCO

OITOCENTOS ANOS DE SERVIÇO À IGREJA E AO MUNDO

FR. LISANEOS PRATES, ODEM¹

Introdução

A Ordem das Mercês foi fundada em 10 de agosto de 1218, por São Pedro Nolasco, comerciante tocado pela situação de cativo, derivada do conflito entre o mundo cristão e o mundo muçulmano, na época das cruzadas. A intuição de Nolasco, inspirado pelo Espírito Santo, foi de comprar a liberdade dos cristãos cativos em risco de perder a fé e de, se necessário for, oferecer a vida como moeda de resgate para a libertação deles, caso houvesse mais alguns nessa situação e não tivessem o dinheiro necessário para os libertar. Assim sendo, podemos afirmar que o essencial do carisma mercedário é proporcionar a liberdade das pessoas, mesmo que isso signifique colocar a nossa vida e a nossa liberdade nesse processo.

Nesta reflexão apresentaremos a base teológica que sustenta a ação carismático-espiritual iniciada por Pedro Nolasco nos idos do século XIII, em Barcelona, Espanha. Também levaremos em conta a atualidade do carisma-espiritualidade das mercês diante das atuais novas formas de escravidão no horizonte dos Oitocentos Anos de Fundação da Ordem das Mercês – 1218-2018.

¹ Pertence à Ordem das Mercês. Professor Assistente Doutor na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da PUC-SP, onde coordena o Curso Matutino de Teologia.





CONTEXTO HISTÓRICO E ORIGINALIDADE DO CARISMA MERCEDÁRIO

1. Aspecto teo-antropológico do carisma de são Pedro Nolasco

O carisma mercedário é a expressão de uma comunicação original conferida pelo Espírito Santo a são Pedro Nolasco, fundador da Ordem das Mercês no ano de 1218 em Barcelona-Espanha, no período da alta Idade Média. Ele é o pai-fundador das Mercês e, desta forma, podemos falar de uma originalidade fundante-fundamental carismática. Esta experiência se situa no âmbito da ação salvífico-libertadora de Deus através de sua ação como Pai, da ação do Filho e da ação do Espírito Santo em favor do ser humano. Sendo assim, a experiência de Deus feita por são Pedro Nolasco resulta da ação agraciadora de Deus, que o vocaciona para uma aliança de consagração e de serviço-libertador aos cativos do século treze, vitimados por uma concreta situação de escravidão. O carisma-libertador se configura em dito contexto como sendo uma verdadeira diaconia em favor dos cativos. No horizonte da grande tradição da experiência de Deus que caracteriza a vida da Igreja desde o início, o carisma possui duas dimensões.

Primeiramente, o carisma tem sua origem no próprio mistério do Deus TriUno. É o Pai, que num desígnio deliberado de sua absoluta e plena gratuidade, toma a iniciativa de comunicar o Espírito Santo a uma determinada pessoa situada num contexto histórico específico no qual a imagem-semelhança do ser humano está sendo violada. Jesus Cristo², o Filho-Irmão, é a referência divino-humana por excelência e, portanto, o critério para se verificar no âmbito do contexto histórico se a situação do ser humano se apresenta de acordo com o desígnio de Deus ou não. Do ponto de vista bíblico-teológico, é o Espírito Santo o sujeito que protagoniza a ação-libertadora na mediação do sujeito humano para que possa acontecer a libertação dos que são vitimados por alguma forma de escravidão. Numa grande perspectiva inaugurada por uma genuína tradição neotestamentária, é o Espírito Santo que inspira ao ser humano chamar a Deus de Pai na mediação da revelação feita pelo Filho-Irmão. Este dinamismo salvífico-libertador protagonizado pelo Espírito Santo acompanha o palmilhar histórico do ser

2 “Deus marca uma data na história e envia seu Filho; e nós, unidos a ele (o singular se torna coletivo), somos filhos e herdeiros (Jo 1,12; Rm 13,14). O Espírito no-lo faz sentir e nos ensina a invocação filial primeira ‘Abba’ (=papai), que contém tudo em germe, maturidade depois da infância, consciência depois da ignorância, liberdade depois da escravidão, esperança de uma herança transcendente”. SCHÖKEL, Luís Alonso. Bíblia do Peregrino. São Paulo, Paulus, 2002, p. 2797.





humano. Acontece no tempo-espço da própria história. A salvação-libertadora de Deus não é, destarte, um mito, lenda, fábula, mas uma ação que se concretiza num formato temporal-espacial na mediação da encarnação do Filho enviado pelo Pai (cf. Gl 4,4-7).

Num segundo momento, o carisma se concretiza ao ser radicado na realidade de um sujeito humano singular situado num determinado contexto histórico, o qual passa a ser denominado pai-fundador de uma inédita experiência de Deus. A singularidade da pessoa de Pedro Nolasco é para nós mercedários a referência pessoal-histórica que realizou através do seu carisma-redentor a inspiração carismática que ele recebeu do Espírito Santo de Deus. Podemos asseverar que esta é a dimensão histórico-antropológica do carisma inspirado pelo Espírito Santo e colocado a serviço e a favor de pessoas concretas que sofrem as consequências da escravidão. Esta dinâmica teológico-antropológica do carisma comunicado pelo Espírito Santo a uma determinada pessoa, num específico contexto histórico, nos coloca na linha bíblico-teológica, segundo a qual a salvação-libertadora de Deus não é um fatalismo-arbitrário e, muito menos, uma imposição. Ele salva e liberta, liberta e salva desde dentro da realidade humana em consonância com a história.

Por ser um homem de fé, são Pedro Nolasco recebeu a unção do Espírito Santo e, por meio de tal unção, alcança a devida sensibilidade para perceber a realidade opressora na expressão escravocrata do cativo de sua época. Com ele, então, inicia-se uma ação libertadora na direção do resgate dos cristãos levados como escravos para as masmorras do cativo e obrigados a renegarem a fé cristã. O carisma comunicado pelo Espírito Santo a são Pedro Nolasco impulsiona-o a uma ação carismática inédita e o faz pai-fundador de uma obra carismática a serviço do dom da liberdade contra uma tipologia de escravidão a qual impede ao ser humano confessar a fé cristã. Aqui o dom da fé está umbilicalmente vinculado ao dom da liberdade como possibilidade do ser humano trilhar o caminho de sua realização pessoal-comunitária na direção de Deus e do próximo.

2. São Pedro Nolasco – ungido pelo Espírito Santo

Ao celebrar os OITOCENTOS ANOS DE FUNDAÇÃO DA ORDEM DAS MERCÊS, o carisma que ele recebeu do Espírito Santo, dando origem a uma tipologia espiritual na trajetória histórica da Igreja e do mundo, é o referencial por excelência da nossa vocação-missão na atualidade da história.





Sendo um homem que fez a experiência de Deus no âmbito do seu contexto histórico, são Pedro Nolasco recebeu a unção do Espírito Santo para ser sinal de libertação para os cativos de sua época. A unção como referência de uma tomada de consciência da vocação conferida por Deus ao sujeito humano tem como extensão no seu desdobramento a missão-redentora. Este modo experiencial da fé tipicamente nolasquiano é produtor de uma radicalidade entre fé-compromisso-carismático. Se, de um lado, nos encontramos com uma profunda sensibilidade do sujeito que faz dita experiência com a presença misteriosa-sagrada de Deus, de outro lado, a unção-carismática derivada da ação consagrada do Espírito Santo gera na pessoa uma refinada sensibilidade na direção do ser humano. Em verdade, o Espírito Santo não consagra a pessoa em função de si mesma, porém, para ser enviada a serviço de quem necessita daquilo que o carisma prodigalizado possa ser para ela um sinal do amor de Deus.

Pois bem, a experiência modelar de são Pedro Nolasco traz no seu bojo uma profunda sensibilidade bidimensional: numa primeira dimensão, a finura de uma percepção na fé de ter sido agraciado e vocacionado para comungar, vale dizer, tornar-se partícipe da vida de Deus. No coração do mistério trinitário de Deus é gestada a sua missão-redentora na direção daqueles que perderam o dom da liberdade traduzida na filiação adotiva e fraternidade-libertadora. Vinculado ao coração de Deus-Pai-Filho-Esperito Santo, mistério inefável de comunhão na plenitude da liberdade, o coração de são Pedro Nolasco começa a pulsar sob o influxo do amor-libertador na direção daqueles que, por não serem livres, não podem desfrutar de sua condição de filhos/filhas de Deus. Esta singular experiência carismática do santo Nolasco é geradora de um jeito próprio de se fazer a experiência de Deus na fronteira do antagonismo entre liberdade-escravidão. No mais fundo deste paradigma espiritual encontramos a ressonância magnética de um dos textos neotestamentários mais lindos: “O escravo não permanece sempre na casa, mas o filho aí permanece para sempre” (Jo 8,35). Criar as devidas condições para que os cativos de sua época realizassem a travessia-libertadora da servidão escravizante à filiação adotiva sob a inspiração do Cristo Redentor, eis o compromisso carismático de são Pedro Nolasco. Continuar criando condições para que os cativos de hoje possam passar das novas e sofisticadas formas de escravidão, montadas pelas artimanhas ideológicas da sociedade pós-moderna, torna-se algo urgente para os/as mercedários/as contextualizados/as no cenário histórico atual.





3. São Pedro Nolasco – figura carismática-espiritual

O significado bíblico-teológico do carisma traz no seu conteúdo uma referência direta à ação inédita do Espírito Santo num dado momento da história, sobretudo, quando se trata de um carisma fundante e fundamental. O fundador é a mediação histórico-humana através da qual o Espírito Santo enseja o acontecer carismático-espiritual. Assim, o fundador passa a ser o referencial histórico iniciático de uma experiência carismática que se transforma num caminho espiritual para uma família religiosa e para toda a Igreja. É neste sentido que nós os mercedários concebemos o nosso Fundador. “Por sua dedicação aos cativos e por sua vida de serviço à Ordem que fundara, **são Pedro Nolasco é para nós o sinal mais forte do amor redentor de Jesus e o realizador mais perfeito da obra libertadora de Maria.** Por isso, procurando imitar sua vida, continuamos sua ação dentro da Igreja e o veneramos como Pai” (Const., 8). Esta passagem das nossas Constituições indica pelo menos três dimensões expressivas da herança carismático-espiritual que nos legou Pedro Nolasco: a) Ele expressa a memória histórica de uma experiência carismático-espiritual redentora e libertadora; b) Ele expressa na forma teológico-espiritual o sinal da presença do Cristo Redentor e de Maria Libertadora na obra libertadora de Deus; c) Ele é a expressão significativa do sentido e do compromisso dos mercedários na Igreja e no mundo atual.

4. São Pedro Nolasco – Servo, Mensageiro, Fundador e Promotor

Segundo o Proêmio das Constituições de 1272, Pedro Nolasco foi constituído servo, mensageiro, fundador e promotor. Eis como a letra e o espírito do referido texto desenha a beleza de sua experiência carismático-espiritual: “O Pai, o Filho e o Espírito Santo, em cujas obras não há divisão, determinaram, por sua misericórdia e por sua imensa piedade, fundar e estabelecer esta Ordem, chamada: ‘Ordem da Virgem Maria das Mercês da Redenção dos cativos, de Santa Eulália de Barcelona’, **para cujo desempenho constituíram Servo, Mensageiro, Fundador e Promotor Frei Pedro Nolasco**” (cf. § 1º.).

A figura do fundador é a expressão histórica e antropológica do dom do Espírito Santo comunicado a um personagem histórico para possibilitar a manifestação da graça de Deus a serviço do seu projeto redentor. O carisma tem uma dimensão referenciada pura e exclusivamente ao Espírito Santo, pois é ele quem toma a iniciativa de comunicá-lo a uma pessoa concreta e situada num determinado





contexto histórico. Para nós mercedários são Pedro Nolasco é dita figura histórica que encarnou na sua vida o carisma redentor que lhe prodigalizou o Santo Espírito. Como toda ação de Deus é trinitária, ainda que protagonizada por uma das pessoas trinitárias de forma inconfundível e inseparável, a ação da terceira pessoa do mistério trinitário traz consigo o desígnio salvífico-libertador do Pai, o qual se cumpre definitivamente em Jesus Cristo, o Filho.

Nos idos do século XIII, o Espírito Santo unge são Pedro Nolasco para ser “servo”, isto é, servidor do carisma redentor a serviço da liberdade cativa na pessoa dos cativos de tal contexto histórico. Sua primeira marca caracterizadora, então, é configurar-se ao Cristo Redentor e Servidor dos cativos privados de serem livres. Este serviço redentor mercedário iniciado por são Pedro Nolasco tem como mediação de sustentabilidade a fé, esperança e caridade na trilha do caminho da obediência a exemplo do próprio Jesus Cristo, o qual, através da obediência, aprendeu e se identificou de forma radical e insuperável com a vontade do Pai. Eis a afirmação da Carta aos Filipenses: “Assumiu a condição de servo, humilhou-se e foi obediente até a morte” (Fl 2,7.8). Disto decorre a afirmação do Proêmio de que “estejam todos os frades desta Ordem, como filhos de verdadeira obediência, **alegremente dispostos, em todo o tempo, a dar a vida, se necessário, como Jesus Cristo a deu por nós**”.

São Pedro Nolasco também foi cognominado “mensageiro”, vale dizer, recebeu a unção do Espírito Santo para proclamar a esperança libertadora para aqueles que estão dominados pelas garras da escravidão. Esta acaba sendo outra exigência para que sua vida seja vinculada à vida de Jesus Cristo, por ser ele o proclamador por excelência da liberdade para os filhos e filhas do Deus-Pai de todos. Anunciar o Evangelho pautado pela redenção dos cativos sob a inspiração da Mãe das Mercês passa a ser a marca registrada dos mercedários ao longo desses oitocentos anos de história. Em torno desta práxis libertadora, cria-se toda uma tipologia espiritual que tem como base uma profunda experiência redentora de Deus configurada na pessoa do Cristo Redentor das Mercês.

Fr. Pedro Nolasco é apresentado como o “fundador”, isto é, aquele que está na base de uma experiência original e inédita do Deus de Jesus Cristo. É assim que se compreende a figura histórica daquele que inaugura uma nova fundação na Igreja sempre a serviço do projeto do Reino do Pai na mediação do Filho Encarnado, sob a inspiração do





Espírito Santo. E, ainda, são Pedro Nolasco é denominado “promotor” da obra redentora por ele fundada. Promover aqui implica criar condições de evolução da obra proposta a partir de suas possibilidades eficazes de execução empreendedora. Promover, por exemplo, é convocar pessoas para aderirem à obra redentora numa perspectiva daquilo que hoje denominamos animação vocacional-missionária a serviço da missão redentora. Promover significa angariar fundos econômicos para a ação redentora. Promover significa criar vínculos de comunhão fraterna entre aqueles que optam pela missão redentora na linha da solidificação de uma comunidade fraternal. Enfim, a função de “promotor” traz consigo a responsabilidade de criar estruturas de sustentabilidade do carisma redentor e, exatamente por isso, estamos em plena celebração jubilar dos Oitocentos Anos da Memória Fundadora da Obra Redentora de são Pedro Nolasco.

Nas nossas Constituições encontramos o conteúdo e a forma como o mercedário deve atuar e cultivar sua vida espiritual radicada na pessoa de Pedro Nolasco nas seguintes dimensões de sua personalidade:

- Pedro Nolasco é entendido a partir de sua prática carismático-espiritual primeiramente no contexto da sua experiência genuína de homem redentor e libertador (Const., 3a);
- Pedro Nolasco deve ser entendido a partir das novas formas atuais de cativo na linha das Const., 3b e do Concílio Vaticano II (*Gaudium et Spes*, 4, 29, 41);
- Pedro Nolasco é, sobretudo, o fundador original e o fundamento da vida mercedária (Const., 8);
- Pedro Nolasco é o fundador e a possibilidade de uma constante recuperação da origem fundante e fundamental da Ordem (Const. 1-5);
- Pedro Nolasco inaugura um caminho espiritual encarnado no sentido prático do Quarto Voto de Redenção, como sendo uma mediação de consagração, um gesto humano fundante, um gesto orientado para os cativos (Const., 13-16);
- Pedro Nolasco inicia, a partir do Quarto Voto, uma prática nova que será a referência de compreensão dos votos de pobreza, obediência e castidade na ótica redentora e libertadora (Const., 34; 41; 28);
- Pedro Nolasco deve ser devocionado, sobretudo, no noviciado, tempo especial de experiência mistagógica da vida mercedária (Const., 108);





- Pedro Nolasco é a referência espiritual do sentido da profissão solene mercedária, conforme as Const., 112, onde se diz: “incorporo-me a esta família religiosa [...] para viver em fraternidade comunitária e alcançar a perfeição do amor a exemplo do nosso Pai e fundador São Pedro Nolasco”;
- Pedro Nolasco é modelo espiritual no exercício das formas de governo na Ordem, como sendo sinal de unidade e continuidade da obra redentora (Const., 215; Normas, 9).

Do Carisma Libertador a Uma Espiritualidade Libertadora

O carisma prodigalizado pelo Espírito Santo a São Pedro Nolasco se encontra na gênese fundacional de sua original experiência de Deus. É o carisma comunicado pelo Espírito Santo que funda e fundamenta a novidade experiencial que possibilita ao sujeito humano ser denominado pai-fundador, no caso mercedário, São Pedro Nolasco. Na etimologia e na semântica do termo carisma=ca,risma no Novo Testamento encontramos também o vocábulo graça=ca,rij, o qual indica que o carisma é o resultado da ação da graça comunicada pelo Espírito Santo ao pai-fundador e, por isso, ele se habilita para iniciar uma ação carismática inédita na história.

Dita ação carismática se desdobra como um modo próprio e específico através do qual atua o Espírito Santo também na mediação da vida das pessoas, criando, assim, o que na tradição da Igreja se convencionou chamar de espiritualidade. Esta é, por assim dizer, derivada da ação carismática protagonizada pelo Espírito Santo na mediação humana situada na história. De tal maneira, que do carisma-libertador surge a espiritualidade-libertadora especificada num modo próprio de se experimentar a vida cristã. Neste caso, São Pedro Nolasco aparece como o pai-fundador de uma escola espiritual-libertadora, cuja inspiração foi sua ação libertadora em favor da liberdade dos cativos de sua época.

Conclusão

O carisma-espiritualidade das mercês foi a grande herança que São Pedro Nolasco deixou para a Ordem das Mercês. A Celebração do Ano Jubilar das Mercês no marco dos Oitocentos Anos de sua Fundação inicia-se trazendo para o presente da história da Igreja e do mundo o





belíssimo legado que ele nos comunicou. Em pleno século vinte e um continuamos verificando no palco contextual da história novas formas de escravidão³. Esta realidade desumana que coloca em risco o dom por excelência da liberdade que o ser humano recebeu de Deus continua sendo no presente um urgente apelo para uma ação-libertadora sob a inspiração do carisma-espiritualidade das mercês⁴.

Mais do que nunca, a espiritualidade mercedária deverá ser exercitada em sintonia com as novas formas de escravidão⁵, sendo assim expressão do carisma redentor de São Pedro Nolasco nas comunidades fraternas que foram surgindo ao longo destes oito séculos. Um dos

- 3 A *Gaudium et Spes* fala de “novas formas de servidão” da seguinte forma: “Nunca o gênero humano teve ao seu dispor tão grande abundância de riquezas, possibilidades e poderio econômico; e, no entanto, uma imensa parte dos habitantes da terra é atormentada pela fome e pela miséria, e inúmeros são ainda os analfabetos. Nunca os homens tiveram um tão vivo sentido da liberdade como hoje, em que surgem novas formas de servidão social e psicológica” Ao mesmo tempo que o mundo experimenta intensamente a própria unidade e a interdependência mútua dos seus membros na solidariedade necessária, ei-lo gravemente dilacerado por forças antagônicas; persistem ainda, com efeito, agudos conflitos políticos, sociais, econômicos, raciais e ideológicos, nem está eliminado o perigo de uma guerra que tudo subverta. Aumenta o intercâmbio das idéias; mas as próprias palavras com que se exprimem conceitos da maior importância assumem sentidos muito diferentes segundo as diversas ideologias”, GS, 4d. “Nenhuma lei humana pode salvaguardar tão perfeitamente a dignidade e liberdade pessoal do homem como o Evangelho de Cristo, confiado à Igreja. Pois este Evangelho anuncia e proclama a liberdade dos filhos de Deus; rejeita toda a espécie de servidão, que tem a sua última origem no pecado; respeita como sagrada a dignidade da consciência e a sua livre decisão; sem descanso recorda que todos os talentos humanos devem redundar em serviço de Deus e bem dos homens; e a todos recomenda, finalmente, a caridade” (GS, 41).
- 4 “Sem dúvida, os homens não são todos iguais quanto à capacidade física e forças intelectuais e morais, variadas e diferentes em cada um. Mas deve superar-se e eliminar-se, como contrária à vontade de Deus, qualquer forma social ou cultural de discriminação, quanto aos direitos fundamentais da pessoa, por razão do sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião. É realmente de lamentar que esses direitos fundamentais da pessoa ainda não sejam respeitados em toda a parte. Por exemplo, quando se nega à mulher o poder escolher livremente o esposo ou o estado de vida ou conseguir uma educação e cultura semelhantes às do homem. Além disso, embora entre os homens haja justas diferenças, a igual dignidade pessoal postula, no entanto, que se chegue a condições de vida mais humanas e justas. Com efeito, as excessivas desigualdades econômicas e sociais entre os membros e povos da única família humana provocam o escândalo e são obstáculo à justiça social, à equidade, à dignidade da pessoa humana e, finalmente, à paz social e internacional. Procurem as instituições humanas, privadas ou públicas, servir à dignidade e ao fim do homem, combatendo ao mesmo tempo ativamente contra qualquer forma de sujeição política ou social e salvaguardando, sob qualquer regime político, os direitos humanos fundamentais” (GS, 29).
- 5 Numa linguagem teológico-pastoral no contexto da Igreja na América Latina e Caribe, Aparecida fala da realidade dos excluídos como vítimas das novas formas de escravidão. Eis o texto: “A globalização faz emergir, em nossos povos, novos rostos pobres. Com especial atenção e em continuidade com as Conferências Gerais anteriores, fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os tóxico-dependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados/as, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem terra e os mineiros”, DAp., 402.





sinais que autenticou o carisma recebido pelo nosso pai-fundador foi a sua expressão na ação carismática por meio da comunidade de irmãos comprometidos com o projeto-redentor. A exemplo do Cristo Redentor, o óleo da unção carismática que ungiu São Pedro Nolasco foi derramado na cabeça e no coração de um grupo de irmãos que se filiaram à sua paternidade-fundadora. O que significa o jubileu dos OITOCENTOS ANOS DE FUNDAÇÃO DA ORDEM, senão celebrar dando graças ao Deus Libertador, por ter suscitado no coração da Igreja e do mundo uma ação carismática que contagiou tantos irmãos e irmãs ao longo dos já oito séculos de história? Por isso, as Normas da Ordem exortam àqueles que receberam a procuração para animar a “missão redentora e seus ministérios” com a afirmação seguinte: “O governo geral e o de cada província promovem a missão redentora de nossa Ordem, feita através de seus ministérios atuais, ou **por meio de novas iniciativas e ações que brotem do espírito e carisma de São Pedro Nolasco**” (NORMAS, 9).

Que a personalidade multifacetária de São Pedro Nolasco na expressão de sua riqueza evangélica continue sendo para todos nós referencial de entusiasmo da nossa vocação e missão mercedária. Que sua intercessão sempre fiel nos conduza ao caminho da fidelidade ao carisma e espiritualidade que o Mistério Trinitário nos prodigalizou para o serviço do Reino de Deus.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Refletir sobre a determinação do contexto histórico na experiência de Deus feita pelos/as fundadores/as na VRC.
2. Dialogar sobre a memória histórica dos/as fundadores/as e sua consciência da ação de Deus em benefício da liberdade-libertadora do ser humano.
3. Destacar a importância da atualidade da experiência carismática-espiritual feita pelos/as fundadores/as da VRC e sua atualidade.

